



LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA



Daniel

Exemplar Avulso: R\$ 12,70. Assinatura Anual: R\$ 41,40

DANIEL · JAN | FEV | MAR 2020



PROJETOS

- 1 Construir um novo prédio para o Seminário de Teologia e expandir o Centro Educativo Adventista de Sagunto, na Espanha.
- 2 Renovar o principal edifício histórico no Colegio Adventista Marienhöhe (le-se Marimrouã), em Darmstadt, Alemanha.
- 3 Estabelecer um programa educacional de assistência para crianças vulneráveis na República Tcheca e na Eslováquia.
- 4 Edificar uma igreja com centro para atividades infantis em Sófia, na Bulgária.

DIVISÃO INTEREUROPEIA

UNIÕES	IGREJAS	GRUPOS	MEMBROS	POPULAÇÃO
Austríaca	54	10	4.219	8.809.000
Bulgária	18	104	7.084	7.076.000
Espanhola	110	54	16.748	46.687.000
Franco-Belga	164	46	17.927	76.972.000
Italiana	110	18	9.491	61.012.000
Norte-Alemã	334	16	19.196	47.642.377
Portuguesa	94	23	9.449	10.294.000
Romena	1096	243	64.295	19.596.000
Sul-Alemã	219	16	15.587	35.459.623
Suíça	54	6	4.721	8.548.000
Tcheco-Eslovaca	191	42	9.736	16.031.000
TOTAL	2.544	578	178.453	338.127.000



REAVIVADOS POR SUA PALAVRA

Uma viagem de descobrimento através da Bíblia

Dezembro	28	Jó 6	O Grande Conflito 15
	29	Jó 7	
	30	Jó 8	
	31	Jó 9	O Grande Conflito 16
Janeiro	1	Jó 10	
	2	Jó 11	
	3	Jó 12	
	4	Jó 13	
	5	Jó 14	
	6	Jó 15	O Grande Conflito 17
	7	Jó 16	
	8	Jó 17	
	9	Jó 18	
	10	Jó 19	
	11	Jó 20	
	12	Jó 21	
	13	Jó 22	O Grande Conflito 18
	14	Jó 23	
	15	Jó 24	
	16	Jó 25	
	17	Jó 26	
	18	Jó 27	
	19	Jó 28	
	20	Jó 29	
	21	Jó 30	O Grande Conflito 19
	22	Jó 31	
	23	Jó 32	
	24	Jó 33	
	25	Jó 34	
	26	Jó 35	
	27	Jó 36	O Grande Conflito 20
	28	Jó 37	
	29	Jó 38	
	30	Jó 39	
	31	Jó 40	

Fevereiro	1	Jó 41	O Grande Conflito 20
	2	Jó 42	
	3	Salmo 1	
	4	Salmo 2	O Grande Conflito 21
	5	Salmo 3	
	6	Salmo 4	
	7	Salmo 5	
	8	Salmo 6	
	9	Salmo 7	
	10	Salmo 8	O Grande Conflito 22
	11	Salmo 9	
	12	Salmo 10	
	13	Salmo 11	
	14	Salmo 12	
	15	Salmo 13	
	16	Salmo 14	
	17	Salmo 15	
	18	Salmo 16	O Grande Conflito 23
	19	Salmo 17	
	20	Salmo 18	
	21	Salmo 19	
	22	Salmo 20	
	23	Salmo 21	
	24	Salmo 22	
	25	Salmo 23	O Grande Conflito 24
	26	Salmo 24	
	27	Salmo 25	
	28	Salmo 26	
	29	Salmo 27	

Março	1	Salmo 28	
	2	Salmo 29	
	3	Salmo 30	O Grande Conflito 25
	4	Salmo 31	
	5	Salmo 32	
	6	Salmo 33	
	7	Salmo 34	
	8	Salmo 35	O Grande Conflito 26
	9	Salmo 36	
	10	Salmo 37	
	11	Salmo 38	
	12	Salmo 39	
	13	Salmo 40	
	14	Salmo 41	
	15	Salmo 42	O Grande Conflito 27
	16	Salmo 43	
	17	Salmo 44	
	18	Salmo 45	O Grande Conflito 28
	19	Salmo 46	
	20	Salmo 47	
	21	Salmo 48	
	22	Salmo 49	
	23	Salmo 50	
	24	Salmo 51	
	25	Salmo 52	
	26	Salmo 53	
	27	Salmo 54	

meu pacto solene



SEPARAR o primeiro momento de cada dia para MEDITAR NA PALAVRA DE DEUS.



SEPARAR um momento de cada dia para o estudo da LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA.



ESCOLHER dois momentos de cada dia para o CULTO FAMILIAR. Um pela manhã e outro à noite.



ESTAR em constante comunhão com Deus por meio da ORAÇÃO.



DEVOLVER FIELMENTE O DÍZIMO ao Senhor (10% de minhas rendas).



DEDICAR UMA PORCENTAGEM REGULAR de minhas rendas (%) como uma OFERTA ao Senhor.



FORMAR um novo HÁBITO SAUDÁVEL seguindo os princípios indicados por Deus.



TRABALHAR com Deus usando MEUS DONS para compartilhar as boas-novas da salvação.

ASSINATURA

Devocionais 2020

EM TODAS AS IDADES, PRIORIZE SEUS
#MOMENTOSCOMDEUS



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@livrarias@cpb.com.br



/cpbeditora

Daniel

A *Lição da Escola Sabatina* dos Adultos é preparada pelo Departamento da Escola Sabatina e Ministério Pessoal da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

20% das ofertas de cada sábado são dedicados aos projetos missionários ao redor do mundo, incluindo os projetos especiais da Escola Sabatina.

A Casa Publicadora Brasileira é a editora oficialmente autorizada a traduzir, publicar e distribuir, com exclusividade, em língua portuguesa, a *Lição da Escola Sabatina*, para todas as faixas etárias, sendo proibida a sua edição, alteração, modificação, adaptação, tradução, reprodução ou publicação, de forma total ou parcial, por qualquer pessoa ou entidade, sem a prévia e expressa autorização por escrito de seus legítimos proprietários e titulares.



ablr
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
DE LIVROS E MATERIAIS DIDÁTICOS

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

ÍNDICE

1. Da leitura à compreensão	12
2. De Jerusalém a Babilônia	25
3. Do mistério à revelação	38
4. Da fornalha ao palácio	51
5. Do orgulho à humildade	64
6. Da arrogância à destruição	77
7. Da cova dos leões à cova do anjo	90
8. Do mar tempestuoso às nuvens do Céu	103
9. Da contaminação à purificação	116
10. Da confissão à consolação	127
11. Da batalha à vitória	139
12. Do Norte e Sul à terra gloriosa	151
13. Do pó às estrelas	163

Autor: Elias Brasil de Souza

Tradutores: Carla N. Modzeleski e Amarildo Lemes de Souza

Editores: André Oliveira Santos e Adriana Teixeira

Revisoras: Joseli Nóbrega e Rosemaria Santos

Projeto Gráfico e Capa:

André Rodrigues, Eduardo Olszewski e Levi Gruber

Programação Visual: Levi Gruber

Ilustração de Capa: Thiago Lobo

Ilustrações Internas: Kalebe Carvalho

Serviço de Atendimento ao Cliente:

(15) 3205-8888

Para assinar, ligue grátis:

0800-9790606

De 2ª a 5ª, das 8h às 20h.

Sexta, das 7h30 às 15h45.

Domingo, das 8h30 às 14h.

E-mail: sac@cpb.com.br

Visite nosso site para obter

comentário adicional sobre

esta lição: www.cpb.com.br

E-mail: licaes@cpb.com.br

Twitter: @LESrpb

Exemplar Avulso: R\$ 12,70

Assinatura Anual: R\$ 41,40

5492 / 40286

Exemplar Avulso Espiral: R\$ 15,10

Assinatura Anual Espiral: R\$ 53,10

12325 / 40248

Lição + Coment. EGW - Avulso: R\$ 23,20

Lição + Coment. EGW - Ass. Anual: R\$ 77,30

15889 / 40149

A *Lição da Escola Sabatina*

constitui marca registrada

perante o Instituto Nacional

da Propriedade Industrial.

Copyright © da edição internacional: General

Conference of Seventh-day Adventists, Silver Spring,

EUA.

Direitos internacionais reservados.

Direitos de tradução e publicação em língua portuguesa reservados à



Casa Publicadora Brasileira

Rodovia SP-127 - km 106

Caixa Postal 34

18270-970 - Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800

Fax: (15) 3205-8900

www.cpb.com.br

Diretor-Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Uilson Garcia

Redator-Chefe:

Marcos De Benedicto

Gerente de Produção:

Reisner Martins

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Gerente de Vendas:

João Vicente Pereyra

Esta lição pertence a: _____

Igreja: _____ Fone: _____

TEM – TODOS ENVOLVIDOS NA MISSÃO

TEMPO PARA O TODOS ENVOLVIDOS NA MISSÃO

O que é o *Todos Envolvidos na Missão*?

O **TEM** é um esforço evangelístico da igreja mundial que envolve cada pessoa, cada igreja, cada entidade administrativa e todo tipo de ministério de divulgação pública, incluindo ações missionárias pessoais e institucionais.

É um plano intencional para alcançar pessoas ao longo do ano. O primeiro passo é descobrir as necessidades das famílias, dos amigos e dos vizinhos. O segundo passo é testemunhar como Deus satisfaz cada necessidade. O resultado é o plantio e o crescimento de igrejas com foco na conservação, na pregação, no evangelismo e no discipulado.

COMO IMPLEMENTAR O TEMPO DO TEM NA ESCOLA SABATINA

Dedique os primeiros 15 minutos* de cada lição para planejar, orar e compartilhar:

TEM VOLTADO PARA DENTRO: Planeje visitar, orar e prestar assistência aos membros desaparecidos, ou feridos, e atribua responsabilidades territoriais aos alunos. Encontre formas de ministrar às necessidades das famílias da igreja, dos membros inativos, dos jovens, dos homens e das mulheres, abordando as várias maneiras de envolver toda a igreja.

TEM VOLTADO PARA FORA: Ore e discuta formas de alcançar a comunidade, a cidade e o mundo, cumprindo a grande comissão do evangelho, semeando, colhendo e conservando. Envolver todos os ministérios da igreja enquanto planeja projetos de curto e longo prazo para alcançar pessoas para Cristo. O objetivo do **TEM** é a realização de atos conscientes de bondade. Aqui estão algumas maneiras práticas de se envolver pessoalmente: 1. desenvolva o hábito de verificar necessidades da sua comunidade; 2. faça planos para atender a essas necessidades; 3. ore pelo derramamento do Espírito Santo.

TEM VOLTADO PARA CIMA: Estudo da lição. Incentive os membros a se envolverem no estudo bíblico individual. Motive-os a se tornarem participativos no estudo da Bíblia na Escola Sabatina. Estudem para transformação, em vez de apenas buscar informação.

TEM	Tempo	Explicação
Comunhão Ações sociais e evangelísticas Missão mundial	15 min.*	Ore, planeje e se organize para agir. Alcance os membros desaparecidos com o amor de Cristo. Programe a ação missionária. Oferta para a missão.
Estudo da lição	45 min.*	Envolver todos no estudo da lição. Faça perguntas. Destaque os textos-chave.
Almoço		Planeje um almoço para a classe após o culto. ENTÃO SAIA E ALCANCE ALGUÉM PARA JESUS!

* Ajuste o tempo conforme a necessidade da igreja.

NOSSAS CRENÇAS

28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Os adventistas do sétimo dia aceitam a Bíblia como seu único credo e acreditam que certas crenças fundamentais sejam ensinamentos das Escrituras Sagradas. Essas crenças constituem o entendimento da Igreja e sua expressão desses ensinamentos. Como referência, apresentamos a seguir um resumo dessas crenças. Uma versão completa pode ser encontrada em www.adventist.org/pt/crencas.

1. AS ESCRITURAS SAGRADAS

As Escrituras Sagradas, o Antigo e o Novo Testamentos, são a Palavra de Deus escrita, dada por inspiração divina. Os autores inspirados falaram e escreveram ao serem movidos pelo Espírito Santo. As Escrituras Sagradas são a suprema, autoritativa e infalível revelação de Sua vontade (Sl 119:105; Pv 30:5, 6; Is 8:20; Jo 17:17; 1Ts 2:13; 2Tm 3:16, 17; Hb 4:12; 2Pe 1:20, 21).

2. A TRINDADE

Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua autorrevelação. Deus, que é amor, para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a criação (Gn 1:26; Dt 6:4; Is 6:8; Mt 28:19; Jo 3:16; 2Co 1:21, 22; 13:14; Ef 4:4-6; 1Pe 1:2).

3. O PAI

Deus, o eterno Pai, é o Criador, Originador, Mantenedor e Soberano de toda a criação. Ele é justo e santo, compassivo e bondoso, tardio em irar-Se e grande em constante amor e fidelidade (Gn 1:1; Dt 4:35; Sl 110:1, 4; Jo 3:16; 14:9; 1Co 15:28; 1Tm 1:17; 1Jo 4:8; Ap 4:11).

4. O FILHO

Deus, o Filho eterno, encarnou-Se em Jesus Cristo. Por meio Dele todas as coisas foram criadas, o caráter de Deus é revelado, a salvação da humanidade é efetuada, e o mundo é julgado. Sendo para sempre verdadeiramente Deus, Ele Se tornou também verdadeiramente homem, Jesus, o Cristo (Is 53:4-6; Dn 9:25-27; Lc 1:35; Jo 1:1-3, 14; 5:22; 10:30; 14:1-3, 9, 13; Rm 6:23; 1Co 15:3, 4; 2Co 3:18; 5:17-19; Fp 2:5-11; Cl 1:15-19; Hb 2:9-18; 8:1, 2).

5. O ESPÍRITO SANTO

Deus, o Espírito Santo, desempenhou uma parte ativa com o Pai e o Filho na criação, encarnação e redenção. Ele é uma pessoa tanto quanto o Pai e o Filho. Inspirou os autores das Escrituras. Encheu de poder a vida de Cristo. Atrai e convence os seres humanos; e os que se mostram sensíveis são renovados e transformados por Ele, à imagem de Deus (Gn 1:1, 2; 2Sm 23:2; Sl 51:11; Is 61:1; Lc 1:35; 4:18; Jo 14:16-18, 26; 15:26; 16:7-13; At 1:8; 5:3; 10:38; Rm 5:5; 1Co 12:7-11; 2Co 3:18; 1Pe 1:21).

6. A CRIAÇÃO

Deus revelou nas Escrituras o relato autêntico e histórico de Sua atividade criativa. Ele criou o Universo, e, numa criação recente e literal de seis dias, o Senhor fez “os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há” e, ao sétimo dia, descansou. Assim Ele estabeleceu o sábado como perpétuo memorial da Sua obra de criação (Gn 1–2; 5; 11; Êx 20:8-11; Sl 19:1-6; 33:6, 9; 104; Is 45:12, 18; At 17:24; Cl 1:16; Hb 1:2; 11:3; Ap 10:6; 14:7).

7. A NATUREZA DA HUMANIDADE

O homem e a mulher foram formados à imagem de Deus com individualidade, o poder e a liberdade de pensar e agir. Embora tenham sido criados como seres livres, cada um é uma unidade indivisível de corpo, mente e espírito, e dependente de Deus quanto à vida, respiração e tudo o mais (Gn 1:26-28; 2:7, 15; 3; Sl 8:4-8; 51:5, 10; 58:3; Jr 17:9; At 17:24-28; Rm 5:12-17; 2Co 5:19, 20; Ef 2:3; 1Ts 5:23; 1Jo 3:4; 4:7, 8, 11, 20).

8. O GRANDE CONFLITO

Toda a humanidade está agora envolvida num grande conflito entre Cristo e Satanás em relação ao caráter de Deus, Sua lei e Sua soberania sobre o Universo. Esse conflito originou-se no Céu quando um ser criado, dotado de liberdade de escolha, por exaltação própria tornou-se Satanás, o adversário de Deus, e conduziu à rebelião uma parte dos anjos (Gn 3; 6–8; Jó 1:6-12; Is 14:12-14; Ez 28:12-18; Rm 1:19-32; 3:4; 5:12-21; 8:19-22; 1Co 4:9; Hb 1:14; 1Pe 5:8; 2Pe 3:6; Ap 12:4-9).

9. VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Na vida de Cristo, de perfeita obediência à vontade de Deus, e em Seu sofrimento, morte e ressurreição, Deus proveu o único meio de expiação do pecado humano, de modo que aqueles que aceitam pela fé essa expiação possam ter vida eterna, e toda a criação compreenda melhor o infinito e santo amor do Criador (Gn 3:15; Sl 22:1; Is 53; Jo 3:16; 14:30; Rm 1:4; 3:25; 4:25; 8:3, 4; 1Co 15:3, 4, 20-22; 2Co 5:14, 15, 19-21; Fp 2:6-11; Cl 2:15; 1Pe 2:21, 22; 1Jo 2:2; 4:10).

10. A EXPERIÊNCIA DA SALVAÇÃO

Em infinito amor e misericórdia, Deus fez com que Cristo, que não conheceu pecado, fosse feito pecado por nós, para que Nele fôssemos feitos justiça de Deus. Guiados pelo Espírito Santo, sentimos nossa necessidade, reconhecemos nossa pecaminosidade, arrependemo-nos de nossas transgressões e temos fé em Jesus como Salvador e Senhor, Substituto e Exemplo (Gn 3:15; Is 45:22; 53; Jr 31:31-34; Ez 33:11; 36:25-27; Hc 2:4; Mc 9:23, 24; Jo 3:3-8, 16; 16:8; Rm 3:21-26; 8:1-4, 14-17; 5:6-10; 10:17; 12:2; 2Co 5:17-21; Gl 1:4; 3:13, 14, 26; 4:4-7; Ef 2:4-10; Cl 1:13, 14; Tt 3:3-7; Hb 8:7-12; 1Pe 1:23; 2:21, 22; 2Pe 1:3, 4; Ap 13:8).

11. CRESCIMENTO EM CRISTO

Por Sua morte na cruz, Jesus triunfou sobre as forças do mal. Aquele que, durante Seu ministério terrestre, subjogou os espíritos demoníacos, quebrou o poder do maligno e confirmou sua condenação final. A vitória de Jesus nos dá a vitória sobre as forças do mal que ainda buscamos nos controlar, ao andarmos com Ele em paz, alegria e com a certeza do Seu amor (1Cr 29:11; Sl 1:1, 2; 23:4; 77:11, 12; Mt 20:25-28; 25:31-46; Lc 10:17-20; Jo 20:21; Rm 8:38, 39; 2Co 3:17, 18; Gl 5:22-25; Ef 5:19, 20; 6:12-18; Fp 3:7-14; Cl 1:13, 14; 2:6, 14, 15; 1Ts 5:16-18, 23; Hb 10:25; Tg 1:27; 2Pe 2:9; 3:18; 1Jo 4:4).

12. A IGREJA

A igreja é a comunidade de crentes que confessam Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Em continuidade com o povo de Deus nos tempos do Antigo Testamento, somos chamados para fora do mundo; e nos unimos para adoração, para comunhão, para instrução na Palavra, para a celebração da Ceia do Senhor, para o serviço a toda a humanidade e para a proclamação mundial do evangelho (Gn 12:1-3; Êx 19:3-7; Mt 16:13-20; 18:18; 28:19, 20; At 2:38-42; 7:38; 1Co 1:2; Ef 1:22, 23; 2:19-22; 3:8-11; 5:23-27; Cl 1:17, 18; 1Pe 2:9).

13. O REMANESCENTE E SUA MISSÃO

A igreja universal é composta de todos os que verdadeiramente creem em Cristo; mas, nos últimos dias, um tempo de ampla apostasia, um remanescente tem sido chamado para fora, a fim de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Esse remanescente anuncia a chegada da hora do juízo, proclama a salvação por meio de Cristo e anuncia a aproximação de Seu segundo advento (Dn 7:9-14; Is 1:9; 11:11; Jr 23:3; Mq 2:12; 2Co 5:10; 1Pe 1:16-19; 4:17; 2Pe 3:10-14; Jd 3, 14; Ap 12:17; 14:6-12; 18:1-4).

14. UNIDADE NO CORPO DE CRISTO

A igreja é um corpo com muitos membros, chamados de toda nação, tribo, língua e povo. Em Cristo somos uma nova criação; distinções de raça, cultura e nacionalidade e diferenças entre altos e baixos, ricos e pobres, homens e mulheres não devem ser motivo de dissensões em nosso meio (Sl 133:1; Mt 28:19, 20; Jo 17:20-23; At 17:26, 27; Rm 12:4, 5; 1Co 12:12-14; 2Co 5:16, 17; Gl 3:27-29; Ef 2:13-16; 4:3-6, 11-16; Cl 3:10-15).

15. O BATISMO

Pelo batismo confessamos nossa fé na morte e na ressurreição de Jesus Cristo e testificamos nossa morte para o pecado e nosso propósito de andar em novidade de vida. Assim reconhecemos Cristo como Senhor e Salvador, tornamo-nos Seu povo e somos recebidos como membros por Sua Igreja (Mt 28:19, 20; At 2:38; 16:30-33; 22:16; Rm 6:1-6; Gl 3:27; Cl 2:12, 13).

16. A CEIA DO SENHOR

A Ceia do Senhor é uma participação nos emblemas do corpo e do sangue de Jesus, como expressão de fé Nele, nosso Senhor e Salvador. O serviço da comunhão é aberto a todos os cristãos fiéis (Mt 26:17-30; Jo 6:48-63; 13:1-17; 1Co 10:16, 17; 11:23-30; Ap 3:20).

17. DONS E MINISTÉRIOS ESPIRITUAIS

Deus concede a todos os membros de Sua Igreja, em todas as épocas, dons espirituais que cada membro deve empregar em amoroso ministério para o bem comum da Igreja e da humanidade. De acordo com as Escrituras, esses dons abrangem ministérios como a fé, profecia, cura, proclamação, ensino, administração, reconciliação, compaixão, serviço abnegado e caridade para auxílio e encorajamento das pessoas (At 6:1-7; Rm 12:4-8; 1Co 12:7-11, 27, 28; Ef 4:8, 11-16; 1Tm 3:1-13; 1Pe 4:10, 11).

18. O DOM DE PROFECIA

As Escrituras testificam que um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica da igreja remanescente e foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Seus escritos falam com autoridade profética e tornam claro que a Bíblia é a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser provados (Nm 12:6; 2Cr 20:20; Am 3:7; Jl 2:28, 29; At 2:14-21; 2Tm 3:16, 17; Hb 1:1-3; Ap 12:17; 19:10; 22:8, 9).

19. A LEI DE DEUS

Os grandes princípios da Lei de Deus são incorporados nos Dez Mandamentos e exemplificados na vida de Cristo. Expressam o amor, a vontade e os propósitos de Deus acerca da conduta e dos relacionamentos humanos e são obrigatórios a todas as pessoas, em todas as épocas. Esses preceitos constituem a base da aliança de Deus com Seu povo e a norma no juízo de Deus (Êx 20:1-17; Dt 28:1-14; Sl 19:7-14; 40:7, 8; Mt 5:17-20; 22:36-40; Jo 14:15; 15:7-10; Rm 8:3, 4; Ef 2:8-10; Hb 8:8-10; 1Jo 2:3; 5:3; Ap 12:17; 14:12).

20. O SÁBADO

O bondoso Criador, após os seis dias da criação, descansou no sétimo dia e instituiu o sábado para todas as pessoas como memorial de Sua obra. O quarto mandamento da imutável Lei de Deus requer a observância do sábado como dia de descanso, adoração e ministério, em harmonia com o ensino e a prática de Jesus, o Senhor do sábado (Gn 2:1-3; Êx 20:8-11; 31:13-17; Lv 23:32; Dt 5:12-15; Is 56:5, 6; 58:13, 14; Ez 20:12, 20; Mt 12:1-12; Mc 1:32; Lc 4:16; Hb 4:1-11).

21. MORDOMIA

Somos mordomos de Deus, responsáveis diante Dele pelo uso apropriado do tempo e das oportunidades, capacidades e posses e das bênçãos da Terra e seus recursos, que Ele colocou sob o nosso cuidado. Reconhecemos a propriedade de Deus por meio do serviço fiel a Ele e aos nossos semelhantes, devolvendo os dízimos e dando ofertas para a proclamação de Seu evangelho e para a manutenção e o crescimento de Sua igreja (Gn 1:26-28; 2:15; 1Cr 29:14; Ag 1:3-11; Ml 3:8-12; Mt 23:23; Rm 15:26, 27; 1Co 9:9-14; 2Co 8:1-15; 9:7).

22. CONDUTA CRISTÃ

Somos chamados a ser um povo piedoso, que pensa, sente e age de acordo com os princípios bíblicos em todos os aspectos da vida pessoal e social. Para que o Espírito recrie em nós o caráter de nosso Senhor, envolvemo-nos somente nas coisas que produzem em nossa vida pureza, saúde e alegria semelhantes às de Cristo (Gn 7:2; Êx 20:15; Lv 11:1-47; Sl 106:3; Rm 12:1, 2; 1Co 6:19, 20; 10:31; 2Co 6:14-7:1; 10:5; Ef 5:1-21; Fp 2:4; 4:8; 1Tm 2:9, 10; Tt 2:11, 12; 1Pe 3:1-4; 1Jo 2:6; 3Jo 2).

23. O CASAMENTO E A FAMÍLIA

O casamento foi divinamente estabelecido no Éden e confirmado por Jesus como união vitalícia entre um homem e uma mulher em amoroso companheirismo. Para o cristão, o compromisso matrimonial é com Deus e com o cônjuge, e só deve ser assumido entre um homem e uma mulher que partilhem da mesma fé (Gn 2:18-25; Êx 20:12; Dt 6:5-9; Pv 22:6; Ml 4:5, 6; Mt 5:31, 32; 19:3-9, 12; Mc 10:11, 12; Jo 2:1-11; 1Co 7:7, 10, 11; 2Co 6:14; Ef 5:21-33; 6:1-4).

24. O MINISTÉRIO DE CRISTO NO SANTUÁRIO CELESTIAL

Há um santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas na cruz. Por ocasião de Sua ascensão, Ele foi empossado como nosso grande Sumo Sacerdote e começou Seu ministério intercessório, o qual era prefigurado pela obra do sumo sacerdote no lugar santo do santuário terrestre (Lv 16; Nm 14:34; Ez 4:6; Dn 7:9-27; 8:13, 14; 9:24-27; Hb 1:3; 2:16, 17; 4:14-16; 8:1-5; 9:11-28; 10:19-22; Ap 8:3-5; 11:19; 14:6, 7; 20:12; 14:12; 22:11, 12).

25. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

A segunda vinda de Cristo é a bendita esperança da igreja, o grande ponto culminante do evangelho. A vinda do Salvador será literal, pessoal, visível e universal. Quando Ele vier, os justos mortos serão ressuscitados e, juntamente com os justos que estiverem vivos, glorificados e levados para o Céu, mas os ímpios morrerão (Mt 24; Mc 13; Lc 21; Jo 14:1-3; At 1:9-11; 1Co 15:51-54; 1Ts 4:13-18; 5:1-6; 2Ts 1:7-10; 2:8; 2Tm 3:1-5; Tt 2:13; Hb 9:28; Ap 1:7; 14:14-20; 19:11-21).

26. MORTE E RESSURREIÇÃO

O salário do pecado é a morte. Mas Deus, o único que é imortal, concederá vida eterna a Seus remidos. Até aquele dia, a morte é um estado inconsciente para todas as pessoas. Quando Cristo, que é a nossa vida, manifestar-Se, os justos ressuscitados e os justos vivos serão glorificados e arrebatados para se encontrar com seu Senhor. A segunda ressurreição, dos ímpios, ocorrerá mil anos mais tarde (Jó 19:25-27; Sl 146:3, 4; Ec 9:5, 6, 10; Dn 12:2, 13; Is 25:8; Jo 5:28, 29; 11:11-14; Rm 6:23; 1Co 15:51-54; Cl 3:4; 1Ts 4:13-17; 1Tm 6:15, 16; Ap 20:1-10).

27. O MILÊNIO E O FIM DO PECADO

O milênio é o reinado de mil anos de Cristo com Seus santos no Céu, entre a primeira e a segunda ressurreições. Nesse tempo, os ímpios mortos serão julgados, a Terra estará desolada, sem habitantes humanos com vida, mas ocupada por Satanás e seus anjos. No fim desse período, Cristo com Seus santos e a Cidade Santa descerão do Céu à Terra. Os ímpios mortos serão ressuscitados e, com Satanás e seus anjos, cercarão a cidade; mas o fogo de Deus os consumirá e purificará a Terra. Por isso, o Universo ficará eternamente livre do pecado e dos pecadores (Jr 4:23-26; Ez 28:18, 19; Ml 4:1; 1Co 6:2, 3; Ap 20; 21:1-5).

28. A NOVA TERRA

Na Nova Terra, em que habita justiça, Deus proverá um lar eterno para os remidos e um ambiente perfeito para vida, amor, alegria e aprendizado eternos, em Sua presença. Pois ali o próprio Deus habitará com Seu povo, e o sofrimento e a morte terão passado. O grande conflito estará terminado, e não mais existirá pecado. Todas as coisas, animadas e inanimadas, declararão que Deus é amor; e Ele reinará para todo o sempre. Amém! (Is 35; 65:17-25; Mt 5:5; 2Pe 3:13; Ap 11:15; 21:1-7; 22:1-5).

**Fortaleça sua vida por meio do estudo da Palavra de Deus:
acesse o site <http://reavivadosporsuapalavra.org>**

Lançamento

MKT CPB | Potolia

ELIAS BRASIL DE SOUZA

O LIVRO DE
DANIEL

Uma profecia para nosso tempo

O livro bíblico de Daniel revela que Deus está no controle da trajetória e dos assuntos humanos. Nesta obra, a interpretação das profecias se torna mais fácil e interessante com aplicações para a atualidade. Adquira já!

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | ^{WhatsApp} 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/cpbeditora

Introdução

Daniel, o profeta do fim

No início do século 20, havia uma sensação de otimismo no Ocidente. Por meio da ciência e tecnologia, a humanidade estava avançando em direção a um período áureo em que a guerra, a peste, a pobreza e a fome finalmente acabariam. Pelo menos essa era a esperança.

Porém, o século 20 provou que tal esperança era equivocada e ingênua. Isso explica o pessimismo que houve no início do século 21.

Essa realidade não deve nos surpreender, pois a Bíblia diz: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9), e Jesus disse: “Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares” (Mt 24:7).

Em meio às calamidades, temos o livro de Daniel, nosso estudo para este trimestre, uma obra relevante para nós que vivemos no *ayt qatz*, “tempo do fim” (Dn 12:9). Daniel apresenta evidências poderosas e confirmadoras da fé, em relação à nossa crença em Deus, à morte de Jesus Cristo na cruz, e à promessa de Seu retorno e tudo o que isso implica.

Nos capítulos 2, 7, 8, 11 de Daniel, temos vários ângulos da seguinte sequência de impérios: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia, Roma e o reino eterno de Deus após a segunda vinda de Cristo.

O livro de Daniel continua sendo um documento poderoso e de confirmação da fé para os adventistas do sétimo dia, que encontram em suas páginas textos fundamentais para nossa igreja, especialmente Daniel 8:14: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Esse texto é análogo a Daniel 7:22, 26, 27, onde vemos que, após o grande juízo celestial, pronunciado em favor “dos santos do Altíssimo”, o reino eterno de Deus será estabelecido. A mensagem de Daniel ainda é o que tem sido desde que foi escrita há milhares de anos: uma poderosa revelação do amor e do caráter de nosso Senhor Jesus Cristo.

Elias Brasil de Souza, PhD em teologia e exegese do Antigo Testamento pela Andrews University, atua como diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica na sede mundial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Notas do editor:

1. As perguntas do estudo de segunda a quinta-feira, com alternativas de múltipla escolha, “falso ou verdadeiro”, “assinale a alternativa correta”, etc., são elaboradas para dinamizar e facilitar o estudo da lição. Na página de sexta-feira, temos respostas sugestivas para essas questões. Porém, essas respostas não excluem a possibilidade de opiniões e interpretações diferentes, principalmente em pontos para os quais não há uma clara definição bíblica nem uma posição definida pela Igreja.
2. A versão bíblica adotada nesta Lição é a Almeida Revista e Atualizada no Brasil, 2ª edição. Outras versões utilizadas são identificadas como segue: NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje; NVI – Nova Versão Internacional; ARC – Almeida Revista e Corrigida no Brasil.

Da leitura à compreensão



VERSO PARA MEMORIZAR: “Correndo Filipe, ouviu-o ler o profeta Isaías e perguntou: Comprendes o que vens lendo?” (At 8:30).

Leituras da semana: Lc 24:25-27; 2Pe 3:11-13; Jn 3:3-10; Nm 14:34; Dn 9:23; 10:11, 12

■ **Sábado, 28 de dezembro**

Ano Bíblico: Ap 18, 19

Nossa igreja nasceu das páginas do livro de Daniel, nosso estudo para este trimestre. À medida que começamos, devemos manter os seguintes pontos em mente como um modelo para nos orientar em nosso estudo.

Primeiramente, é preciso sempre lembrar que, assim como em toda a Bíblia, Cristo é o centro do livro de Daniel.

Em segundo lugar, Daniel está organizado de uma forma que revela beleza literária e nos ajuda a compreender seu foco principal.

Terceiro, precisamos perceber a diferença entre profecias clássicas e apocalípticas. Isso nos ajudará a distinguir entre as profecias de Daniel e as de outros livros como Isaías, Amós e Jeremias.

Quarto, ao estudarmos as profecias de tempo de Daniel, devemos entender que os esboços proféticos de Daniel se estendem por longos períodos e são medidos de acordo com o princípio do dia/ano.

Quinto, devemos enfatizar que o livro de Daniel não apenas comunica informações proféticas, mas é profundamente relevante para nossa vida pessoal e o desenvolvimento da comunhão com Deus.

Dez Dias de Oração e Resgate: de 6 a 15 de fevereiro, durante os 10 Dias de Oração e Resgate, estaremos em comunhão com Deus e buscaremos pessoas afastadas de Cristo.

Cristo: o centro do livro de Daniel

1. Leia Lucas 24:25-27, João 5:39 e 2 Coríntios 1:19, 20. Em que aspectos Cristo é o centro das Escrituras?

Não há dúvida de que Cristo é central às Escrituras, e isso inclui o livro de Daniel. Por exemplo: o primeiro capítulo mostra, ainda que de maneira limitada e imperfeita, que a experiência de Daniel é análoga à de Cristo, que deixou o Céu para viver neste mundo pecaminoso e confrontar os poderes das trevas. Além disso, Daniel e seus companheiros foram dotados de sabedoria semelhante à de Jesus para enfrentar os desafios da cultura babilônica. O segundo capítulo descreve a figura da pedra do fim dos tempos (escatológica) para indicar que o reino de Cristo enfim substituirá todos os reinos do mundo. O capítulo 3 revela Cristo andando com Seus servos fiéis dentro de uma fornalha de fogo. O capítulo 4 apresenta Deus removendo Nabucodonosor de seu reino por um período, a fim de que ele pudesse entender “que o Céu domina” (Dn 4:26). A expressão “o Céu domina” nos lembra de que Cristo, como “o Filho do Homem” (Dn 7:13), recebe o domínio e o reino, conforme descrito em Daniel 7. O capítulo 5 mostra o fim do rei Belsazar e a queda de Babilônia diante dos persas durante uma noite de folia e devassidão. Isso é um prenúncio da derrota de Satanás e da destruição da Babilônia do tempo do fim por Cristo e Seus anjos. O capítulo 6 mostra a conspiração contra Daniel de maneiras que se assemelham às falsas acusações expressas contra Jesus pelos principais sacerdotes. Além disso, assim como o rei Dario tentou, em vão, poupar Daniel, Pilatos tentou, sem sucesso, poupar Jesus (Mt 27:17-24). O capítulo 7 descreve o Messias como o Filho do homem recebendo o reino e dominando sobre Seu povo. O capítulo 8 mostra Jesus como Sacerdote do santuário celestial. O capítulo 9 retrata Cristo como a vítima sacrificial cuja morte reconfirma a aliança entre Deus e Seu povo. E os capítulos 10 a 12 apresentam Jesus como Miguel, o Comandante-chefe que luta contra as forças do mal e resgata vitoriosamente o povo de Deus da opressão e até mesmo do poder da morte.

Portanto, tenhamos em mente que Jesus Cristo é central no texto de Daniel. Em cada capítulo do livro há alguma experiência ou ideia que aponta para Ele.

Em meio às lutas, provações ou em momentos de felicidade e prosperidade, como podemos aprender a manter Cristo no centro da nossa vida? Por que é tão importante fazer isso?

PRIMEIRO DEUS Peça a Deus que envie alguém com quem você possa compartilhar a verdade.

A estrutura do livro de Daniel

O livro de Daniel foi escrito em hebraico e aramaico. A seção em aramaico (capítulos 2-7) revela a seguinte estrutura, que reforça uma mensagem central dessa seção e do livro:

- A. Visão de Nabucodonosor sobre quatro reinos (Dn 2)
- B. Deus livra os companheiros de Daniel da fornalha ardente (Dn 3)
- C. Juízo sobre Nabucodonosor (Dn 4)**
- C'. Juízo sobre Belsazar (Dn 5)**
- B'. Deus liberta Daniel da cova dos leões (Dn 6)
- A'. Visão de Daniel sobre os quatro reinos (Dn 7)

Esse tipo de organização literária serve para destacar o ponto principal, colocando-o no centro da estrutura que, nesse caso, consiste em C e C' (Dn 4 e 5): Deus remove o reino de Nabucodonosor (temporariamente) e de Belsazar (permanentemente). Portanto, a ênfase dos capítulos 2-7 está na soberania de Deus sobre os reis da Terra, visto que Ele os estabelece e os remove.

Uma técnica eficaz para transmitir uma mensagem e deixar claro um ponto é a repetição. Por exemplo, Deus deu ao faraó dois sonhos sobre o futuro do Egito (Gn 41:1-7). Sete vacas gordas foram devoradas por sete vacas magras, e sete espigas saudáveis foram devoradas por sete espigas secas. Ambos os sonhos apresentam a mesma ideia: sete anos de prosperidade seriam seguidos por sete anos de escassez.

No livro de Daniel, Deus também usou a repetição. Existem quatro ciclos proféticos, que são repetições de uma estrutura básica geral. No fim, essa estrutura mostra a suprema soberania de Deus. Embora cada grande esboço profético transmita uma perspectiva distinta, juntos eles abrangem o mesmo período histórico, estendendo-se desde o tempo do profeta até o fim, como mostra o diagrama a seguir:

Daniel 2	Daniel 7	Daniel 8, 9	Daniel 10-12
Babilônia	Babilônia		
Média-Pérsia	Média-Pérsia	Média-Pérsia	Média-Pérsia
Grécia	Grécia	Grécia	Grécia
Roma	Roma	Roma	Roma
O reino de Deus é estabelecido	O juízo celestial que conduz à Nova Terra	Purificação do Santuário	Miguel Se levanta

2. Que grande esperança estes textos apresentam em relação às nossas perspectivas de longo prazo? Dn 2:44; Sl 9:7-12; 2Pe 3:11-13

Profecias apocalípticas em Daniel

As visões de Daniel são de natureza diferente da maioria das mensagens proféticas do Antigo Testamento. As profecias de Daniel pertencem à categoria de *profecias apocalípticas*, enquanto a maioria das outras profecias pertencem à categoria de *profecias clássicas*. Uma compreensão da diferença básica entre esses gêneros proféticos é essencial para o entendimento correto das profecias bíblicas.

As *profecias apocalípticas* apresentam algumas características peculiares que as diferenciam das chamadas *profecias clássicas*:

Visões e sonhos. Nas profecias apocalípticas, Deus usa principalmente sonhos e visões para transmitir Sua mensagem ao profeta. Na profecia clássica, o profeta recebe “a Palavra do Senhor”, que pode incluir visões, uma expressão que ocorre com pequenas variações cerca de 1.600 vezes nos profetas clássicos.

Simbolismo composto. Enquanto na profecia clássica há uma quantidade limitada de simbolismo, principalmente envolvendo símbolos verdadeiros, na profecia apocalíptica Deus mostra símbolos e imagens além do mundo da realidade humana, como animais híbridos ou monstros com asas e chifres.

Soberania e incondicionalidade divinas. Enquanto o cumprimento das profecias clássicas depende da resposta humana no contexto da aliança de Deus com Israel, as profecias apocalípticas são incondicionais. Nelas, o Senhor revela a ascensão e a queda dos impérios desde os dias de Daniel até o fim. Essas profecias se baseiam na presciência e soberania de Deus, e se cumprirão independentemente das escolhas humanas.

3. Leia Jonas 3:3-10. Essa é uma profecia clássica ou apocalíptica? Justifique sua resposta. E quanto a Daniel 7:6?

Conhecer os gêneros das profecias clássicas e apocalípticas nos beneficia, por três razões: 1. Esses gêneros mostram que Deus usa diferentes abordagens para comunicar a verdade profética (Hb 1:1). 2. Esse conhecimento nos ajuda a apreciar mais a beleza e a complexidade da Bíblia. 3. Aprendemos também a interpretar as profecias de acordo com o testemunho bíblico e a explicar corretamente “a palavra da verdade” (2Tm 2:15).

4. Alguns esperam que os eventos finais da História ocorram no Oriente Médio. O que há de errado com essa interpretação? Como o conhecimento da diferença entre profecias apocalípticas e clássicas nos esclarece essa questão? Os 3:4, 5; Am 8:11; Zc 9:1

O calendário de Deus

Outro conceito importante que precisamos ter em mente ao estudarmos o livro de Daniel é a abordagem historicista das profecias apocalípticas. O historicismo pode ser compreendido melhor se comparado com as visões opostas do preterismo, futurismo e idealismo.

O *preterismo* tende a ver os eventos proféticos anunciados em Daniel como tendo ocorrido no passado. O *futurismo* afirma que as mesmas profecias ainda aguardam um cumprimento. O *idealismo*, por sua vez, sustenta que as profecias apocalípticas sejam símbolos de realidades espirituais gerais sem quaisquer referentes históricos específicos.

Em contrapartida, o *historicismo* defende que, nas profecias apocalípticas, Deus revela uma sequência histórica ininterrupta, desde a época do profeta até o tempo do fim. Ao estudarmos o livro de Daniel, observaremos que cada visão principal do livro (Dn 2; 7; 8; 11) repete esse esboço histórico a partir de diferentes perspectivas e com novos detalhes. Os pioneiros adventistas, incluindo Ellen G. White, entendiam as profecias bíblicas de Daniel e Apocalipse a partir de uma abordagem historicista.

5. Leia Números 14:34 e Ezequiel 4:5, 6. Em linguagem profética, o que um “dia” geralmente representa?

Ao estudarmos o livro de Daniel, também devemos ter em mente que o tempo profético é medido de acordo com o princípio do dia/ano. Ou seja, um dia na profecia geralmente equivale a um ano no tempo histórico real. Assim, por exemplo, a profecia das 2.300 tardes e manhãs deve ser entendida como se referindo a 2.300 anos (Dn 8:14). Semelhantemente, a profecia das 70 semanas deve ser entendida como sendo 490 anos (Dn 9:24-27).

Essa escala de tempo parece correta por algumas razões: (1) Já que as visões são simbólicas, os tempos indicados também devem ser simbólicos; (2) Visto que os eventos descritos nas visões se desdobram por longos períodos de tempo, e mesmo até o “tempo do fim” em alguns casos, os períodos relacionados a essas profecias devem ser interpretados da mesma forma; (3) O princípio do dia/ano é confirmado em Daniel. Um exemplo claro é a profecia das 70 semanas, que se estendeu dos dias do rei Artaxerxes até a vinda do Messias. Portanto, o modo mais evidente e correto de entender os períodos proféticos apresentados em Daniel é interpretá-los de acordo com o princípio do dia/ano.

Algumas dessas profecias de tempo abrangem centenas, até milhares de anos. O que isso deve nos ensinar sobre paciência?

A relevância contemporânea de Daniel

Embora tenha sido escrito há mais de 2.500 anos, o livro de Daniel continua sendo relevante para o povo de Deus no século 21. Observaremos três áreas em que Daniel pode ser importante para nós. O livro mostra que:

1. *Deus continua sendo soberano em nossa vida.* Mesmo quando as coisas dão errado, o Senhor atua por entre os caprichos humanos para beneficiar Seus filhos. A experiência de Daniel em Babilônia se parece com a de José no Egito e a de Ester na Pérsia. Esses três jovens estavam cativos em países estrangeiros e sob o poder esmagador de nações pagãs. Ainda que eles parecessem fracos e abandonados por Deus, o Senhor os fortaleceu e os usou de forma poderosa. Ao enfrentar provações, sofrimentos e oposição podemos lembrar do que o Criador fez por Daniel, José e Ester. O Senhor continua sendo nosso Deus, e Ele não nos abandona mesmo em meio às nossas provações e tentações.

2. *Deus dirige o curso da História.* Às vezes nos sentimos aflitos por este mundo confuso e sem propósito, repleto de pecado e violência. Mas a mensagem de Daniel é que Deus está no controle. Em cada capítulo do livro, a mensagem é enfatizada: o Senhor dirige o curso da História. Ellen G. White declarou: “Nos registros da história humana, o crescimento das nações e a ascensão e queda de impérios aparecem como dependendo da vontade e das façanhas do ser humano. O desenvolver dos acontecimentos parece, em grande parte, determinado por seu poder, capricho ou sua ambição. Na Palavra de Deus, porém, a cortina é afastada, e podemos ver por detrás e acima, e em toda a marcha e contramarcha das paixões, do poder e dos interesses humanos a força de um Ser misericordioso, que executa, de forma silenciosa e paciente, as determinações de Sua própria vontade” (*Educação*, p. 173).

3. *Deus apresenta um exemplo para Seu povo do tempo do fim.* Daniel e seus amigos servem como exemplos para nossa vida em uma sociedade que defende uma visão de mundo muitas vezes em desacordo com a da Bíblia. Quando pressionados a transigir com sua fé e fazer concessões para com o sistema babilônico em áreas que negariam seu compromisso com o Senhor, eles permaneceram fiéis à Palavra de Deus. Sua experiência de fidelidade e compromisso absoluto com o Senhor nos encoraja ao enfrentarmos oposição e até mesmo perseguição por causa do evangelho. Ao mesmo tempo, Daniel mostra que é possível oferecer uma contribuição ao estado e à sociedade e permanecer comprometido com o Senhor.

6. Qual é o interesse de Deus em nossas lutas? Dn 9:23; 10:11, 12; Mt 10:29-31

Estudo adicional

“A Bíblia foi destinada a ser guia a todos os que desejassem se familiarizar com a vontade de seu Criador. Deus deu aos homens a segura Palavra da profecia; os anjos e mesmo o próprio Cristo vieram para tornar conhecidas a Daniel e João as coisas que em breve deveriam acontecer. Os importantes assuntos que dizem respeito à nossa salvação não foram deixados envoltos em mistério. Não foram revelados de tal maneira a tornar perplexo e transviar o honesto pesquisador da verdade. Disse o Senhor pelo profeta Habacuque: ‘Escreve a visão, e torna-a bem legível [...] para que a possa ler o que correndo passa’ (Hc 2:2, ARC). A Palavra de Deus é clara a todos os que a estudam com coração devoto. Todo coração verdadeiramente sincero virá à luz da verdade. ‘A luz semeia-se para o justo’ (Sl 97:11, ARC). E nenhuma igreja poderá progredir na santificação a menos que seus membros estejam fervorosamente em busca da verdade, como um tesouro escondido” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 521, 522).

“Estude a história de Daniel e seus companheiros. Embora eles estivessem vivendo onde estavam, deparando-se por todos os lados com a tentação de satisfazer o próprio eu, eles honraram e glorificaram a Deus na vida diária. Decidiram evitar todo o mal. Recusaram-se a se colocar no caminho do inimigo. E Deus recompensou sua lealdade inabalável com ricas bênçãos” (*Manuscript Releases*, n. 224, v. 4; Ellen G. White Estate, 1990, p. 169, 170).

Perguntas para discussão

1. Deus não é apenas soberano sobre as nações, mas também está familiarizado com cada um de nós no nível mais profundo. Como vemos em Daniel 2, Ele deu um sonho a um rei pagão. O fato de poder entrar na mente de alguém enquanto essa pessoa dorme e colocar ali um sonho revela uma proximidade que não podemos sequer começar a compreender. Ao mesmo tempo, a natureza do sonho revela que Deus controla os grandes impérios do mundo e sabe como tudo vai acabar. Essas descrições da realidade nos confortam e nos trazem esperança? Como você se sente ao saber que o Senhor conhece seus pensamentos? Por que a mensagem da cruz de Cristo é tão importante?
2. Qual é a diferença entre profecias clássicas e apocalípticas? Cite exemplos bíblicos.

Repostas e atividades da semana: 1. O próprio Jesus afirmou que as Escrituras testificam Dele; de certa maneira, toda a Bíblia converge em um único ponto: Jesus Cristo. 2. Comente com a classe. 3. A profecia da destruição de Nínive é clássica, pois, dependendo do sucesso de Jonas em convencer os habitantes dessa cidade a se arrependerem, Deus voltaria atrás e não mais destruiria a cidade. Já Daniel 7:6 se caracteriza como uma profecia apocalíptica, pois descreve um animal que não existe no mundo real. 4. Comente com a classe. 5. Um ano. 6. Comente com a classe.



RESUMO DA LIÇÃO 1

Da leitura à compreensão

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Atos 8:30*

FOCO DO ESTUDO: *Lucas 24:25-27; 2 Pedro 3:11-13; Jonas 3:3-10; Números 14:34; Daniel 9:23; Daniel 10:11, 12*

INTRODUÇÃO: *Para melhor entendermos o livro de Daniel e nos beneficiarmos dele, consideraremos três conceitos essenciais e inter-relacionados: Cristo, a literatura apocalíptica e o historicismo.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. Cristo

O que Jesus disse sobre as Escrituras do Antigo Testamento como um todo (Lc 24:44; Jo 5:39) se aplica especificamente ao livro de Daniel. Cristo é refletido tanto no tema geral quanto nas ocorrências específicas das narrativas e profecias de Daniel.

2. Literatura apocalíptica

A literatura apocalíptica visa encorajar o povo do Senhor em tempos de crise e perseguição, por meio da revelação dos abrangentes planos de Deus para a História. Esses planos culminam na libertação do povo de Deus, na erradicação do mal e no estabelecimento do Seu reino eterno.

3. Historicismo

O entendimento adventista das profecias de Daniel está fundamentado no princípio historicista, no qual se observa o cumprimento das profecias apocalípticas ao longo dos séculos. Esse é o princípio que melhor explica as profecias de Daniel (e do Apocalipse).

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Apesar da condição aparentemente irremediável do nosso mundo contemporâneo, Deus está no controle. A esperança brilha por meio das páginas de Daniel. Ali, Cristo foi entronizado como nosso supremo Comandante e Sumo Sacerdote no santuário celestial. E, à medida que a história humana se desdobra, Deus atua para derrotar o mal e estabelecer Seu reino eterno. Como Ellen G. White escreveu: “Nada temos a recear no futuro, a não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos tem conduzido” (Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, p. 31). Portanto, estudemos o livro de Daniel com fé e discernimento.*

COMENTÁRIO

1. Cristo

Um dos objetivos mais importantes do estudo da Bíblia é aprender sobre Jesus. Afinal, as Escrituras desde o Gênesis ao Apocalipse testificam Dele. O Novo Testamento apresenta cerca de 200 referências ao livro de Daniel. Proporcionalmente, Daniel é citado tanto quanto Isaías e Salmos, que são os livros mais citados, ou apresentados por meio de alusões, no Novo Testamento. Com certeza, o livro de Daniel tem muito a dizer sobre Jesus.

A seguir, examinaremos seis princípios bíblicos que nos ajudarão a melhorar o foco à medida que aprendemos sobre Cristo no livro de Daniel.

Primeiro, Jesus é revelado na progressão histórico-redentiva de Daniel. Ele é o alvo para o qual aponta a história da salvação descrita nas profecias de Daniel. Assim, Jesus é revelado nesse livro, na medida em que a trajetória histórica das relações de Deus com Seu povo e com o mundo culminam em Jesus.

Em segundo lugar, Jesus aparece no padrão de promessa-cumprimento apresentado nas profecias de Daniel. Por exemplo, Jesus é o Filho do Homem e o Messias vindouro anunciado em Daniel 7 e 9, respectivamente.

Em terceiro lugar, ao estudarmos a tipologia bíblica, aprendemos que Deus estabeleceu de antemão alguns eventos e instituições para prefigurar importantes aspectos do plano da salvação. Dessa forma, Jesus é revelado no santuário/sacerdócio/sacrifício mencionados no livro de Daniel.

Em quarto lugar, podemos perceber Jesus por analogia em alguns ensinamentos explícitos nos escritos de Daniel, que são paralelos às próprias experiências de Jesus. Por exemplo, a pressão exercida sobre os amigos de Daniel para que se prostrassem e adorassem “a imagem de ouro” (Dn 3:5) é refletida no episódio em que o diabo tentou Jesus: “E Lhe disse: Tudo isto Te darei se, prostrado, me adorares” (Mt 4:9). A fidelidade dos amigos de Daniel nos apresenta um ténue vislumbre da perfeita obediência de Jesus ao Pai.

Quinto, Jesus aparece nos temas longitudinais que apontam para Ele no Novo Testamento. Por exemplo, o amplo tema da salvação aponta para Jesus como o supremo Salvador de Seu povo.

Sexto, as referências ao livro de Daniel no Novo Testamento são outra perspectiva por meio da qual podemos encontrar Jesus. Por exemplo, Apocalipse 13:1-8 faz alusão a Daniel 7. Em Mateus 26:64 e Marcos 14:62, Jesus Se referiu a Daniel 7:13 e aplicou a Si mesmo o título de “Filho do Homem” (Veja Sidney Greidanus, *Preaching Christ from Daniel* [Pregando Cristo a partir de Daniel], Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2012).

2. Literatura apocalíptica

Dois tipos primários (gêneros) de literatura profética são encontrados na Bíblia. A profecia clássica retrata Deus agindo dentro da História para restaurar o mundo de acordo com a estrutura geográfica e étnica da aliança estabelecida com Israel (veja, por exemplo, os livros de Isaías, Jeremias e Amós). A profecia apocalíptica apresenta Deus destruindo a antiga ordem de coisas antes de restaurar a Terra. É uma abordagem mais apropriada para os tempos de crise, em que o povo de Deus precisa de esperança e da certeza de que Deus está no pleno controle do curso da História e executará a consumação de todas as coisas. Na Bíblia, a profecia apocalíptica aparece principalmente em Daniel e no Apocalipse. As profecias apocalípticas têm algumas características distintivas que devemos considerar para melhor compreendê-las:

Cumprimento único

A profecia apocalíptica é incondicional e tem cumprimento único. Ela pode ter múltiplas aplicações espirituais ou teológicas, mas aponta para um só cumprimento profético.

Esse cumprimento é uma consequência lógica da abordagem historicista, que vê a profecia apocalíptica retratando a História desde a época do profeta até o fim dos tempos (veja mais sobre o historicismo a seguir).

Recapitulação

Daniel (e também Apocalipse) usou o princípio da recapitulação ou repetição. Daniel 2 apresenta o esboço padrão da História do mundo desde a época do profeta até o tempo do fim. Depois, os capítulos 7, 8, e 10–12 recapitulam o assunto principal de Daniel 2 acrescentando outros detalhes e pontos de vista. Como disse determinado autor: “Daniel 2 descreve a restauração do reino; Daniel 7, a restauração do rei; Daniel 8, a restauração do santuário; e Daniel 10–12, a restauração do povo”. Uma compreensão clara do princípio de recapitulação oferece um controle interpretativo para o estudo das várias cadeias proféticas de Daniel, incluindo a desafiadora profecia de Daniel 11.

Princípio do dia/ano

As profecias apocalípticas utilizam o simbolismo que inclui certos períodos de tempo. Uma compreensão literal dos períodos de tempo não tem sentido, dada a magnitude dos eventos envolvidos e o contexto simbólico das profecias apocalípticas. Esses intervalos de tempo precisam ser entendidos de acordo com o princípio de que um dia na profecia representa um ano literal. Números 14:34 e Ezequiel 4:5, 6 são os textos clássicos que fundamentam o princípio do dia/ano. No entanto, diversas passagens apresentam a relação dia/ano (Gn 5; Gn 6:3; 1Sm 1:21; Jó 10:5, etc.). Finalmente, uma vez que o simbolismo das profecias apocalípticas utiliza símbolos mais simples para representar entidades mais amplas do que os próprios símbolos empregados, subentende-se dessa observação que os períodos de tempo são também “simbolizações em miniatura” de períodos de tempo maiores, isto é, um dia por um ano (Alberto Timm, *Simbolização em Miniatura e o Princípio Dia/Ano de Interpretação Profética*, Unaspress: 2004. Disponível em: <http://circle.adventist.org/files/unaspress/parousia2004023310.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2019).

3. Historicismo

Em contraste com o preterismo e o futurismo, que compreendem o cumprimento das profecias de Daniel no passado e no futuro, respectivamente, o historicismo vê o cumprimento profético das profecias de Daniel se estendendo desde o tempo do profeta até o estabelecimento do reino de Deus na Terra. Assim, o historicismo não é apenas uma teoria de interpretação profética entre outras teorias existentes; na verdade, o historicismo é a abordagem que melhor se harmoniza com o texto bíblico. Os argumentos a seguir mostram a validade desse padrão de interpretação.

Primeiro, o historicismo é o método sugerido pela própria Bíblia. Por exemplo, a sucessão de acontecimentos proféticos de Daniel 2, 7, 8, 9 é explicada a partir de uma perspectiva historicista. A sequência dos impérios mundiais que culminam no estabelecimento do reino de Deus compreende um período de tempo que se estende desde os tempos de Babilônia e Pérsia até o fim da História terrestre.

Segundo, os extensos períodos de tempo e o alcance universal das profecias apocalípticas (1.260, 2.300, 490 anos), que abrangem reinos e, finalmente, chegam até o reino de Deus, podem ser mais bem explicados de acordo com a abordagem historicista.

Terceiro, Jesus entendeu a futura destruição da cidade de Jerusalém em 70 d.C. (Mt 24:15-20; Lc 21:20-22) como o cumprimento de Daniel 9:26, 27. Paulo fez referência a vários eventos proféticos sucessivos que se cumprirão na História antes da segunda vinda de Cristo (2Ts 2:1-12).

Quarto, a abordagem historicista foi utilizada pelos primeiros Pais da Igreja e pelos reformadores. Agostinho iniciou uma mudança de perspectiva quando comparou o reino de Deus com a igreja cristã e o milênio com a era cristã.

Quinto, a abordagem historicista se fundamenta no pressuposto de que Deus trabalha ao longo dos séculos da História humana para concluir o plano da salvação. Não há lacunas nas atividades redentivas de Deus no cenário descrito nas profecias apocalípticas.

Conclusão: “Os Adventistas do Sétimo Dia acreditam que o historicismo é o método apropriado de interpretação profética a ser utilizado na interpretação dos livros de Daniel e Apocalipse. Esse método é sustentado pelas próprias Escrituras e foi utilizado durante o período da igreja primitiva. Além disso, eles acreditam que, ao utilizar esse método, também estão preservando um aspecto importante da obra de restauração dos reformadores (Don F. Neufeld, ed., *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1995, artigo intitulado “Historicism” [Historicismo], p. 20).

APLICAÇÃO PARA A VIDA

“Há necessidade de mais íntimo estudo da Palavra de Deus; especialmente Daniel e Apocalipse devem merecer a atenção como nunca antes. [...] A luz que Daniel recebeu de Deus foi dada especialmente para estes últimos dias” (Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 112, 113).

1. Qual é a sua primeira impressão do livro de Daniel? É um livro sobre cronologia profética, sobre histórias com aplicação espiritual ou sobre Cristo?
2. Como você integra esses três aspectos (cronologia profética, histórias com aplicação espiritual e centralidade de Cristo) segundo seu entendimento do livro de Daniel à luz da seguinte declaração de Ellen G. White? “O tema central da Bíblia, o tema em redor do qual giram todos os outros no livro, é o plano da redenção, a restauração da imagem de Deus no ser humano” (*Educação*, p. 125).
3. Que visão de Deus podemos obter a partir da definição de profecia apocalíptica apresentada anteriormente? Quão transformadora pode ser essa percepção para seu relacionamento com Ele?

26
TER

27
QUA

#RSP Salmos 114

#RSP Salmos 115

CPB

Agenda 2020

Em 2020,
queremos continuar
no seu dia a dia

Adquira agora
a sua agenda

Adquira já a sua
Agenda CPB 2020

De Jerusalém a Babilônia

Lição 2

VERSO PARA MEMORIZAR: “Ora, a estes quatro jovens Deus deu o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria; mas a Daniel deu inteligência de todas as visões e sonhos” (Dn 1:17).

Leituras da semana: 2Rs 21:10-16; Dn 1; Gl 2:19, 20; Mt 16:24-26; 2Co 4:17; Tg 1:5



Sábado, 4 de janeiro

Ano Bíblico: Gn 12-15

A Bíblia não se esquiva de mostrar as fraquezas da humanidade caída. De Gênesis 3 em diante, a pecaminosidade humana e seus tristes resultados são revelados com destaque. Ao mesmo tempo, também vemos casos de pessoas que demonstraram grande fidelidade a Deus, mesmo quando confrontadas com incentivos poderosos para serem qualquer coisa, menos fiéis. E alguns dos exemplos mais intensos dessa fidelidade se encontram no livro de Daniel.

Entretanto, ao estudarmos esse livro, tenhamos em mente que o verdadeiro herói da narrativa é Deus. Estamos tão acostumados com histórias que enfatizam a fidelidade de Daniel e de seus amigos que podemos nos esquecer de exaltar a fidelidade Daquele que guiou e sustentou aqueles quatro jovens ao enfrentarem o poder e a sedução do Império Babilônico. Ser fiel já é um grande desafio em nosso país e em nossa localidade, quanto mais quando enfrentamos a pressão de um país, cultura e religião estrangeiros. Mas os protagonistas humanos enfrentam os desafios porque, como o apóstolo Paulo, eles sabem em quem têm crido (2Tm 1:12) e confiam Nele.

Dez Dias de Oração e Resgate: Deus chama cada igreja para um desafio em 2020 – batizar no mínimo um ex-adventista no sábado, dia 15/2, no programa especial do Reencontro, no fim dos Dez Dias de Oração. Você aceita essa missão?

A soberania de Deus

2

À primeira vista, o livro de Daniel começa com um sombrio tom de derrota. Judá havia se rendido a Nabucodonosor e os utensílios do templo tinham sido levados de Jerusalém para a terra de Sinar. A palavra Sinar aparece na Bíblia em Gênesis 11:2 como sendo a localização da Torre de Babel. Sinar é um indício nefasto, pois faz alusão a um projeto firmado em aberta rebeldia para com Deus. Porém, embora os construtores de Babel tivessem fracassado na tentativa de alcançar o céu, as aparências exteriores sugeriram que Nabucodonosor e seus deuses, localizados na terra de Sinar, tinham dominado o Deus da aliança de Israel.

No entanto, as frases iniciais do livro de Daniel deixam claro que a derrota de Jerusalém não foi creditada ao poder superior do rei babilônico; em vez disso, ocorreu porque “O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá” (Dn 1:2). Muito antes, Deus havia anunciado que, se o Seu povo O esquecesse e quebrasse a aliança, Ele os enviaria como cativos para uma terra estrangeira. Portanto, Daniel sabia que, por trás e além do poder militar de Babilônia, o Deus do Céu estava comandando a marcha da História. Essa visão clara da soberania de Deus sustentou os jovens hebreus e lhes deu força e coragem para enfrentar a tentação e a pressão do Império Babilônico.

1. Leia 2 Reis 21:10-16; 24:18-20 e Jeremias 3:13. Por que Deus entregou Judá e Jerusalém nas mãos dos babilônios? Assinale a alternativa correta:

- A. () Por que Judá e Jerusalém fizeram o que era mau perante o Senhor.
- B. () Por causa do poder irresistível de Babilônia.

Ao enfrentarmos os desafios do século 21, precisamos retomar a percepção de Deus tão vividamente refletida no livro de Daniel. De acordo com o profeta, o Senhor a quem servimos não apenas dirige as forças da História por Sua soberania, mas também intervém misericordiosamente na vida de Seu povo para conceder-lhe auxílio crucial em tempos de necessidade. E, como veremos mais adiante, Deus fará por Seu povo no tempo do fim o que fez pelos cativos hebreus, independentemente dos vários ataques a eles e à sua fé.

Quais desafios você enfrenta, de fontes externas, de dentro da igreja ou de seus defeitos de caráter? Como você pode se apoiar no poder de Deus para vencer o que está diante de você?

Fé sob pressão

2. Leia Daniel 1. Os jovens hebreus foram pressionados a se enquadrarem a quais aspectos da cultura de Babilônia?

2

Quando chegaram a Babilônia, aqueles quatro jovens tiveram que enfrentar um perigoso desafio à sua fé e às suas convicções: eles foram selecionados para receber treinamento especial para servir ao rei. Os antigos reis costumavam recrutar alguns de seus melhores cativos para servir no palácio real e, assim, transferir sua lealdade ao rei e aos deuses do império que os haviam capturado. De fato, todo o processo pretendia efetuar algum tipo de conversão e doutrinação que resultasse em uma mudança de visão de mundo. Como parte desse processo, os cativos hebreus tiveram seus nomes alterados. Um novo nome sinalizava uma mudança de propriedade e uma mudança de destino. Portanto, ao renomear os cativos, os babilônios pretendiam exercer autoridade sobre eles e forçá-los a assimilar os valores e a cultura da Babilônia. Seus nomes originais, que apontavam para o Deus de Israel, foram substituídos por nomes que honravam as divindades estrangeiras. Além disso, o rei determinou que os rapazes comessem da comida de sua mesa. Comer da comida do rei tinha profundas implicações na Antiguidade. Significava completa lealdade ao rei e refletia dependência dele. E, como a comida era geralmente oferecida ao deus ou aos deuses do império, comer também tinha um profundo sentido religioso. Evidentemente, isso significava aceitar o sistema de adoração do rei e participar dele.

Portanto, Daniel e seus companheiros se encontravam em circunstâncias desafiadoras. Para que eles permanecessem fiéis a Deus e sobrevivessem ao poder opressor do sistema imperial era necessário nada menos que um milagre. Para complicar ainda mais, a cidade de Babilônia também se mantinha como uma expressão monumental da realização humana. A beleza arquitetônica dos templos babilônicos, os jardins suspensos e o rio Eufrates, serpenteando pela cidade, transmitiam uma imagem de poder e glória insuperáveis. Assim, Daniel e seus amigos receberam uma oportunidade de promoção e a chance de desfrutar dos benefícios e prosperidade desse sistema. Eles poderiam deixar de ser cativos hebreus e se tornarem oficiais reais. Transigiriam eles em seus princípios para trilhar o caminho fácil para a glória?

De que maneira esses rapazes poderiam ter racionalizado a decisão de transigir com suas convicções? Você enfrenta desafios semelhantes, ainda que sejam mais sutis?

Firme decisão

2

3. Em Daniel 1:7-20, vemos dois fatores em ação: o livre-arbítrio de Daniel e a intervenção de Deus. Além disso, que princípio importante aparece no texto?

Parece que os quatro cativos hebreus não se opuseram aos nomes babilônicos que lhes foram dados. Muito provavelmente, não havia nada que pudessem fazer quanto a isso, além de usar seus nomes hebraicos entre si. Mas em relação à comida e ao vinho da mesa do rei, certamente eles tinham o poder de decidir consumi-los ou não. Portanto, a livre escolha dos quatro homens foi muito importante naquele momento.

No entanto, se um oficial podia alterar seus nomes, ele também poderia alterar o cardápio. Há duas razões prováveis pelas quais os quatro não quiseram comer da mesa do rei.

Primeiramente, as refeições da mesa do rei poderiam conter carnes imundas (Lv 11). Em segundo lugar, a comida era oferecida primeiramente à imagem do deus [babilônio] e depois enviada ao rei para seu consumo. Portanto, quando Daniel, sem recorrer ao subterfúgio ou ao engano, deixou claro que seu pedido tinha uma motivação religiosa, ou seja, a comida no palácio contaminaria a ele e a seus amigos (Dn 1:8), ele estava sendo muito corajoso.

Quando analisamos a interação entre Daniel e o oficial babilônio, alguns pontos importantes se destacam. Primeiro, Daniel parecia entender bem a difícil posição do oficial. Por isso, ele propôs um teste. Dez dias para o consumo das refeições alternativas deviam ser suficientes para demonstrar os benefícios da dieta e, assim, acabar com os medos do oficial. Segundo, a certeza de Daniel de que o resultado seria muito positivo em tão pouco tempo originava-se de sua confiança absoluta em Deus. Terceiro, a escolha de uma dieta à base de vegetais e água aponta para a comida que Deus havia concedido à humanidade na criação (veja Gn 1:29), um fato que pode também ter influenciado a escolha de Daniel. Afinal, qual dieta poderia ser melhor do que a que Deus nos deu originalmente?

Por que a livre escolha de Daniel foi tão importante a ponto de abrir o caminho para que Deus agisse (veja Dn 1:9)? Quais lições podemos extrair desse relato sobre a importância de nossas decisões? Como nossa confiança em Deus deve impactar nossas escolhas?

Imaculado e sábio

2

Daniel e seus companheiros foram escolhidos para o serviço real porque se encaixavam no perfil estabelecido por Nabucodonosor. De acordo com o rei, os oficiais do palácio deviam ser “sem nenhum defeito” e de “boa aparência” (Dn 1:4). Curiosamente, os sacrifícios e as pessoas que serviam no santuário não deviam ter “defeito” (Lv 21:16-24; 22:17-25). O rei da Babilônia parecia se comparar ao Deus de Israel na medida em que ele exigia qualificações semelhantes para aqueles que serviam em seu palácio. Por outro lado, essas qualificações podem sugerir casualmente que Daniel e seus compatriotas teriam sido sacrifícios vivos para o Senhor ao enfrentarem os desafios do Império Babilônico.

4. Leia Gálatas 2:19, 20, Mateus 16:24-26 e 2 Coríntios 4:17. De acordo com esses versos, como podemos permanecer fiéis em meio às tentações que enfrentamos? Assinale a alternativa correta:

- A. () Confiando em nós mesmos e em nossa capacidade.
- B. () Negando a nós mesmos e perseverando na fé.

Deus honrou a lealdade dos quatro cativos hebreus e, ao final dos dez dias, eles pareciam mais saudáveis e mais nutridos do que os outros que comeram da mesa real. Assim, Deus concedeu aos Seus quatro servos “o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria”, e somente a Daniel o Senhor “deu inteligência de todas as visões e sonhos” (Dn 1:17). Esse dom desempenhou uma função significativa no ministério profético de Daniel.

Assim como Deus honrou a fé de seus servos na corte de Babilônia, Ele nos dá sabedoria ao enfrentarmos os desafios do mundo. A partir da experiência de Daniel e de seus companheiros, percebemos que é realmente possível permanecer incontaminados dos elementos corruptores da nossa sociedade. Também aprendemos que não precisamos nos isolar da sociedade e de sua vida cultural para servir a Deus. Daniel e seus companheiros não apenas viveram em meio a uma cultura fundamentada em mentiras, erros e mitos, mas foram instruídos nessas mentiras, erros e mitos. Contudo, eles permaneceram fiéis.

Não importa onde vivamos, enfrentamos o desafio de permanecer fiéis ao que acreditamos em meio a influências culturais e sociais contrárias a essa crença. Identifique as influências negativas em sua cultura. Você está resistindo a essas influências?

A prova final

2

5. Leia Daniel 1:17-21. Qual foi o segredo para o sucesso dos quatro jovens? (Veja também Jó 38:36; Pv 2:6; Tg 1:5).

Depois de três anos de treinamento na “Universidade da Babilônia”, os quatro hebreus foram levados perante o rei para a prova final. Eles não eram apenas mais saudáveis do que os outros alunos, mas também os superaram em conhecimento e sabedoria. Os quatro foram imediatamente contratados para servir ao rei. Não devemos nos esquecer de que esse conhecimento e sabedoria evidentemente incluíam muito paganismo. No entanto, eles aprenderam mesmo assim, e aprenderam muito bem, ainda que não acreditassem nessas coisas.

Nabucodonosor pode ter pensado que esse sucesso estivesse relacionado com a dieta do palácio e ao programa de treinamento ao qual os quatro alunos haviam sido submetidos. No entanto, Daniel e seus companheiros sabiam (e a narrativa mostra isso claramente) que seu desempenho superior não foi devido ao sistema babilônico. Tudo tinha vindo de Deus. Que exemplo poderoso do que o Senhor pode fazer por aqueles que confiam Nele! Não devemos temer o poder opressor da mídia, dos governos e de outras instituições que ameaçam destruir nossa identidade como filhos de Deus. Quando colocamos nossa confiança em Deus, podemos ter a certeza de que Ele pode nos sustentar em momentos difíceis e nos preservar contra todas as adversidades. O segredo é fazermos escolhas certas quando confrontados com desafios à nossa fé.

Observando Daniel 1, aprendemos algumas lições muito importantes sobre Deus: (1) Ele está no controle da História. (2) O Senhor concede sabedoria para que possamos nos orientar no ambiente hostil de nossa cultura e sociedade. (3) Ele honra os que confiam Nele mediante a convicção interior e o estilo de vida.

O capítulo conclui indicando que “Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro” (Dn 1:21). A menção a Ciro nesse verso é significativa: ela apresenta um vislumbre de esperança em meio a uma experiência de exílio. Ciro foi o escolhido por Deus para libertar Seu povo e permitir que ele voltasse para Jerusalém. Embora o capítulo comece com a derrota e o exílio, ele conclui com um vislumbre de esperança e uma volta ao lar. Este é o nosso Deus: nos momentos mais difíceis da nossa vida, Ele sempre abre uma janela de esperança para que vejamos a glória e a alegria que estão além do sofrimento e da dor.

Estudo adicional

2

“Daniel e seus companheiros, em Babilônia, foram aparentemente mais favorecidos pelas circunstâncias em sua juventude do que José, nos primeiros anos de sua vida no Egito; no entanto, estiveram sujeitos a provas de caráter quase tão severas como as dele. Vindo de seu lar hebreu, de relativa simplicidade, esses jovens da linhagem real foram transportados à mais magnificente das cidades, para a corte de seu maior rei, e separados, a fim de ser instruídos para o serviço especial do palácio. As tentações que os cercavam naquela corte corrupta e luxuosa eram fortes. O fato de que eles, os adoradores de Jeová, eram cativos em Babilônia, de que os utensílios da casa de Deus tinham sido postos no templo dos deuses daquela cidade e de que o próprio rei de Israel era prisioneiro nas mãos dos babilônios era orgulhosamente mencionado pelos vitoriosos como evidência de que sua religião e seus costumes eram superiores aos dos hebreus. Sob tais circunstâncias, e por meio das próprias humilhações ocasionadas pelo afastamento de Israel dos mandamentos de Deus, Ele apresentou a Babilônia evidências de Sua supremacia, da santidade de Suas ordens e do resultado certo da obediência. E esse testemunho Ele deu, como unicamente poderia ter dado, por meio daqueles que ainda mantinham firme sua fidelidade” (Ellen G. White, *Educação*, p. 54).

Perguntas para discussão

1. Fale sobre os desafios culturais e sociais que você enfrenta como cristão em sua sociedade. Quais são eles e como a Igreja pode oferecer uma resposta a esses desafios?
2. Para Daniel e seus amigos, teria sido fácil transigir quanto à sua fé; afinal, os babilônios tinham derrotado a nação judaica. O que mais era necessário para “provar” que os “deuses” babilônicos eram superiores ao Deus de Israel, e que, portanto, Daniel e seus companheiros precisavam aceitar esse fato? Nesse caso, a quais verdades bíblicas importantes eles podem ter se apegado a fim de encontrar apoio nesse período? (Jr 5:19; 7:22-34.) Por que é importante conhecer a Bíblia e entender a verdade presente?
3. Por que a fidelidade é tão importante, não apenas para nós, mas para aqueles a quem ela serve de testemunho do caráter do Senhor, a quem procuramos servir?

Respostas e atividades da semana: 1. A. 2. Os quatro hebreus foram pressionados a comer as finas iguarias do rei para que ficassem, segundo a visão do rei, inteligentes para servir em seu palácio. Eles rejeitaram as iguarias e pediram, em seu lugar, legumes e água. 3. Daniel e seus três amigos decidiram, naquilo que lhes cabia, tomar uma posição ao lado de Deus. Quanto aos seus novos nomes, não puderam fazer nada; porém, em relação à comida do rei, optaram pelos preceitos divinos. O Senhor interveio, mostrando a Aspenaz o efeito da decisão deles. 4. B. 5. O segredo foi a sabedoria concedida por Deus e a obediência ao Senhor.



RESUMO DA LIÇÃO 2

De Jerusalém a Babilônia

2

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 1:17*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 1; Gênesis 39; Ester 4; Ester 5*

INTRODUÇÃO: *Daniel 1 prepara o cenário para o que se desenrola ao longo do livro e apresenta seus principais temas. Deus surge como o personagem principal, exercendo domínio sobre reis e reinos mundiais, bem como ajudando Seu povo fiel na sua experiência de vida em terra estrangeira. Entre a multidão de cativos, quatro jovens dominam com inigualável sabedoria as complexidades da corte babilônica, enquanto se comprometem de todo o coração a permanecer fiéis ao Deus de seus pais.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. O contexto de Daniel

Mesmo em meio a um evento tão trágico quanto o exílio, Deus estava no controle. O cativo não ocorreu como um incidente inesperado desencadeado pelo poder de Babilônia, mas pela execução do mais severo juízo divino que por muito tempo havia sido anunciado sobre um povo impenitente.

2. A educação de Daniel

Enquanto passavam pelo processo educacional, Daniel e seus companheiros decidiram resistir à doutrinação do império. Embora as aparências externas indicassem que Deus havia perdido a batalha para as divindades pagãs, esses jovens permaneceram fiéis e agiram de acordo com a Palavra de Deus.

3. A sabedoria de Daniel

Um aspecto importante que caracterizou Daniel e seus companheiros foi a sabedoria deles. Essa característica se refere a algo mais do que sabedoria ou conhecimento intelectual; indica uma capacidade divinamente concedida de ver a vida a partir da perspectiva divina.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Embora a vida possa ser marcada por circunstâncias difíceis e inexplicáveis, o Deus a quem servimos tem todas as coisas sob controle e pode transformar o mal em bem. Nossa visão de mundo (cosmovisão), que consiste nas nossas ideias e convicções individuais, as quais caracterizam nossa percepção de Deus e da realidade em geral, é uma ferramenta muito importante para nos ajudar a direcionar nosso caminho na vida. Permitamos que as Escrituras sejam a fonte e o fundamento da nossa cosmovisão, como foi para Daniel.*

COMENTÁRIO

1. O contexto de Daniel

O exílio não aconteceu como um incidente inesperado, desencadeado pelo poder de Babilônia, ou por uma decisão aleatória do Senhor. Vários profetas já haviam advertido o povo de Deus de que, a menos que se arrependessem dos seus pecados e voltassem a ser

fiéis à aliança, seriam punidos pelos exércitos inimigos, que destruiriam o templo e os levariam cativos para uma terra estrangeira. O profeta Jeremias, que profetizou naqueles tempos, também exortou as autoridades do reino de Judá a se entregarem a Babilônia, porque essa era a vontade de Deus. Assim, depois de muitas advertências desprezadas, Nabucodonosor subiu a Jerusalém e submeteu Judá ao controle do Império Babilônico.

Para entender a experiência de Daniel e seus amigos, precisamos ter em mente que o exílio foi uma deportação em massa de uma população de sua terra natal, com o objetivo de destruir sua identidade e facilitar o controle pelo poder dominante. Esse tipo de deportação tinha geralmente como alvo as classes mais altas, os nobres, os líderes e os pensadores. Somente os pobres eram autorizados a permanecer na terra natal, a qual muitas vezes era devastada pela guerra. Tal estratégia política e militar era amplamente praticada no mundo antigo pelos assírios e pelos babilônios. Em 722 a.C. os assírios destruíram o norte de Israel e deportaram grande parte da sua população para outras partes do império. Judá não prestou atenção ao que aconteceu ao seu vizinho e encontrou o mesmo destino nas mãos dos babilônios.

A Bíblia registra três importantes incursões e deportações babilônicas contra Judá. A primeira aconteceu em 605 a.C., quando Nabucodonosor, depois de derrotar os egípcios em Carquemis, marchou contra Judá. Ele levou alguns cativos para Babilônia, entre os quais estavam Daniel e seus três amigos. Em 597 a.C., devido às manobras políticas de Jeoaquim, que insistiu numa aliança política com o Egito, Nabucodonosor invadiu Judá pela segunda vez e deportou outra parte da população. Entre os deportados estavam o profeta Ezequiel e o rei Joaquim, filho de Jeoaquim, que havia morrido pouco antes da invasão. Nabucodonosor estabeleceu Zedequias (tio de Joaquim) sobre o trono, esperando assegurar sua lealdade a Babilônia. Mas, apesar das contínuas advertências de Jeremias, o novo rei persistiu em buscar ajuda egípcia para resistir ao domínio babilônico. Finalmente, Nabucodonosor perdeu a paciência e em 586 a.C. marchou contra Judá; dessa vez os babilônicos destruíram Jerusalém e o templo e deportaram outra parte da população para Babilônia.

2. A educação de Daniel

Seria útil estudarmos um pouco sobre o sistema educacional babilônico. Esse conhecimento nos dá uma ideia sobre os tipos de assuntos aos quais os cativos hebreus foram expostos e que tipo de cosmovisão eles enfrentaram.

O primeiro estágio da educação babilônica envolvia o aprendizado das duas principais línguas comuns aos babilônios: o aramaico, que estava se tornando uma língua internacional na época, e o acadiano, que era a linguagem literária usada para comunicar as tradições religiosas e culturais do império. O acadiano exigia o domínio de um complexo sistema de escrita cuneiforme com centenas de caracteres. Nessa primeira etapa, os alunos estudavam textos com relatos de histórias às quais os jovens nativos da Babilônia conheciam desde a infância, como as lendas de Gilgamesh, Sargon e Nāram-Sîn.

No segundo estágio, os estudantes eram apresentados a muitos outros textos, os quais tinham como objetivo aprimorar suas habilidades literárias e ajudá-los a desenvolver uma cosmovisão babilônica. Certo autor assim descreveu esse segundo estágio: “Havia dois

propósitos nesse estágio: ocupar a mente do estudante com a ideologia teológica e política presente na capital e prepará-lo para um programa de aprendizado como um júnior *āšipu*, uma posição que, segundo o que sabemos a partir de cólofos (anotações encontradas no fim dos manuscritos antigos com informações sobre sua produção), era ocupada por muitos escribas aprendizes. No que se refere à exposição à literatura, a narração de histórias que caracterizava a primeira fase dava lugar a assuntos mais importantes, como a implantação mental de uma cosmovisão e o aprendizado de conhecimentos práticos” (A. R. George, *The Babylonian Gilgamesh Epic* [A Epopeia Babilônica de Gilgamesh], Oxford: Oxford University Press, 2005, 1:36).

Não sabemos os detalhes do currículo específico atribuído a Daniel e seus amigos. Mas a descrição mencionada anteriormente oferece uma ideia de como a educação era conduzida em Babilônia naquela época. O programa acadêmico imposto a Daniel e seus companheiros pode ter sido tão exigente quanto o que foi descrito aqui. Mas eles se destacaram em toda a sabedoria e conhecimento promovidos pela Universidade de Babilônia!

3. A sabedoria de Daniel

Um aspecto importante do caráter de Daniel e seus companheiros era a sabedoria deles. Enquanto Daniel tentava contornar os desafios da doutrinação babilônica, especialmente no que diz respeito à alimentação, ele agia com tato e sabedoria excepcionais, a fim de evitar comer do que era servido à mesa do rei. Posteriormente, Daniel e seus companheiros foram achados dez vezes mais sábios do que todos os outros sábios de Babilônia. No final do livro de Daniel, encontramos uma referência àqueles que possuem discernimento e também aos sábios, que seriam perseguidos pelas forças do mal, e que finalmente sairiam vitoriosos (Dn 11:33, 35; 12:3). Mas, para melhor apreciar o tema da sabedoria em Daniel, seria apropriado examinar como esse assunto é tratado em outras partes da Bíblia.

Um dos temas bíblicos mais fascinantes é o conceito de sabedoria. Existem até mesmo algumas partes significativas das Escrituras que são chamadas de literatura de sabedoria. Jó, Provérbios e Eclesiastes, juntamente com o Cântico dos Cânticos e vários salmos são considerados textos de sabedoria. Eles enfatizam a obediência à Lei de Deus, que geralmente resulta em um viver saudável. Além disso, normalmente, os textos de sabedoria não fundamentam sua mensagem no Êxodo nem em outros importantes eventos de livramento, mas fazem constante referência ou alusão à criação. Deus é o Criador, que estabelece as leis que governam o Universo e a sociedade. Portanto, os que observam as leis de Deus têm mais probabilidade de estar cercados pelas bênçãos divinas. O livro de Jó mostra que há exceções a essa regra. No entanto, a exceção finalmente comprova a regra, porque, no fim, Jó recebeu de volta sua vida próspera e feliz.

Daniel é retratado como um homem sábio, não porque tenha dominado as complexidades da língua e literatura dos babilônios. Em vez disso, pode-se dizer que ele era sábio por sua lealdade ao Senhor. Foi por causa das suas convicções teológicas que o servo de Deus recusou o cardápio real e optou por legumes e água, com base na dieta estabelecida pelo Altíssimo na criação. Além disso, o profeta não recebeu sua sabedoria apenas por meio de diligência e autodisciplina. Essa sabedoria foi concedida por Deus em reconhecimento

da fé e confiança que Daniel demonstrava. Tal sabedoria excedeu a todas complexidades do currículo universitário babilônico; foi a sabedoria que capacitou o profeta a interpretar sonhos e entender o abrangente plano de Deus para a História humana.

2

APLICAÇÃO PARA A VIDA

1. O livro de Daniel retrata o Senhor permitindo que uma nação estrangeira pisasse Seu próprio povo e saqueasse Seu próprio templo. O que podemos aprender sobre o caráter de Deus com base nesse evento?
2. Como as circunstâncias de Daniel na corte de Babilônia se comparam às de José no Egito e às de Ester na Pérsia? Qual deles você acredita que enfrentou os maiores desafios? Se você pudesse escolher, no lugar de quem gostaria de estar?
3. A lição desta semana abre a possibilidade para uma autoavaliação. Peça que os membros da classe reflitam sobre o seguinte exemplo: Se eu fosse Daniel ou um dos seus amigos:
 - a. O que eu pensaria sobre Deus, se Ele permitisse que um exército estrangeiro invadisse meu país, destruísse minha cultura e me levasse cativo para uma terra estrangeira?
 - b. Como agiria se me oferecessem um cargo de destaque no governo, contanto que eu participasse das festas e dos alimentos e bebidas reais?
 - c. É mais difícil ser obediente ao Senhor em sua própria terra, entre seu povo, ou entre estrangeiros em um país distante?
 - d. De que maneira posso construir uma cosmovisão que me ofereça clareza para avaliar a cultura ao meu redor e evitar suas armadilhas?
 - e. Quando enfrento desafios referentes à observância do sábado, à integridade nos negócios ou no trabalho, ou a respeito dos relacionamentos com amigos não cristãos ou não adventistas, entre outras situações, qual é a minha postura, em comparação com a de Daniel?



ASSINE · LEIA · INFORME-SE
Indispensável para todo adventista!

Assinatura anual
R\$ 35,50

QR CODE

REVISTA ADVENTISTA
POLARIZAÇÃO NO ADVENTISMO
REFLEXOS DA CONFERÊNCIA BÍBLICA DE 1919

WhatsApp
cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@livrarias@cpb.com.br

MKT CPB | Fotolia

f i t y

/cpbeditora



“Amor e disciplina
própria unem a família.”

Ellen G. White



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | ^{WhatsApp} 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Do mistério à revelação



VERSO PARA MEMORIZAR: “Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque Dele é a sabedoria e o poder” (Dn 2:20).

Leituras da semana: Dn 2:1-49; At 17:28; Sl 138; Jo 15:5; Dt 32:4; 1Pe 2:4

▣ **Sábado, 11 de janeiro**

Ano Bíblico: Gn 34-36

Nas águas que cercam a Groenlândia há icebergs de muitos tamanhos. Às vezes, os pequenos blocos de gelo se movem em uma direção, enquanto suas contrapartes imensas flutuam para outra. Os ventos da superfície conduzem os pequenos blocos, enquanto as enormes massas de gelo são levadas pelas correntes oceânicas profundas. Considerar a ascensão e a queda das nações ao longo da História é como explicar os ventos da superfície e as correntes oceânicas. Os ventos representam tudo que é mutável e imprevisível, assim como a vontade humana. Porém, outra força ainda mais poderosa e muito semelhante às correntes oceânicas atua simultaneamente com essas rajadas e ventanias. É a ação segura dos propósitos sábios e soberanos de Deus. Como disse Ellen G. White: “Como as estrelas no vasto circuito de sua indicada órbita, os desígnios de Deus não conhecem adiantamento nem tardança” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 32). Embora a ascensão e a queda de nações, ideologias e partidos políticos pareçam acontecer apenas a critério do capricho humano, Daniel 2 mostra que o Deus do Céu é quem realmente conduz a História humana para seu grande final.

Dez Dias de Oração e Resgate: utilize o relatório atualizado da secretaria da igreja para organizar a visitação às pessoas que precisam ser resgatadas. Mobilize as Unidades de Ação e os Pequenos Grupos.

A imanência de Deus

1. Leia Daniel 2:1-16. Qual foi a crise que os hebreus enfrentaram por causa do sonho que o Senhor deu ao rei?

Os sonhos eram levados a sério no mundo antigo. Quando um sonho parecia um mau presságio, muitas vezes ele indicava um desastre iminente. Assim, é compreensível que Nabucodonosor ficasse tão ansioso com um sonho do qual, para tornar as coisas ainda mais agourentas, ele não conseguia mais se lembrar. Sábios babilônios acreditavam que os deuses pudessem revelar a interpretação dos sonhos, mas, no caso desse sonho, não havia nada que os especialistas pudessem fazer porque o rei havia se esquecido do sonho. Se o conteúdo do sonho lhes fosse transmitido, eles encontrariam uma interpretação que agradasse ao rei. Entretanto, naquela situação sem precedentes, quando os especialistas foram incapazes de dizer ao rei do que o sonho se tratava, eles foram forçados a admitir que ninguém havia que pudesse “revelar diante do rei” o seu sonho e a sua interpretação, “senão os deuses, e estes não moram com os homens” (Dn 2:11).

Frustrado, o rei ordenou que os sábios de Babilônia fossem mortos. Tal atrocidade não era desconhecida no mundo antigo. Fontes históricas atestam que, por causa de uma conspiração, Dario I mandou executar todos os magos, e Xerxes ordenou que fossem mortos os engenheiros que tinham construído uma ponte que acabou desmoronando. Quando Nabucodonosor publicou seu decreto, Daniel e seus companheiros haviam acabado de concluir o treinamento e tinham sido admitidos no círculo de especialistas do rei. Por isso, o decreto de morte se aplicava também a eles. Na realidade, o idioma original sugere que o assassinato teria começado imediatamente, e Daniel e seus amigos seriam executados em seguida. Mas Daniel, “avisada e prudentemente” (Dn 2:14), abordou Arioque, o homem encarregado de efetuar as execuções. Por fim, Daniel pediu tempo ao rei para decifrar o mistério. Curiosamente, embora o rei tivesse acusado os magos de tentar “ganhar tempo”, ele prontamente atendeu ao pedido de Daniel. Aquele jovem hebreu certamente concordava com a afirmação dos magos de que nenhum ser humano podia resolver aquele mistério, mas o servo do Senhor também conhecia o Deus que podia revelar tanto o conteúdo quanto a interpretação do sonho.

Os teólogos falam sobre a “imanência” de Deus. Embora distinto da criação, Ele pode estar próximo dela. O sonho que o Senhor deu a Nabucodonosor seria uma prova de que Ele é muito imanente em relação aos seres humanos? (Veja também At 17:28).

PRIMEIRO DEUS Volte seus pensamentos a Deus em oração várias vezes ao longo do dia.

A oração

3

Daniel imediatamente reuniu seus três amigos para uma sessão de oração, explicando que eles seriam executados se Deus não revelasse o sonho. Sempre que enfrentamos um grande problema, também devemos reconhecer que o Senhor é grande o bastante para resolver até mesmo os desafios mais insolúveis.

2. Leia Daniel 2:17-23. Quais foram os dois tipos de oração feitos pelo profeta?

Dois tipos de oração são mencionados nesse capítulo. O primeiro é uma petição de Daniel a Deus para que Ele revelasse o conteúdo do sonho e sua interpretação (Dn 2:17-19). As palavras dessa oração não são conhecidas, mas a Bíblia declara que o profeta e seus amigos pediram “misericórdia ao Deus do Céu sobre o mistério, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios da Babilônia” (Dn 2:18). Enquanto oravam, Deus respondeu à petição e revelou o conteúdo e a interpretação do sonho. Podemos ter certeza de que, sempre que pedirmos “misericórdia ao Deus do Céu”, nossas orações também serão ouvidas, mesmo que não seja de maneira tão dramática como vimos nessa passagem bíblica, pois o Deus de Daniel também é o nosso Senhor.

Em resposta ao fato de que o Criador atendeu sua petição, o servo de Deus e seus amigos irromperam em uma oração de gratidão e louvor. Eles louvaram a Deus porque Ele é a fonte da sabedoria e está no controle da natureza e da história política. Há aqui uma lição importante para nós. Ao orarmos e pedirmos tantas coisas a Deus, quantas vezes louvamos e agradecemos porque Ele respondeu às nossas orações? A experiência de Jesus com os dez leprosos apresenta uma ilustração apropriada da ingratidão humana. Dos dez que haviam sido curados, apenas um retornou “para dar glória a Deus” (Lc 17:18). A resposta de Daniel não apenas nos lembra da importância do agradecimento e do louvor, mas também revela o caráter do Deus a quem oramos. Quando rogamos ao Senhor, podemos crer que Ele fará o que é melhor para nós; portanto, devemos sempre louvá-Lo e agradecer-Lhe.

Leia o Salmo 138. Como essa oração de ação de graças pode ajudá-lo a ser grato a Deus, independentemente das circunstâncias em que você se encontra?

A estátua: parte 1

3. O que foi dito em Daniel 2:24-30? Por que é tão importante que sempre nos lembremos dessas palavras? (Veja também Jo 15:5)

3

Em resposta à oração, Deus revelou o conteúdo do sonho e sua interpretação. E Daniel não hesitou em contar ao rei que a solução para o mistério veio do Deus do Céu. Além disso, antes de relatar o conteúdo do sonho e sua interpretação, ele mencionou os pensamentos e preocupações não expressos do rei quando este ficou sem dormir em sua cama. Essa informação circunstancial enfatizou ainda mais a credibilidade da mensagem, pois esse conteúdo era conhecido apenas pelo rei e foi revelado a Daniel mediante um poder sobrenatural. No entanto, ao relatar o conteúdo do sonho, o jovem hebreu arriscou desencadear outra crise, pois o sonho não era necessariamente uma boa notícia para Nabucodonosor.

4. Leia Daniel 2:31-49. De acordo com o sonho, qual era o destino do reino de Nabucodonosor? Assinale a alternativa correta:

- A. () Ser substituído pela prata, representação do Império Medo-Persa.
B. () Ser substituído pelo ferro, representação do Império Romano.

O sonho consistia em uma estátua majestosa, com sua cabeça “de fino ouro, o peito e os braços, de prata, o ventre e os quadris, de bronze; as pernas, de ferro, os pés, em parte de ferro, em parte, de barro” (Dn 2:32, 33). Por fim, uma pedra “feriu a estátua nos pés” (Dn 2:34), e toda a estrutura foi destruída e espalhada como palha ao vento. Daniel explicou que os diferentes metais representavam sucessivos reinos que substituiriam um ao outro ao longo da História. Para Nabucodonosor, a mensagem era clara: Babilônia, com todo o seu poder e glória, seria substituída por outro reino, que seria seguido por outros até que um reino de natureza completamente diferente os substituiria: o reino eterno de Deus, que durará para sempre.

Observe como as coisas humanas são fugazes e temporárias. O que esse fato nos ensina sobre a grande esperança que temos somente em Jesus (veja Jo 6:54; 2Co 4:18)?

A estátua: parte 2

5. Leia novamente o sonho e sua interpretação (Dn 2:31-49). O que isso nos ensina sobre a presciência de Deus acerca da História do mundo?

3

A profecia expressa pelo sonho de Nabucodonosor apresenta um esboço profético geral e funciona como o parâmetro para abordar as profecias mais detalhadas de Daniel 7, 8 e 11. Além disso, Daniel 2 não é uma profecia condicional, mas uma profecia apocalíptica: uma predição definitiva do que Deus anteviu e realizaria no futuro.

1. A cabeça de ouro representa Babilônia (626–539 a.C.). De fato, nenhum outro metal poderia representar melhor o poder e a riqueza do Império Babilônico do que o ouro. A Bíblia a chama de “a cidade dourada” (Is 14:4, ARC) e “um copo de ouro na mão do SENHOR” (Jr 51:7; compare com Ap 18:16). Heródoto, antigo historiador, relatou que uma abundância de ouro embelezava a cidade.

2. O peito e os braços de prata representam a Média-Pérsia (539–331 a.C.). Como a prata é menos valiosa que o ouro, o Império Medo-Pérsia nunca alcançou o esplendor do Império Babilônico. Além disso, a prata era também um símbolo apropriado para os persas porque eles a usavam em seu sistema de tributação.

3. O ventre e os quadris de bronze simbolizam a Grécia (331–168 a.C.). Ezequiel 27:13 descreve os gregos negociando objetos de bronze. Os soldados gregos eram conhecidos por sua armadura de bronze. Seus capacetes, escudos e machados de batalha eram feitos desse metal. Heródoto afirmou que Psamético I, do Egito, viu nos invasores piratas gregos o cumprimento de um oráculo que prenunciava “homens de bronze vindos do mar”.

4. As pernas de ferro representam apropriadamente Roma (168 a.C.–476 d.C.). Como Daniel explicou, o ferro representava o poder esmagador do Império Romano, que durou mais do que qualquer um dos reinos anteriores. O ferro era um metal perfeito para representar o império.

5. Os pés em parte de ferro e em parte de barro representam uma Europa dividida (476 d.C.–Segunda vinda de Cristo). A mistura do ferro com o barro apresenta uma imagem adequada do que ocorreu após a desintegração do Império Romano. Embora muitas tentativas tenham sido feitas para unificar a Europa, desde alianças matrimoniais entre as casas reais até a atual União Europeia, a divisão e a desunião prevaleceram e, de acordo com a profecia, permanecerão assim até que Deus estabeleça o reino eterno.

A pedra

6. Leia Daniel 2:34, 35, 44, 45. O que esses versos revelam sobre o destino final de nosso mundo? Assinale a alternativa correta:

- A. () O reino de Deus substituirá todos os outros e será eterno.
 B. () Haverá outro império que substituirá o reino de Deus.

O foco do sonho está no que acontecerá nos “últimos dias” (Dn 2:28). Por mais poderosos e ricos que tenham sido, os reinos de metal (e barro) nada mais são que um prelúdio do estabelecimento do reino representado pela pedra. Enquanto, até certo ponto, os metais e o barro podem ser produtos de manufatura humana, a pedra do sonho não é tocada por mãos humanas. Em outras palavras, embora cada um dos reinos anteriores deva chegar ao fim, o reino representado pela pedra durará para sempre. A metáfora da rocha, portanto, muitas vezes simboliza Deus (por exemplo, Dt 32:4; 1Sm 2:2; Sl 18:31), e a pedra também pode ser uma representação do Messias (Sl 118:22; 1Pe 2:4, 7). Sendo assim, nada é mais apropriado do que a figura de uma pedra para simbolizar o estabelecimento do reino eterno de Deus.

Alguns defendem que o reino representado pela pedra foi estabelecido durante o ministério terrestre de Jesus e que a propagação do evangelho é um indício de que o reino de Deus tomou conta do mundo inteiro. No entanto, o reino da pedra passará a existir somente depois que os quatro principais reinos caírem, e a história humana chegar aos dias dos reinos divididos, representados pelos pés e dedos da estátua. Esse fato descarta o cumprimento durante o primeiro século, pois o ministério terrestre de Jesus ocorreu durante o domínio do Império Romano, o quarto reino.

Mas a pedra deu lugar a uma montanha. Isto é, “a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a Terra” (Dn 2:35). Uma montanha como essa evoca o Monte Sião, o lugar em que ficava o templo, a representação concreta do reino terrestre de Deus nos tempos do Antigo Testamento. Curiosamente, a pedra cortada do monte se torna uma montanha, que segundo o texto já existe e provavelmente aponta para a Sião celestial, o santuário celestial, de onde Cristo virá para estabelecer Seu reino eterno. Esse reino encontrará seu cumprimento final na Jerusalém que descerá do Céu (Ap 21:1-22:5).

Até agora verificamos que as informações de Daniel 2 sobre todos os reinos estão corretas. Por que, então, é tão lógico e sábio confiar em sua profecia sobre a vinda do reino final e eterno de Deus? Por que é tão insensato não acreditar na profecia?

PRIMEIRO DEUS Peça a Deus que o ajude a ser atencioso e cortês durante esse dia.

Estudo adicional

3

É instrutivo ver que a estátua de Daniel 2 era feita de ouro e prata, metais relacionados ao poder econômico. Ela também era feita de bronze e ferro, usados para ferramentas e armas, e de barro, usado no mundo antigo para fins literários e domésticos. Assim, a estátua apresenta uma descrição vívida da humanidade e de suas realizações. De modo apropriado, as distintas partes anatômicas da estátua expressam a sucessão de reinos mundiais e a desunião final que prevalecerá nos últimos dias da História. Porém, a pedra foi descrita como algo realizado “sem auxílio de mãos” (Dn 2:45), um poderoso lembrete do fim sobrenatural que virá a este mundo transitório e a todas as suas realizações.

Embora, “a olho nu, a história humana possa parecer uma caótica interação entre forças contrárias [...], Daniel nos assegurou que, por trás de tudo isso, está Deus, observando de cima e agindo no meio delas para realizar o que Ele entende ser o melhor” (William H. Shea, *Daniel: A Reader's Guide*, Nampa, ID: Pacific Press, 2005, p. 98).

Perguntas para discussão

1. Como é bom saber que, em meio a todo o caos e sofrimento deste mundo caído, Deus está no controle e concluirá todas as coisas de maneira gloriosa! Até lá, qual é a nossa função em buscar fazer o bem para aliviar as aflições que existem ao nosso redor?
2. Por que Daniel e os cativos trabalharam de modo tão próximo e leal a um líder pagão que causou tanto dano ao povo de Israel?
3. Alguns argumentam que a pedra cortada sem auxílio de mãos se refere à propagação do evangelho. Esse é um equívoco por várias razões, entre as quais a afirmação de que a pedra esmagaria os reinos anteriores, e o vento os levaria, e deles não se veriam mais vestígios (Dn 2:35). Isso não ocorreu após a cruz. Além disso, algumas tentativas de identificar o reino da pedra com a igreja deixam de observar que esse reino substitui as outras formas de domínio humano. É um reino que abrange todo o mundo. Por isso, somente a segunda vinda de Jesus cumprirá o clímax dessa profecia. Por que, então, a volta de Cristo é a única interpretação sensata para a ação da pedra no fim dos tempos?

Respostas e atividades da semana: 1. Comente com a classe. 2. O primeiro tipo de oração foi um pedido para que Deus revelasse o sonho do rei; o segundo tipo foi uma oração de gratidão ao Senhor pela resposta à primeira oração. 3. Daniel declarou que ninguém na Terra poderia atender ao pedido do rei, somente o Deus do Céu, revelador de segredos e mistérios, a quem ele servia. Essas palavras devem permanecer em nossa mente, pois servem para confirmar nossa fé no Altíssimo sempre. 4. A. 5. O Senhor conhece todos os fatos e desdobramentos da História antes que eles aconteçam. Podemos confiar em Sua presciência. Entretanto, embora Ele conheça os fatos com antecedência, isso não significa que Ele os predetermina. 6. A.



RESUMO DA LIÇÃO 3

Do mistério à revelação

ESBOÇO

3

TEXTO-CHAVE: *Daniel 2:20*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 2; Isaías 41:26; Isaías 46:8-10*

INTRODUÇÃO: *A profecia de Daniel 2 apresenta uma visão panorâmica da história desde a época do Império Babilônico até o fim dos tempos. Mas esse sonho profético tão importante não foi dado a Daniel nem a algum outro profeta. Em vez disso, foi dado a um rei pagão. Às vezes, Deus age de maneira estranha! Ele não apenas interage com as cenas grandiosas da História mundial e as dirige, mas também se preocupa com os desafios e as experiências pessoais de Seus filhos.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. A ocasião do sonho

Deus deu o sonho a Nabucodonosor não muito tempo depois que ele ascendeu ao trono de Babilônia. Nessa época, o rei lutava para consolidar seu poder.

2. O significado do sonho

Por meio das imagens apresentadas no sonho, Deus revelou ao rei que todos os reinos do mundo finalmente desapareceriam e dariam lugar ao reino eterno de Deus.

3. O alcance do sonho

O sonho revela a ampla extensão da história desde o Império Babilônico até o fim dos tempos. Ele mostra o Senhor como o Soberano Governante de todas as potências mundiais.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Um aspecto significativo do sonho é a garantia de que podemos confiar nossa vida a Deus. O Senhor é a verdadeira fonte de sabedoria e poder. Ele respondeu à oração de Daniel e revelou ao profeta o conteúdo do sonho e a sua interpretação. Portanto, adoremos e sirvamos a esse Deus com confiança!*

COMENTÁRIO

1. A ocasião do sonho

Nabucodonosor teve o sonho durante o segundo ano de seu reinado (603 a.C.). Essa ocorrência cria uma dificuldade cronológica que abordaremos aqui. Em Daniel 1, descobrimos que Nabucodonosor invadiu Judá durante o primeiro ano de seu reinado. Naquela ocasião, ele levou Daniel e seus companheiros para Babilônia. Também aprendemos que os quatro cativos judeus participaram de um programa de treinamento que durou três anos. Daniel 2 menciona que Nabucodonosor estabeleceu o profeta como “governador de toda a província da Babilônia, como também o fez chefe supremo de todos os sábios da Babilônia” (Dn 2:48). À primeira vista, parece que, no segundo ano de Nabucodonosor, Daniel já havia terminado seu treinamento de três anos, iniciado no primeiro ano do seu

reinado. A melhor solução é considerar o “primeiro ano” mencionado em Daniel 1 como o “ano da ascensão” de Nabucodonosor, como mostra a tabela abaixo:

Treinamento de Daniel	Reinado de Nabucodonosor
Primeiro ano do cativo em Babilônia	Ano da ascensão (invasão de Judá)
Segundo ano	Primeiro ano do reinado
Terceiro ano	Segundo ano do reinado (o sonho)

Essa tabela nos ajuda a entender que o ano da ascensão de Nabucodonosor foi contado como sendo o primeiro ano do seu reinado e corresponde ao primeiro ano do cativo de Daniel. Nessa época, Nabucodonosor havia acabado de subir ao trono de Babilônia. Era um momento crítico para o novo rei. Como geralmente acontecia, o novo governante precisava consolidar seu poder, garantindo que nenhum rival ficasse em seu caminho e que os reis vassalos continuassem sob controle. Afinal de contas, era mais provável que as rebeliões e revoltas acontecessem durante essas transições de poder. Assim, durante seu segundo ano, Nabucodonosor se envolveu em várias campanhas militares para consolidar seu poder.

Sob tais circunstâncias, não é de admirar que ele tenha ficado perturbado por causa do sonho. Os sonhos poderiam prever desastres, conspiração e até a morte do rei. Assim, os babilônios dedicavam atenção constante aos sonhos. Eles compilaram uma grande coleção de livros que explicavam os métodos precisos para a interpretação dos sonhos. Os babilônios também criaram um grupo de especialistas em explicar o conteúdo apresentado nessas experiências que ocorriam durante o sono. Como certo comentarista observou: “No antigo Oriente Próximo, os adivinhos eram os líderes acadêmicos e religiosos da época. Como está relatado em *História de Babilônia*, de Beroso, os mesopotâmios acreditavam que os deuses haviam dotado as pessoas com conhecimento, mas não lhes concediam todo o saber. O conhecimento divino permanecia inacessível, exceto por meio de mensagens codificadas que exigiam o entendimento especializado dos adivinhos. Se o relato de Enmeduranki pode ser levado a sério, os mesopotâmicos acreditavam que os adivinhos só conseguiam decodificar as mensagens porque os deuses lhes revelavam as interpretações” (Wendy Widder, Daniel, *Story of God Commentary 20*, Grand Rapids: Zondervan, 2016, p. 47).

No entanto, naquelas circunstâncias, nenhum especialista poderia decodificar o sonho, porque o rei não se lembrava dele. Mas se os sábios babilônicos pudessem relatar ao rei qual era o sonho, ele saberia que podia confiar na interpretação deles. Então, frustrado com a incapacidade dos especialistas babilônicos de lhe contarem qual era seu sonho, o rei ordenou que todos fossem mortos.

2. O significado do sonho

O sonho da estátua constituída de diferentes metais indicava a sequência dos impérios mundiais, começando com Babilônia e terminando com o estabelecimento do reino eterno de Deus. Os metais diminuía em valor e aumentavam em força de cima para baixo (exceto os pés), o que pode indicar a degradação de cada império que se seguiu. Como Ellen G. White explicou:

“Babilônia, fragmentada e por fim quebrantada, passou porque em sua prosperidade seus governantes tinham-se considerado independentes de Deus, atribuindo a glória do seu reino às realizações humanas. O domínio medo-persa foi visitado pela ira do Céu porque nele a Lei de Deus tinha sido calcada a pés. O temor do Senhor não encontrou lugar no coração da grande maioria do povo. Prevalciam a impiedade, a blasfêmia e a corrupção. Os reinos que se seguiram foram ainda mais vis e corruptos; e desceram cada vez mais na escala da dignidade moral” (*Profetas e Reis*, p. 501, 502).

Como a interpretação deixa claro, cada reino chegaria ao fim e seria substituído por um poder sucessivo até que a pedra destruísse a estátua e enchesse a Terra. Porém, apesar de sua majestade e força impressionantes, aquela estátua não resistiria por muito tempo. Afinal de contas, ela estava apoiada ou alicerçada sobre pés feitos de uma mistura insegura e inconsistente de ferro e barro.

No sonho, Deus mostrou uma imagem familiar ao rei. Grandes estátuas eram bem conhecidas no mundo antigo, mas geralmente representavam deuses. Além disso, o uso de metais para representar as diferentes épocas históricas também já era conhecido pelo menos um século antes de Nabucodonosor, como vemos nos escritos de Hesíodo (c. 700 a.C.). Assim, parece que o Senhor usou algumas imagens com as quais o rei já estava familiarizado para transmitir uma mensagem totalmente desconhecida para ele. Nesse sentido, devemos destacar que um aspecto do sonho deve ter sido completamente novo para Nabucodonosor, pois não pôde ser comprovado em nenhum outro lugar além da Bíblia. Isto é, a rocha que destruiu a estátua e se tornou em uma grande montanha que encheu toda a Terra.

Rocha e montanha evocam outras passagens da Bíblia que retratam o monte do templo do Senhor estabelecido acima das colinas (Is 2:2, 3, NVI). Isaías 11:9 refere-se ao monte santo de Deus, a terra, cheia do conhecimento do Senhor. Em Isaías 6:3, toda a Terra está cheia da Sua glória. E ao longo dos Salmos, um nome favorito para Deus é “a Rocha” ou “minha Rocha” (Sl 18:2, 31, 46; Sl 19:14; Sl 28:1; Sl 31:2, 3; Sl 42:9; Sl 62:2, 6, 7; Sl 71:3; Sl 78:35; Sl 89:26; Sl 92:15; Sl 94:22; Sl 95:1; Sl 144:1). Talvez Nabucodonosor não tenha entendido todas as implicações da imagem da pedra que apareceu em seu sonho, mas qualquer um que conhecesse as Escrituras teria associado a rocha com o reino eterno de Deus.

3. O alcance do sonho

Primeiramente, o sonho revela a ampla extensão da História desde o Império Babilônico até o fim dos tempos. Foi dado a um rei pagão para indicar que o Rei dos reis é o supremo governante de todo reino humano. Por meio do sonho e de sua interpretação revelados por Daniel, Nabucodonosor recebeu um curso intensivo sobre a filosofia da História.

Em segundo lugar, a interpretação do sonho foi revelada por Deus a Daniel. Os babilônios, apesar de toda a sua formação e “publicações acadêmicas” sobre interpretação de sonhos, mostraram-se incapazes de acessar a única fonte de conhecimento capaz de resolver esse mistério.

Terceiro, quando contemplamos a estátua como símbolo dos impérios e sistemas de poder do mundo, temos a impressão de que boa parte do que a estátua representa

ainda permanece atualmente. Porém, ao olhar para a estátua como representação da sequência dos impérios mundiais, percebemos que estamos no tempo do fim. Mas, independentemente da cronologia dos eventos finais, temos a certeza de que em breve a pedra chegará!

Quarto, o sonho deve ser entendido em conexão com a oração de Daniel, que é o ponto central desse capítulo e oferece a mais importante declaração teológica sobre a sabedoria e o poder de Deus (Dn 2:20-22).

APLICAÇÃO PARA A VIDA

1. Alguma vez Deus lhe comunicou algo em sonhos? Quando você tem um sonho, como tenta explicá-lo? Acha que isso é resultado de ansiedade, distúrbios psicológicos, processos normais do cérebro ou uma mensagem de Deus? Como saber quando um sonho vem do Senhor?
2. O Criador mostrou o sonho a Nabucodonosor com imagens que lhe eram familiares para revelar o desconhecido. O que podemos aprender com esse método de ensino e aplicar em nosso trabalho para explicar o evangelho a outras pessoas?
3. A lição desta semana abre a possibilidade para uma autoavaliação. Peça que os membros da classe reflitam sobre as seguintes perguntas. Se eu fosse Daniel ou algum de seus amigos:
 - a. Como posso ter acesso ao mesmo tipo de tranquila confiança que vejo em Daniel no episódio em que ele apresentou seu caso a Deus? Tenho o mesmo senso de missão que vejo no profeta e em seus companheiros enquanto cumpriam suas responsabilidades na vida política de Babilônia?
 - b. Posso confiar no Senhor em qualquer circunstância da minha vida pessoal? Reconheço que necessito do Seu poder e sabedoria para resolver meus problemas, tanto grandes quanto pequenos? Apresente justificativas para suas respostas.
 - c. Que tipo de desafios enfrento atualmente que exigem a sabedoria divina que ajudou Daniel a interpretar o sonho do rei? Tenho a confiança de que Deus pode me conceder o mesmo tipo de sabedoria? Por quê?
 - d. De que maneira a mensagem transmitida pelo sonho me ajuda a viver a vida cristã com esperança?



SEM MAIS SEGREDOS

Adquira estes livros que lançam luz sobre muitos aspectos das profecias desse importante livro bíblico.

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

Facebook: /cpbeditora

MKT CPB | Fotolia

Série LOGOS

Comentário Bíblico Adventista

O quarto volume analisa os livros de Isaías até Malaquias.



Além do comentário sobre o texto bíblico dos capítulos de Daniel, tenha uma variedade de artigos que abordam diferentes aspectos da história, arqueologia, cultura, formação do texto e do cânon das Escrituras.



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@livrarias@cpb.com.br



/cpbeditora

Da fornalha ao palácio

Lição

4

VERSO PARA MEMORIZAR: “Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, Ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei” (Dn 3:17).

Leituras da semana: Dn 3; Ap 13:11-18; Êx 20:3-6; Dt 6:4; 1Co 15:12-26; Hb 11



Sábado, 18 de janeiro

Ano Bíblico: Êx 5-8

“Assim aqueles jovens, imbuídos do Espírito Santo, declararam a toda a nação a sua fé, que Aquele que adoravam era o único Deus vivo e verdadeiro. Essa demonstração de sua fé foi a mais eloquente apresentação de seus princípios. Para impressionar os idólatras com o poder e a grandeza do Deus vivo, Seus servos devem revelar sua reverência para com Ele. Têm que tornar manifesto que o Senhor é o único objeto de sua honra e culto, e que consideração alguma, nem mesmo a preservação da vida, os pode induzir a fazer a menor concessão à idolatria. Essas lições têm influência direta e vital sobre nossa experiência nestes últimos dias” (Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais*, p. 149). Embora a ideia de enfrentar ameaça de morte por causa da questão da adoração possa parecer algo de uma época pré-científica e supersticiosa, as Escrituras revelam que no fim dos tempos, quando o mundo tiver “avançado” grandemente, algo semelhante ocorrerá, mas em escala mundial. Portanto, a partir do estudo dessa história, obtemos ideias sobre os problemas que, de acordo com as Escrituras, os fiéis de Deus enfrentarão.

Dez Dias de Oração e Resgate: [ore por cinco amigos que já pertenceram à nossa comunidade e estão longe de Jesus. Planeje uma visita a essas pessoas. Peça que o Espírito Santo use você para resgatá-las.](#)

A estátua de ouro

1. Leia Daniel 3:1-7. O que provavelmente tenha motivado o rei a fazer a estátua?

4

Cerca de vinte anos podem ter decorrido entre o sonho relatado no capítulo 2 e a construção da estátua. No entanto, parece que o rei não podia mais se esquecer do sonho e do fato de que Babilônia estava condenada a ser substituída por outros poderes. Não satisfeito em ser apenas a cabeça de ouro, o rei queria ser representado por uma estátua inteira de ouro, a fim de comunicar aos seus súditos que seu reino duraria ao longo de toda a História.

Essa atitude de orgulho nos lembra dos construtores da Torre de Babel, que, em sua arrogância, tentaram desafiar o próprio Deus. Não menos arrogante foi Nabucodonosor nessa ocasião. Ele havia realizado muitas coisas como governante de Babilônia e não podia viver com a ideia de que seu reino, por fim, passaria. Por isso, em um esforço de exaltação própria, o rei construiu uma estátua para evocar seu poder e, assim, avaliar a lealdade de seus súditos. Embora não esteja claro se a estátua pretendia representar o rei ou uma divindade, devemos ter em mente que, na Antiguidade, as linhas que separavam a política da religião eram muitas vezes indistintas, se é que existiam.

Devemos lembrar também que Nabucodonosor havia tido duas oportunidades de se familiarizar com o verdadeiro Deus. Primeiramente, ele tinha provado os jovens hebreus e os havia achado dez vezes mais sábios do que os sábios de Babilônia. Em seguida, depois que todos os outros especialistas falharam em lembrá-lo de seu sonho, Daniel relatou a ele os pensamentos de sua mente, o sonho e sua interpretação. Por fim, o rei havia reconhecido a superioridade do Deus de Daniel. Mas, surpreendentemente, essas lições anteriores da teologia não impediram Nabucodonosor de voltar à idolatria. Por quê? Provavelmente, por causa do orgulho. O ser humano pecaminoso resiste em reconhecer o fato de que suas realizações materiais e intelectuais são vaidade e estão condenadas ao desaparecimento. Às vezes, podemos agir como pequenos “Nabucodonosores”, ao darmos demasiada atenção às nossas realizações e nos esquecermos de como são insignificantes diante da eternidade.

Como evitar cair, ainda que de modo sutil, na mesma armadilha em que Nabucodonosor caiu?

O chamado à adoração

2. Leia Daniel 3:8-15 e Apocalipse 13:11-18. Quais paralelos podemos ver entre o que aconteceu no tempo de Daniel e o que acontecerá no futuro?

A estátua de ouro na planície de Dura, cujo nome em acadiano significa “lugar murado”, dava àquela área murada a impressão de um vasto santuário. Como se não bastasse, a fornalha próxima podia muito bem lembrar um altar. A música babilônica devia ser parte da liturgia. Sete tipos de instrumentos musicais foram listados, como que para transmitir a perfeição e eficácia do protocolo de adoração.

Hoje, somos bombardeados por apelos para que adotemos novos estilos de vida, novas ideologias, abandonemos nosso compromisso com a autoridade de Deus expressa em Sua Palavra e rendamos nossa lealdade aos sucessores contemporâneos do Império Babilônico. A sedução do mundo às vezes parece esmagadora, mas devemos nos lembrar de que nossa lealdade suprema pertence ao Deus Criador.

De acordo com o calendário profético, estamos vivendo nos últimos dias da História da Terra. Apocalipse 13 anuncia que os habitantes da Terra serão chamados a adorar a imagem da besta. Essa entidade fará com que “todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos” recebam “certa marca sobre a mão direita ou sobre a frente” (Ap 13:16).

O Apocalipse declara que seis categorias de pessoas oferecem sua lealdade à imagem da besta: “os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos”. O número da besta, que é 666, também enfatiza o número seis. Isso mostra que a estátua erguida por Nabucodonosor é justamente uma ilustração do que a Babilônia escatológica fará nos últimos dias (veja em Daniel 3:1 os números seis e sessenta). Portanto, fazemos bem em prestar muita atenção ao que ocorre nessa narrativa e como Deus conduz de modo soberano os assuntos do mundo.

Adorar não é apenas se curvar diante de algo ou alguém e lhe declarar abertamente lealdade suprema. Quais são outras maneiras, muito mais sutis, de adorar algo que não seja o Senhor?

A prova de fogo

Para os três hebreus, a adoração da estátua imposta pelo rei era uma flagrante contrafação da adoração no templo em Jerusalém, que eles tinham vivenciado em seus primeiros anos. Embora eles ocupassem cargos no império e fossem leais ao rei, sua fidelidade a Deus estabelecia um limite à sua lealdade humana. Eles certamente estavam dispostos a continuar servindo ao rei como administradores fiéis; no entanto, não podiam participar da cerimônia.

4

3. Leia Êxodo 20:3-6 e Deuteronômio 6:4. O que deve ter influenciado a decisão dos três homens? Assinale a alternativa correta:

- A. () O medo de que Deus os amaldiçoasse caso fizessem algo errado.
 B. () O mandamento de adorar unicamente o Deus Criador.

Seguindo as instruções dadas pelo rei, todas as pessoas, ao som dos instrumentos musicais, curvaram-se e adoraram a estátua de ouro. Somente os três (Sadraque, Mesaque e Abede-Nego) ousaram desobedecer ao rei. Imediatamente, alguns babilônios levaram a questão à atenção do monarca. Os acusadores buscaram enfurecê-lo, dizendo que: (1) tinha sido o próprio rei que havia colocado aqueles três jovens para administrar a província de Babilônia; (2) que os homens judeus não serviam aos deuses do rei; e que (3) eles não adoravam a imagem de ouro que Nabucodonosor havia estabelecido (Dn 3:12). Mas apesar de sua fúria contra eles, o rei ofereceu aos três homens uma segunda chance. Ele estava disposto a repetir todo o procedimento para que aqueles homens pudessem se retratar e adorar a imagem. Se eles se recusassem a obedecer, seriam jogados na fornalha ardente. E Nabucodonosor encerrou seu apelo com uma afirmação muito arrogante: “E quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?” (Dn 3:15).

Dotados de coragem sobrenatural, eles responderam ao rei: “Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, Ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste” (Dn 3:17, 18).

Embora soubessem que seu Deus poderia livrá-los, os três jovens não tinham a garantia de que Ele o faria. No entanto, eles se recusaram a obedecer à ordem do rei, mesmo sabendo que poderiam ser queimados vivos. Como podemos obter esse tipo de fé?

O quarto homem

4. Leia Daniel 3:19-27. O que aconteceu? Quem era a outra pessoa na fornalha? Assinale “V” para verdadeiro ou “F” para falso:

- A. () O fogo não queimou aqueles homens. Jesus Cristo ficou com eles na fornalha.
- B. () A fornalha acabou se apagando, e o rei desistiu da ideia de jogá-los ali.

Tendo jogado os fiéis hebreus na fornalha, Nabucodonosor ficou perplexo ao perceber a presença de uma quarta pessoa em meio ao fogo. Pelo que era de seu conhecimento, o rei identificou a quarta figura como “um filho dos deuses” (Dn 3:25).

Nabucodonosor não conseguiu dizer muito mais, porém sabemos quem era Aquele quarto personagem. Ele havia aparecido a Abraão antes da destruição de Sodoma e Gomorra, lutado com Jacó ao lado do vau de Jaboque e Se revelado a Moisés em uma sarça ardente. Era Jesus Cristo em uma forma pré-encarnada vindo mostrar que Deus permanece com Seu povo em suas provações.

Ellen G. White diz: “O Senhor não esqueceu os Seus. Sendo Suas testemunhas lançadas na fornalha, o Salvador Se lhes revelou em Pessoa e junto com eles andava no meio do fogo. Na presença do Senhor do calor e do frio, as chamas perderam seu poder de consumir” (*Profetas e Reis*, p. 508, 509).

Deus declarou em Isaías: “Quando passares pelas águas, Eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti” (Is 43:2).

Embora amemos histórias como essa, ela nos faz indagar sobre outros que não foram miraculosamente livrados da perseguição por causa de sua fé. Aqueles homens certamente conheciam a experiência de Isaías e Zacarias, que haviam sido mortos por reis impiedosos. Em toda a História sagrada, até hoje, cristãos fiéis suportaram sofrimentos terríveis cujo fim, pelo menos aqui na Terra, não foi um livramento miraculoso, mas uma morte dolorosa. O relato de Daniel foi um caso em que os fiéis foram livrados de forma extraordinária, mas, como sabemos, essas coisas geralmente não acontecem.

Qual livramento miraculoso ocorrerá com todos os fiéis de Deus, independentemente de seu destino aqui na Terra? (Veja 1Co 15:12-26).

O segredo de uma fé vitoriosa

Ao refletirmos sobre a experiência de Sadraque, Mesaque e Abede-Ne-go, podemos nos perguntar: *qual é o segredo de uma fé tão forte?* Como aqueles homens poderiam estar dispostos a ser queimados vivos em vez de adorar a estátua? Eles poderiam ter racionalizado o ato de se curvar em submissão às ordens do rei. No entanto, apesar de perceberem que poderiam ter morrido, como muitos outros haviam morrido, eles permaneceram firmes.

4

5. O que Hebreus 11 nos ensina sobre fé?

Para desenvolver essa fé, precisamos entender o que ela é. Algumas pessoas têm uma percepção quantitativa da fé; elas medem sua fé pelas respostas que parecem receber de Deus. Elas vão ao shopping e oram por uma vaga no estacionamento. Se elas conseguem uma vaga logo na chegada, concluem que têm uma fé forte. Se todas as vagas estão ocupadas, elas podem pensar que sua fé não seja forte o suficiente para que Deus ouça suas orações. Essa compreensão da fé torna-se perigosa porque tenta manipular Deus e não considera Sua soberania e sabedoria.

A verdadeira fé, manifestada pelos amigos de Daniel, é medida pela qualidade de nosso relacionamento com o Senhor e sua resultante confiança absoluta Nele. A fé autêntica não busca dobrar a vontade de Deus para que ela se conforme ao nosso desejo; antes, a fé rende nossa vontade à de Deus. Como vimos, os três hebreus não sabiam exatamente o que Ele tinha reservado para eles quando decidiram enfrentar o rei e permanecer fiéis ao Senhor. Eles escolheram fazer a coisa certa, a despeito das consequências. Isso é o que realmente caracteriza uma fé madura. Mostramos verdadeira fé quando pedimos ao Senhor o que desejamos, mas confiamos que Ele fará o melhor para nós, mesmo que no momento não entendamos o que está acontecendo nem o porquê.

Como exercitar a fé todos os dias, mesmo nas “pequenas coisas”? Por que, em muitos aspectos, as provas nas “pequenas coisas” são as mais importantes?

PRIMEIRO DEUS Não permita que o egoísmo tome o lugar do amor em sua vida.

Estudo adicional

“Importantes são as lições a serem aprendidas da experiência dos jovens hebreus na planície de Dura. Nos dias atuais, muitos servos de Deus, embora inocentes de qualquer obra má, serão levados ao sofrimento, humilhação e abuso às mãos daqueles que, inspirados por Satanás, estão cheios de inveja e fanatismo religioso. A ira do homem será especialmente despertada contra os que santificam o sábado do quarto mandamento; e por fim um decreto universal denunciará estes como dignos de morte.

“Os tempos de provação que estão diante do povo de Deus reclamam uma fé que não vacile. Seus filhos devem tornar manifesto que Ele é o único objeto do seu culto, e que nenhuma consideração, nem mesmo o risco da própria vida, pode induzi-los a fazer a mínima concessão a um culto falso. Para o coração leal, as leis de homens pecaminosos e finitos se tornam insignificantes ao lado da Palavra do eterno Deus. A verdade será obedecida, embora o resultado seja prisão, exílio ou morte” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 512, 513).

4

Perguntas para discussão

1. Leia 1 Pedro 1:3-9. Por que Deus resgata do sofrimento algumas pessoas, mas não outras? Talvez só obteremos a resposta para perguntas como essa quando chegarmos ao Céu. Nos casos em que os livramentos miraculosos não ocorrem, por que precisamos confiar na bondade de Deus, apesar desses desapontamentos?
2. Se esse incidente tivesse terminado com a morte dos hebreus na fornalha ardente, quais lições ainda poderíamos tirar dessa história?
3. A partir da nossa compreensão dos eventos dos últimos dias, qual será o sinal exterior, a questão em cujo centro está a Pessoa que adoramos? O que isso revela sobre a importância do sábado?
4. Leia Lucas 16:10. De acordo com as palavras de Cristo, o que significa verdadeiramente viver pela fé?
5. Em Daniel 3:15, Nabucodonosor disse: “Quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?” Como você responderia a essa pergunta?

Respostas e atividades da semana: 1. Seu orgulho e arrogância por ser o rei mais poderoso do mundo naquela época. Ele alimentou a ilusão de que seu reino não seria destruído. 2. Em ambas as passagens bíblicas, vemos Babilônia forçando a adoração à sua imagem. 3. B. 4. V; F. 5. “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11:1). Comente com a classe.



RESUMO DA LIÇÃO 4

Da fornalha ao palácio

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 3:17, 18*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 3; Apocalipse 13:11-18; Êxodo 20:3-5; Deuteronômio 6:4; 1 Coríntios 15:12-26; Hebreus 11*

INTRODUÇÃO: *A experiência histórica dos amigos de Daniel nos oferece um exemplo concreto do que significa estar sob pressão por causa da lealdade a Deus.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. Adoração

A questão mais crucial em jogo nessa narrativa é a adoração. Provavelmente, Nabucodonosor não estivesse exigindo adoração exclusiva. Os três jovens hebreus poderiam continuar adorando o Deus deles, Yahweh. Se tivessem se prostrado perante a imagem, teriam sido poupados de qualquer problema.

2. Fidelidade

As profundas convicções dos três jovens hebreus não lhes permitiram realizar um gesto externo que fosse contrário à teologia deles. Para eles, tais ações tiveram graves consequências.

3. Livramento

Embora os três exilados hebreus não tivessem dúvidas quanto à capacidade divina de livrá-los do fogo, eles não tinham certeza de que isso aconteceria. Essa incerteza está implícita na expressão “Se não” (Dn 3:18). Mesmo assim, preferiam morrer a comprometer sua lealdade a Deus.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Todos nós enfrentamos circunstâncias que exigem que assumamos uma posição firme e definida, mostrando claramente onde está nossa suprema lealdade. A lição mais importante que aprendemos com o episódio da fornalha ardente não é o livramento dos três exilados hebreus. Em vez disso, a mensagem principal está no fato de que o Senhor os fortaleceu, eles não temeram a morte, e Deus caminhou com eles no fogo.*

COMENTÁRIO

1. Adoração

Nabucodonosor parece ter entendido muito bem a mensagem transmitida pela estátua de vários metais de seu sonho. Ele não queria ser apenas a cabeça de ouro, mas desejava que seu reino fosse a estátua inteira, da cabeça aos pés. Na busca desse objetivo, tentou usurpar os atributos do Criador. Então, ao fazer uma imagem (hebraico: *tselem*), o rei ironicamente imitou o ato de Deus de criar a humanidade segundo à Sua própria imagem (*tselem*; Gn 1:26, 27). Assim, Nabucodonosor, consumido pela arrogância, construiu uma imagem. Mas isso não era uma simples obra de arte; era um objeto de adoração.

E a acusação levantada contra os três exilados hebreus foi a de que eles não adoraram a imagem de ouro nem serviram aos deuses de Nabucodonosor (Dn 3:12, 14). O plural “deuses” sugere que a imagem pode ter sido uma representação dos “deuses” babilônicos e não de uma única divindade. As medidas da imagem (60x6 côvados) evocam o sistema sexagesimal da Babilônia, em oposição ao sistema decimal utilizado no Egito. Além disso, as proporções da imagem (10:1) indicam que ela não seguia as proporções normais de uma figura humana (5:1 ou 6:1). Então, a menos que a estátua tivesse um grande pedestal, ela se pareceria mais com um gigantesco pilar ou coluna parcialmente esculpida.

Ao promover tal cerimônia litúrgica, provavelmente o rei quisesse assegurar a lealdade de governadores e ministros ao sistema e à ideologia do império. No mundo antigo, a religião e a política eram fortemente interligadas. Assim, o patriotismo era expresso por meio da adoração dos deuses nacionais. Por isso, a recusa dos três exilados hebreus de adorar a imagem de ouro não foi apenas um ato de divergência religiosa, mas uma rejeição explícita das reivindicações totalitárias da ideologia política e religiosa de Babilônia. Os cativos hebreus nunca dariam ao império o que era devido somente a Deus.

2. Fidelidade

Numa advertência contra a idolatria, Moisés lembrou aos israelitas que “o único Ser digno da adoração de Israel era o Deus que os havia tirado da ‘fornalha de ferro do Egito’, para que fossem Sua herança (Dt 4:20; comparar com 1Rs 8:51; Jr 11:4). O servo do Senhor rogou ao povo que guardasse a aliança e não fizesse nenhum tipo de ídolo. Na segunda advertência, ele disse que a razão pela qual os israelitas não deveriam se entregar à idolatria era que o Deus deles ‘é fogo que consome, é Deus zeloso’ (Dt 4:24). Olhando para o futuro de Israel, Moisés disse ao povo que, se (e quando) ele se entregasse à idolatria, Deus o expulsaria da terra prometida para lugares em que a idolatria era a ordem do dia. Entretanto, caso o povo voltasse a adorar e a obedecer somente a Deus, Ele não o abandonaria nem o destruiria, mas Se lembraria da Sua aliança. O Senhor o havia salvo da fornalha do cativeiro egípcio para torná-lo Seu povo. Em retribuição, Ele exigia sua fiel e exclusiva adoração” (Wendy Widder, *Daniel*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 2016, p. 65).

Os cativos hebreus não se aproveitaram das circunstâncias para racionalizar seu compromisso com o Deus verdadeiro. Eles poderiam simplesmente ter racionalizado sua decisão a fim de evitar um confronto com o rei: “Vamos nos prostrar diante dessa imagem, mas em nosso coração, permaneceremos fiéis a Deus. Quem se importará com isso?” Mas eles não agiram assim. É importante destacar que, no ambiente politeísta do antigo Oriente Próximo, nenhuma divindade exigia lealdade exclusiva. Uma pessoa poderia ser devota de Marduque e também adorar, digamos, Ishtar. Antes do exílio, muitos israelitas caíram nessa armadilha. Eles adoravam ao Senhor, mas, ao mesmo tempo, sacrificavam a Baal e a outras divindades que supunham ser mais úteis para eles em determinadas áreas da vida. Somente o Deus da aliança dos hebreus exigia exclusividade de Seus adoradores (Êx 20:3-5; Dt 6:4); e os três cativos hebreus corresponderam a essa exigência.

3. Livramento

O livramento dos três cativos hebreus não tem nenhuma relação com a boa vontade do rei. Foi uma intervenção sobrenatural de Deus. O fato de a fornalha ter sido aquecida “sete vezes” mais (Dn 3:19) pode ser uma forma figurada de enfatizar o calor máximo possível. Seguramente, o rei queria ter certeza de que ninguém escaparia desse calor. Se um fogo brando estenderia a duração de sua punição e sua tortura, um fogo mais intenso deveria matá-los imediatamente. Parece que Nabucodonosor pretendia tornar a execução deles uma demonstração pública do preço de contrariar sua autoridade. Curiosamente, Jeremias menciona dois falsos profetas que foram “assados no fogo” por Nabucodonosor (Jr 29:21, 22).

Embora os três jovens hebreus cressem firmemente que Deus era capaz de protegê-los, também sabiam que Deus nem sempre agia dessa forma (Dn 3:17, 18). “Os lamentos em alguns dos Salmos demonstram isso. Em Daniel 7:21, 23; 8:24 e 11:32-35 fica claro que há ocasiões em que o povo fiel de Deus é chamado a suportar o sofrimento, e às vezes até o martírio. É em resposta a essa aparente injustiça, e à aparente negação da fidelidade de Deus para com o Seu povo ou da Sua soberania, que surge a promessa da ressurreição [...] e do juízo (Dn 12:1-4). A morte não é barreira para a fidelidade de Deus ou Sua soberania” (E. C. Lucas, “Daniel”, em T. Desmond Alexander e Brian S. Rosner, eds., *New Dictionary of Biblical Theology*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000, p. 235).

Um ponto que merece destaque é a evidente ausência de Daniel. Comentaristas cristãos e o Talmude têm apresentado várias hipóteses para o motivo da sua ausência: (1) Daniel estava viajando a negócios; (2) ele tinha permissão do rei para se ausentar; (3) ele estava com a moral tão alta com Nabucodonosor que ninguém ousava reclamar dele; (4) sua presença pode não ter sido exigida; (5) pode ser que estivesse doente; (6) Daniel não fazia mais parte do governo; (7) ele estava presente e se prostrou rapidamente diante da imagem, mas o Senhor não permitiu que seu nome fosse mencionado aqui por causa da sua fidelidade futura; (8) Deus manteve Daniel distante para que o povo não dissesse que “eles foram libertados por seus méritos”; (9) Daniel evitou a cena para não cumprir a seguinte profecia: “As imagens de escultura de seus deuses queimarás” (Dt 7:25); (10) Nabucodonosor “permitiu Daniel se ausentar, para que o povo não dissesse que ele queimou o seu deus no fogo” (Este resumo foi extraído de Peter A. Steveson, *Daniel*, Greenville, SC: Bob Jones University Press, 2008, p. 56).

Embora algumas opções pareçam mais razoáveis do que outras, a verdade é que não sabemos onde Daniel estava naquela ocasião. Mas com base no caráter de Daniel retratado nas Escrituras, temos certeza de que ele não se prostrou diante da estátua ou não estava presente na cerimônia.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

1. Como os três exilados hebreus, Mordecai também se recusou a se prostrar diante de Hamã (Et 3:1-5). Em ambos os casos, o Senhor trouxe livramento a Seus servos. No entanto, isso nem sempre acontece. Isaías e João Batista selaram sua fé com a própria vida. À luz desses desfechos, você se sente preparado para colher as indesejáveis consequências de suas justas convicções? Por quê?

2. As experiências anteriores dos exilados hebreus, na questão da comida do rei (Dn 1) e na interpretação do sonho de Nabucodonosor (Dn 2) de alguma forma os prepararam para enfrentar o fogo. Quais provas prepararam você para desafios maiores?
3. A lição desta semana pode levar a uma autoavaliação. Peça aos membros da classe que reflitam sobre as seguintes questões:
 - a. Quais são algumas das coisas que atualmente somos tentados a adorar? De que maneira, mesmo como cristãos, de forma lenta mas constante, envolvemo-nos na adoração de outras coisas além de Deus?
 - b. Onde você estabelece o limite entre o firme compromisso com o Senhor e o fanatismo?
 - c. Quando se trata de nosso relacionamento com os que ainda não conhecem o Senhor, existe espaço para fazermos concessões? Se sim, de que maneira e sob quais circunstâncias? Em quais áreas, se houver, podemos ou devemos fazer concessões? Como podemos saber se estamos comprometendo nossos princípios ou simplesmente sendo prudentes?
 - d. Você arriscaria sua vida por se recusar a cometer uma pequena infração? Se não, por que não conseguiria se conformar externamente e ao mesmo tempo sentir restrições morais interiores?
 - e. Qual seria a melhor escolha: morrer pela verdade ou evitar crises e viver para continuar testemunhando?

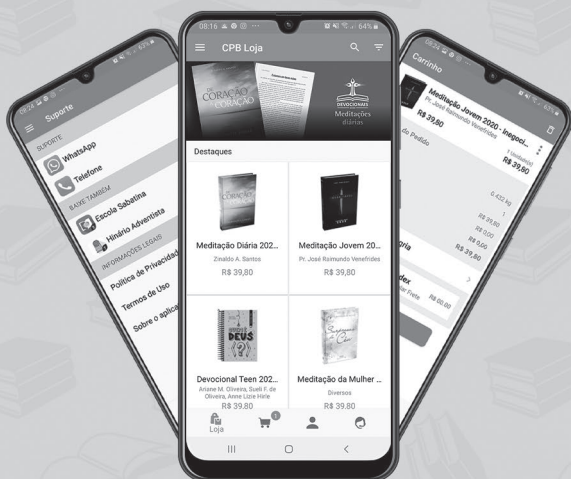
**UM JEITO FÁCIL
DE APRESENTAR A BÍBLIA**

Bíblia Sagrada
com Guia de Estudo
Bíblia Fácil
(Daniel e Apocalipse)

Edição Almeida
Revista e Atualizada

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

f t w y /cpbeditora



APP CPB

CONHEÇA NOSSO NOVO APLICATIVO

Chegou o **APP OFICIAL** de compras da Casa Publicadora Brasileira. Compre livros, lições, meditações e todos os nossos produtos de qualquer lugar. Se precisar de ajuda, você pode falar conosco pelo WhatsApp diretamente do aplicativo.

Baixe gratuitamente:



Conheça o APP pelo QR Code



Do orgulho à humildade



VERSO PARA MEMORIZAR: “Quão grandes são os Seus sinais, e quão poderosas, as Suas maravilhas! O Seu reino é reino sempiterno, e o Seu domínio, de geração em geração” (Dn 4:3).

Leituras da semana: Dn 4:1-37; Pv 14:31; 2Rs 20:2-5; Jn 3:10; Fp 2:1-11

■ **Sábado, 25 de janeiro**

Ano Bíblico: Êx 24-27

O orgulho tem sido considerado o verdadeiro pecado original. Ele foi manifestado primeiramente em Lúcifer, um anjo nas cortes do Céu. Deus disse por intermédio de Ezequiel: “Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemplem” (Ez 28:17).

O orgulho levou à queda de Lúcifer, e agora Satanás usa esse orgulho para levar inúmeros outros à destruição. Somos todos seres humanos caídos, dependentes de Deus para nossa existência. Todos os dons que temos, tudo o que realizamos com esses dons vêm somente de Deus. Portanto, como ousamos ser orgulhosos, jactanciosos ou arrogantes quando, na realidade, a humildade deveria dominar tudo o que fazemos?

Levou muito tempo para que Nabucodonosor compreendesse a importância da humildade. Mesmo com o aparecimento do quarto homem na fornalha ardente, como vimos na lição da semana passada, o rei não mudou o rumo de sua vida. Somente depois que Deus lhe tirou o reino e o enviou para viver com os animais do campo, o rei reconheceu sua verdadeira condição.

Está chegando o período dos Dez Dias de Oração e Resgate, de 6 a 15 de fevereiro: ore e prepare-se para resgatar amigos. Ore por pessoas que se afastaram da comunidade e estão longe de Jesus. Planeje uma visita a essas pessoas. Seja um instrumento de restauração espiritual.

Não é esta a grande Babilônia?

1. Leia Daniel 4:1-33. O que aconteceu com o rei? Por quê?

Deus concedeu a Nabucodonosor um segundo sonho. Dessa vez, o rei não se esqueceu do sonho. Mas, como os especialistas babilônicos haviam fracassado novamente, o rei convocou Daniel para apresentar a interpretação. No sonho, o rei tinha visto uma grande árvore que alcançava o Céu e um ser celestial ordenando que ela fosse cortada. Somente o toco e as raízes deveriam ser deixados na terra e seriam molhados com o orvalho do Céu. Mas o que deve ter perturbado Nabucodonosor foi a parte do sonho em que o ser celestial disse: “Seja mudado o seu coração, para que não seja mais coração de homem, e seja-lhe dado coração de animal; e passem sobre ele sete tempos” (Dn 4:16, ACF). Reconhecendo a gravidade do sonho, Daniel educadamente expressou o desejo de que o seu conteúdo se referisse aos inimigos do rei. Porém, fiel à mensagem transmitida no sonho, Daniel revelou que se tratava do próprio rei.

As árvores são comumente usadas na Bíblia como símbolos de reis, nações e impérios (Ez 17; 31; Os 14; Zc 11:1, 2; Lc 23:31). Portanto, a grande árvore era uma representação apropriada de um rei arrogante. O Senhor havia concedido a Nabucodonosor domínio e poder; no entanto, ele persistentemente falhou em reconhecer que tudo o que possuía vinha de Deus.

2. De acordo com Daniel 4:30, qual declaração do rei revela que ele ainda não compreendia a advertência que o Senhor lhe havia comunicado?

Talvez, algo muito arriscado em relação ao orgulho seja o fato de que ele nos leva a esquecer quanto somos dependentes de Deus para todas as coisas. E uma vez que nos esquecemos disso, estamos em terreno espiritual perigoso.

O que você já realizou em sua vida? Você pode se alegrar com elas sem ser orgulhoso?

PRIMEIRO DEUS Você tem uma relação verdadeira com Deus, que o ama de maneira tão grandiosa?

De 6 a 15 de fevereiro participaremos dos Dez Dias de Oração e Resgate. No primeiro sábado (8/2) vamos jejuar, orar e sair para convidar pessoas afastadas de Jesus para o reencontro do último sábado (15/2). Prepare-se para resgatar amigos.

Advertido pelo profeta

3. Leia Daniel 4:27. Além da advertência sobre o que ocorreria, o que Daniel pediu que o rei fizesse? Por quê? (Ver Pv 14:31). Assinale a alternativa correta:

- A. () Que ele abandonasse os pecados e fosse misericordioso para com os pobres, pois assim seus dias seriam prolongados.
- B. () Que o rei libertasse os hebreus cativos em Babilônia, pois isso estava sendo uma maldição em sua vida.

Daniel não apenas interpretou o sonho, mas também indicou a Nabucodonosor uma solução: “Aceita o meu conselho e põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranquilidade” (Dn 4:27).

O rei havia realizado uma vasta obra de construção em Babilônia. Os jardins, um sistema de canais e centenas de templos e outros projetos transformavam a cidade em uma das maravilhas do mundo antigo. Contudo, esse esplendor e beleza, pelo menos em parte, foram conseguidos mediante a exploração de mão de obra escrava e negligência em relação aos pobres. Além disso, a riqueza do império havia sido usada para satisfazer os prazeres do rei e de seu entorno. Portanto, o orgulho de Nabucodonosor não apenas o impediu de reconhecer a Deus, mas também o fez ignorar as dificuldades dos necessitados. Tendo em vista o cuidado especial que o Senhor demonstra para com os pobres, não é de surpreender que, dos outros pecados que Daniel poderia ter destacado perante o rei, ele tivesse escolhido o pecado de negligenciar os pobres.

A mensagem ao rei não era algo novo. Os profetas do Antigo Testamento frequentemente advertiram o povo de Deus contra a opressão aos pobres. De fato, preeminente entre os pecados que provocaram o exílio do rei estava a negligência para com os necessitados. Afinal, a compaixão pelos pobres é a mais alta expressão da caridade cristã; por outro lado, a exploração deles constitui um ataque ao próprio Deus. Ao cuidar dos aflitos, reconhecemos que Deus é o Proprietário de todas as coisas, o que significa que nós não somos os donos, mas meros mordomos da propriedade divina.

Ao servir aos outros com nossas posses, honramos a Deus e reconhecemos Seu senhorio. É a Sua propriedade que, em última análise, deve determinar o valor e a função das posses materiais. Nabucodonosor falhou nesse ponto, e corremos o risco de fracassar também, a menos que reconheçamos a soberania de Deus sobre nossas realizações e manifestemos nosso reconhecimento dessa realidade ajudando os necessitados.

O Altíssimo tem domínio

A pesar do conselho para se arrepender e buscar o perdão do Senhor, o orgulho implacável de Nabucodonosor fez com que o decreto celestial fosse executado (Dn 4:28-33). Enquanto o rei andava em seu palácio e louvava a si mesmo pelo que havia realizado, ele foi afligido por uma condição mental que forçou sua expulsão do palácio real. Nabucodonosor pode ter sofrido de uma condição mental patológica chamada licantropia ou zoantropia clínica. Essa condição leva o paciente a agir como um animal. Nos tempos modernos, essa doença tem sido chamada de “disforia de espécie”, a sensação de que o corpo da pessoa é da espécie errada e, por isso, existe o desejo de ser um animal.

4. Leia 2 Reis 20:2-5; Jonas 3:10 e Jeremias 18:7, 8. Levando em consideração esses textos, o rei teve a chance de evitar o castigo? Assinale a alternativa correta:

- A. () O castigo poderia ter sido evitado; porém, Nabucodonosor permaneceu irredutível em seu orgulho.
- B. () O castigo não poderia ter sido evitado, pois o rei estava predestinado a sofrer essa humilhação.

Infelizmente, Nabucodonosor precisou aprender da maneira mais difícil. Quando esteve investido do poder real, ele não havia sido capaz de refletir sobre seu relacionamento com Deus. Assim, ao privar o rei da autoridade real e enviá-lo para viver com os animais do campo, o Senhor lhe deu uma oportunidade de reconhecer sua total dependência Dele. A lição suprema que Deus desejava ensinar ao rei arrogante é que “o Céu domina” (Dn 4:26). De fato, o juízo sobre o rei tinha um propósito ainda maior no desígnio do Criador, conforme tão claramente expresso no decreto dos seres celestiais: “A fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles” (Dn 4:17).

Em outras palavras, a disciplina aplicada a Nabucodonosor também deveria ser uma lição a todos nós. Por pertencermos ao grupo dos “viventes”, devemos prestar mais atenção à lição principal: “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens”.

Por que é tão importante aprender a lição de que o Altíssimo tem domínio? Por exemplo, como esse conhecimento deve impactar a maneira pela qual tratamos aqueles sobre os quais temos poder? O que devemos mudar em nossa atitude?

Levantando os olhos para o Céu

5. De acordo com Daniel 4:34-37, como e por que as coisas mudaram para o rei?

5

Deus permitiu que Nabucodonosor fosse acometido por uma doença estranha, mas no fim Ele prontamente o restaurou a um estado mental sadio. Curiosamente, tudo mudou quando, ao final dos sete anos preditos pelo profeta, o rei enfermo levantou os olhos para o Céu (Dn 4:34).

“Durante sete anos Nabucodonosor foi um espanto para todos os seus súditos; por sete anos foi humilhado perante todo o mundo. Então sua razão foi restaurada, e, levantando os olhos em humildade ao Deus do Céu, ele reconheceu a mão divina no seu castigo. Numa proclamação pública admitiu sua culpa e a grande misericórdia de Deus em sua restauração” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 520).

Certamente, grandes mudanças podem acontecer quando levantamos nossos olhos para o Céu. Assim que o rei recobrou a compreensão, ele deu provas de que havia aprendido a lição.

Mas essa história não é tanto sobre Nabucodonosor, mas sobre a misericórdia do Criador. O rei tinha perdido três oportunidades anteriores de aceitar o Deus de Israel como o Senhor de sua vida. Essas circunstâncias oportunas ocorreram (1) quando ele reconheceu a sabedoria excepcional dos quatro jovens cativos da Judeia (Dn 1); (2) quando Daniel interpretou seu sonho (Dn 2); e (3) quando os três homens hebreus foram resgatados da fornalha ardente (Dn 3). Afinal de contas, se aquele resgate não o humilhou, o que o humilharia? Apesar da teimosia do governante, Deus lhe concedeu uma quarta chance; Ele finalmente conquistou o coração do rei e o restaurou ao seu ofício real (Dn 4). Como o caso de Nabucodonosor ilustra, Deus concede uma chance após outra para nos restaurar a um relacionamento justo com Ele. Como Paulo escreveu muitos séculos depois, o Senhor “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1Tm 2:4). Vemos nessa história um exemplo poderoso dessa realidade.

Você já foi humilhado por Deus? O que aprendeu com essa experiência? Quais mudanças precisa fazer para não ter que “aprender a lição novamente”?

Humilde e grato

6. O rei arrependido declarou: “Todos os moradores da Terra são por Ele reputados em nada” (Dn 4:35). Dado o contexto, que ponto importante ele estava apresentando?

Como sabemos que Nabucodonosor aceitou genuinamente o Deus verdadeiro? Encontramos uma grande evidência no fato de que o próprio rei é o autor do capítulo 4 de Daniel. A maior parte desse capítulo parece ser uma transcrição de uma carta que o rei distribuiu a seu vasto reino. Nessa carta, o rei falou sobre seu orgulho e insanidade e reconheceu humildemente a intervenção de Deus em sua vida. Os monarcas antigos raramente escreviam qualquer coisa depreciativa a respeito de si mesmos. Praticamente todos os antigos documentos reais que conhecemos glorificam o rei. Um documento como esse, portanto, no qual o rei admitia seu orgulho e seu comportamento bestial, indica uma genuína conversão. Além disso, ao escrever uma carta contando sua experiência e humildemente confessando a soberania do Senhor, o rei estava agindo como um missionário. Ele não podia mais guardar para si o que tinha vivenciado e aprendido com o verdadeiro Deus. O que vimos então, na oração e no louvor do rei (Dn 4:34-37), revela a realidade de Sua experiência.

Ele passou a ter um conjunto diferente de valores e reconheceu as limitações do poder humano. Em uma profunda oração de ação de graças, exaltou o poder do Deus de Daniel e admitiu que “todos os moradores da Terra são por Ele reputados em nada” (Dn 4:35). Ou seja, o homem não tem nada do que se vangloriar. Portanto, esse último vislumbre de Nabucodonosor no livro de Daniel mostra um rei humilde e grato, cantando louvores a Deus e nos advertindo contra o orgulho.

Evidentemente, o Senhor continua a mudar corações hoje. Não importa quanto possam ser orgulhosos ou pecaminosos, no Altíssimo há misericórdia e poder para transformar pecadores rebeldes em filhos do Deus do Céu.

7. Leia Filipenses 2:1-11. O que encontramos nesse texto que deveria erradicar o orgulho em nossa vida?

Estudo adicional

5

“Outrora orgulhoso rei tinha se tornado um humilde filho de Deus; o governante tirânico e opressor havia se tornado um rei sábio e compassivo. Aquele que tinha desafiado o Deus do Céu e Dele blasfemado reconhecia então o poder do Altíssimo e fervorosamente procurou promover o temor de Jeová e a felicidade dos seus súditos. Sob a repreensão Daquele que é Rei dos reis e Senhor dos senhores, Nabucodonosor tinha afinal aprendido a lição que todos os reis precisam aprender, de que a verdadeira grandeza consiste na verdadeira bondade. Ele reconheceu Jeová como o Deus vivo, dizendo: ‘Eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei dos Céus, porque tudo o que Ele faz é certo e todos os Seus caminhos são justos. E Ele tem poder para humilhar aqueles que vivem com arrogância’ (Dn 4:37, NVI).

“O propósito de Deus de que o maior reino do mundo mostrasse Seu louvor estava então cumprido. Essa proclamação pública, em que Nabucodonosor reconheceu a misericórdia, bondade e autoridade de Deus, foi o último ato de sua vida registrado na história sacra” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 521).

Perguntas para discussão

1. “O orgulho leva a todos os outros vícios; é o estado mental mais oposto a Deus que existe [...]. Quanto mais orgulho uma pessoa tem, menos gosta de vê-lo nos outros. Se quer descobrir quão orgulhoso você é, a maneira mais fácil é se perguntar: ‘Quanto me desagrada que os outros me tratem como inferior, ou não notem minha presença, ou interfiram nos meus negócios, ou me tratem com condescendência, ou se exibam na minha frente?’ A questão é que o orgulho de cada um está em competição direta com o orgulho de todos os outros. Se me sinto incomodado porque outra pessoa fez muito sucesso na festa é porque eu mesmo queria alcançar o grande sucesso. Dois bicudos não se beijam” (C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples*. Martins Fontes, 2005, p. 44). Como as palavras de Lewis podem ajudá-lo a ver o orgulho em sua vida?
2. Um tema visto em Daniel 4 e nos outros capítulos é a soberania de Deus. É importante compreender esse assunto? Como o sábado nos ajuda a entender essa verdade crucial?

Respostas e atividades da semana: 1. O rei perdeu o seu trono e foi morar com os animais do campo. Ele se tornou como um bicho; cresceram-lhe os cabelos e as unhas e passou a comer capim como o boi. 2. “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder e para glória da minha magnificência?” (Dn 4:30). 3. A. 4. A. 5. Depois de levantar os olhos ao Céu, o rei voltou ao perfeito juízo, pois finalmente reconheceu a majestade e a soberania do Senhor. 6. Se nos comparamos com o Senhor, não somos nada! 7. Assim como Cristo Se esvaziou devemos nos esvaziar da vanglória e do orgulho tornando-nos humildes.



RESUMO DA LIÇÃO 5

Do orgulho à humildade

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: Daniel 4:3

FOCO DO ESTUDO: Daniel 4:1-33; Provérbios 14:31; 2 Reis 20:1-5; Jonas 3:10; Daniel 4:34-37; Filipenses 2:1-11

INTRODUÇÃO: Nabucodonosor já havia se deparado com pelo menos três oportunidades para entender que todas as suas realizações deviam ser creditadas ao Deus dos hebreus. Mas como ele não havia aprendido essa lição, Deus lhe deu uma última oportunidade para ajudá-lo a entender a diferença entre orgulho e humildade e ter um vislumbre do caráter de Deus.

5

TEMAS DA LIÇÃO

1. Orgulho

Ao concentrar-se em suas próprias realizações, Nabucodonosor se esqueceu do Deus de Daniel, a quem devia seu trono e tudo o mais que possuía.

2. Humildade

Somente depois de perder seu reino, Nabucodonosor reconheceu o Deus de Daniel como Originador e Mantenedor do seu poder.

3. Deus

Deus Se revela no episódio de Daniel 4 como Aquele que remove reis e estabelece reis.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: Existe um Nabucodonosor em cada um de nós. Superar o orgulho e se tornar humilde é um ideal humanamente impossível de ser alcançado. Humildade é um objetivo inatingível. Quando pensamos que conseguimos alcançar, já perdemos. Mas Jesus pode nos dar poder para superar nossa arrogância e viver uma vida humilde. Ele pode mudar cada "tentação de orgulho em uma oportunidade de gratidão" (Christopher J. H. Wright, *Hearing the Message of Daniel: Sustaining Faith in Today's World [Ouvindo a Mensagem de Daniel: Sustentando a Fé no Mundo de Hoje, Grand Rapids, MI: Zondervan, 2017, p. 94]*).

COMENTÁRIO

1. Orgulho

Daniel 4 registra um testemunho pessoal de Nabucodonosor. À medida que a narrativa se desenvolve, o rei reconhece que o orgulho foi a causa da sua queda do trono e passa a relatar como Deus agiu a fim de trazê-lo à humildade. No auge das suas realizações (cerca de trinta anos depois dos eventos relatados em Daniel 3), o rei sonhou com uma árvore gigantesca que oferecia abrigo e sustento a todas as criaturas da terra. Em seguida, devido a uma decisão celestial, a árvore foi cortada. Mais uma vez, somente Daniel foi capaz de relatar ao rei a verdadeira interpretação do sonho. Aquela árvore magnífica representava o próprio rei em sua arrogância. Na verdade, árvores e vinhas são retratadas

em outras partes das Escrituras como símbolos de reis orgulhosos e reinos que Deus finalmente destruiu (Ez 17:1-15; Ez 19:10-14; Ez 31:3-12).

Com extrema sensibilidade, Daniel explicou que a árvore representava o próprio rei. Deus o removeria do trono a menos que ele mudasse sua atitude para com seus súditos (Dn 4:27). O orgulho normalmente tem repercussões na esfera social. Mas chegou a hora de Nabucodonosor ser responsabilizado por seu estilo administrativo arrogante. Se quisesse escapar de seu terrível destino, ele não tinha outra opção senão substituir a opressão pela justiça e assim refletir o caráter de Deus nos assuntos de seu reino. Mas o rei não estava disposto a deixar de lado sua arrogância e mudar seu comportamento. Um ano depois, ele estava admirando as edificações que havia construído (Dn 4:29, 30), o que é uma ironia. Afinal, “Nabucodonosor provavelmente nunca assentou um tijolo durante a sua vida. Ele não havia construído Babilônia. Ela havia sido edificada pelo suor dos milhares de escravos oprimidos, imigrantes e outras camadas pobres da nação, o tipo das numerosas multidões cuja mão de obra havia construído cada uma das célebres civilizações da decaída raça humana na história” (Christopher J. H. Wright, *Hearing the Message of Daniel* [Ouvindo a Mensagem de Daniel], p. 101).

Naquela mesma hora, o rei foi acometido por uma doença mental, possivelmente um distúrbio mental conhecido como zoantropia ou licanotropia, em que a pessoa pensa que se tornou um animal e passa a se comportar como tal. Por sete anos, Nabucodonosor teve que viver entre os animais do campo. Assim, aquele que acreditava ser um deus se tornou menos que humano. Como está escrito: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18).

2. Humildade

Nabucodonosor aprendeu a lição que Deus lhe havia designado. Depois de sete anos entre os animais, o rei teve uma mudança radical de atitude: “Eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu” (Dn 4:34). Esse olhar para cima sinaliza a mudança na mentalidade de Nabucodonosor. Antes, do topo do orgulho, o rei olhava para baixo em sinal de desprezo. Agora, quando olhou para cima, de onde vem todo poder e sabedoria, três coisas importantes aconteceram: (1) ele foi curado de sua doença mental (“tornou-me a vir o entendimento”); (2) ele reconheceu Deus como o Soberano do Universo; e (3) ele foi restabelecido ao trono (Dn 4:34-36). Como o próprio rei declarou: “Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do Céu, porque todas as Suas obras são verdadeiras, e os Seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba” (Dn 4:37). Ninguém mais do que Nabucodonosor podia reconhecer a verdade de que Deus humilha “aos que andam na soberba”.

Mas o processo de humilhação durou sete tempos; a palavra original muito provavelmente significa “anos” e aqui deve ser entendida como sete anos literais. Esses sete anos se referem a um período de tempo literal durante o qual o rei, afastado do trono e humilhado, teve que viver entre os animais do campo. Portanto, ao contrário dos períodos de tempo mencionados nas seções apocalípticas de Daniel, os sete anos não devem ser interpretados de acordo com o princípio do dia/ano. Como mencionamos anteriormente,

havam se passado doze meses desde o momento do sonho do rei até o episódio em que ele se exaltou e teve início o seu período de juízo, que durou sete anos. Então, ao final dos sete anos, o rei foi restabelecido ao trono. Por isso, não há indicação de que o período de tempo mencionado em Daniel 4 deva ser interpretado de nenhuma outra forma que não seja literal.

Foi necessário um terrível juízo divino sobre o rei para despertar completamente seu entendimento, a fim de que ele percebesse que o Deus de Daniel estava no comando. Por que é tão difícil para o ser humano se tornar humilde? A razão é que estamos todos infectados com o desejo de ser servidos e exaltados, o que nada mais é do que o desejo de ser tratados como Deus (veja Gn 3). Mas como não podemos ser Deus, o orgulho produz uma amarga frustração. A humildade, no entanto, traz satisfação. Sempre encontraremos alguém a quem servir e, ao fazê-lo, experimentaremos a alegria e a satisfação de servir a Cristo (veja Gary Thomas, “Downward Mobility” [Mobilidade Descendente], *Discipleship Journal*, julho-agosto de 2005, p. 34-37).

3. Deus

Uma questão que aparece com frequência em relação a esse relato é a seguinte: o rei se converteu verdadeiramente ou não? Embora alguns comentaristas acreditem que não haja evidências suficientes para confirmar uma conversão genuína, há bastante indicações que apontam nessa direção. Quando olhamos para o ponto central da confissão do rei em Daniel 4:34, 35, quatro elementos se destacam:

1. Ele reconheceu a soberania de Deus, que estabelece um reino eterno. Deus “age como Lhe agrada com os exércitos dos Céus e com os habitantes da Terra. Ninguém é capaz de resistir à Sua mão ou dizer-Lhe: ‘O que fizeste?’” (Dn 4:35, NVI). Há indícios do infinito e eterno nas palavras de Nabucodonosor: “O Seu reino dura de geração em geração” (Dn 4:34, NVI).

2. Nabucodonosor também reconheceu a fragilidade da natureza humana: “Todos os moradores da Terra são por Ele reputados em nada” (Dn 4:35). O rei passou a reconhecer o poder divino além do nível meramente teórico. Admitiu que até mesmo o maior entre os homens (aos seus próprios olhos e, sem dúvida, aos olhos de seus súditos, ele era o maior) não é nada diante do grandioso Senhor. Tal reconhecimento é sempre uma marca do coração subjugado; a fragilidade humana e sua dependência de Deus é evidente. O ser humano não é autossuficiente; é um ser criado e dependente. Sua verdadeira alegria só pode ser completada quando houver um reconhecimento da sua verdadeira dependência do Criador.

3. Nabucodonosor reconheceu a fidelidade e a justiça de Deus, “porque todas as Suas obras são verdadeiras, e os Seus caminhos, justos” (Dn 4:37). Deus tratou Nabucodonosor de maneira severa, mas ele reconheceu quão justos e verdadeiros foram os juízos divinos. Eles foram adequados aos seus pecados.

4. “Finalmente, ele reconheceu que Deus resiste aos soberbos; contudo, aos humildes concede Sua graça (comparar com Pv 3:34; Tg 4:6). A vida dele foi um retrato da aplicação que Pedro fez do seguinte princípio: ‘Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de

Deus, para que Ele, em tempo oportuno, vos exalte” (1Pe 5:6; Sinclair B. Ferguson e Lloyd J. Ogilvie, *The Preacher’s Commentary Series* [A Série de Comentários do Pregador], v. 21, Nashville, TN: Thomas Nelson, 1988, p. 96, 97). O padrão de Sua graça salvadora sempre se fundamenta nesse princípio de humildade.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

1. Como você avalia suas próprias realizações quando comparadas às dos outros? Como você vê a diferença entre orgulho e elevada autoestima?
2. Em sua opinião, como podemos mostrar e viver a genuína humildade? Qual é a diferença entre humildade e baixa autoestima?
3. Qual é o lugar da humildade na liderança da igreja? Você acha que um líder humilde pode ser respeitado e seguido?
4. De que maneira Jesus ensinou a humildade? Em que ocasião do Seu ministério Cristo exemplificou essa virtude de maneira mais poderosa? O que você pode aprender com Ele?
5. Qual é a sua percepção da relação entre humildade e perdão? É muito difícil para você perdoar alguém que lhe ofendeu?
6. A lição desta semana abre a possibilidade para uma autoavaliação. Peça que os membros da classe reflitam sobre a seguinte questão: Tente se colocar no lugar de Nabucodonosor e pergunte a si mesmo:
 - a. Costumo me engrandecer mais do que devo por certas realizações? De que maneira conto minhas histórias pessoais? Minha intenção é que as pessoas me vejam como sendo melhor ou mais bem-sucedido do que realmente sou?
 - b. Quais passos preciso dar para obter humildade?
 - c. Houve alguma situação na minha vida em que fui humilhado de um modo que me ajudou a entender minhas limitações e, portanto, honrar a Deus? Comente com a classe.
 - d. Com que frequência me lembro de dar glória a Deus por tudo que consegui alcançar? O que pode me ajudar a lembrar de dar sempre a glória ao Senhor?

5



RESPOSTAS INCRÍVEIS À ORAÇÃO...

...é uma fascinante experiência espiritual. Fará você sentir-se impressionado e transbordante de alegria, ao saber que o Deus a quem você serve é o “Deus dos impossíveis”.

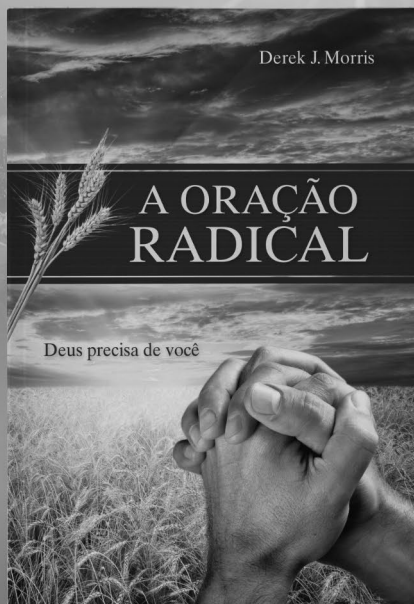


cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073     /cpbeditora

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

Os planos de Deus são sempre maiores

5



Deus é real e Se comunica com você. Não se limite apenas àquilo que está ao alcance de suas mãos. Experimente a oração e Deus lhe mostrará os recursos ilimitados do Céu.

Adquira agora
o seu livro



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | ^{WhatsApp} 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/cpbeditora

Da arrogância à destruição

Lição 6

VERSO PARA MEMORIZAR: “É Ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; Ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes” (Dn 2:21).

Leituras da semana: Dn 5; Ap 14:8; 17:4-6; Sl 96:5; Cl 1:15-17; Rm 1:16-32; Ec 8:11



Sábado, 1º de fevereiro

Ano Bíblico: Lv 1-4

Em Daniel 5, a Palavra de Deus apresenta um poderoso exemplo da arrogância humana que terminou de maneira impressionante e dramática. Embora Nabucodonosor tivesse levado muito tempo para aprender a lição, pelo menos ele a aprendeu. Já seu neto, Belsazar, não. Ao usar os utensílios do templo em uma orgia no palácio, o monarca os profanou. Esse ato de sacrilégio correspondia não apenas a uma contestação a Deus, mas a um ataque ao próprio Senhor. Assim, Belsazar encheu o cálice de suas iniquidades, agindo de maneira semelhante ao chifre pequeno (veja Daniel 8), que atacou os fundamentos do santuário de Deus. Ao remover o domínio de Belsazar, Deus prenunciou o que Ele fará contra os inimigos de Seu povo nos últimos dias. Os eventos narrados em Daniel 5 ocorreram em 539 a.C., na noite em que Babilônia caiu diante do exército medo-persa. Nessa ocasião, ocorreu a transição do ouro para a prata, predita em Daniel 2. Mais uma vez ficou evidente que Deus governa os assuntos do mundo.

Nesta semana iniciaremos o período dos Dez Dias de Oração e Resgate, de 6 a 15 de fevereiro. Ore e prepare-se para resgatar amigos.

O banquete de Belsazar

1. Leia Daniel 5:1-4; 1:1, 2. O que Belsazar fez de tão grave? Como isso revela seu verdadeiro caráter? Compare suas ações com Apocalipse 17:4-6. Quais paralelos encontramos?
-
-
-

O rei ordenou que os utensílios sagrados do templo de Jerusalém fossem usados como recipientes para beber. Nabucodonosor havia se apoderado dos vasos do templo de Jerusalém, mas os tinha colocado na casa do seu deus, o que mostra que pelo menos ele respeitava o status sagrado daqueles objetos. No entanto, da maneira mais profana, Belsazar transformou os vasos sagrados em utensílios usados em uma festa idólatra.

6

Enquanto bebiam nos objetos sagrados, os nobres de Belsazar “deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra” (Dn 5:4). Vale a pena observar que seis materiais foram mencionados. Os babilônios usavam o sistema sexagesimal (um sistema com base no número 60) em contraste com o sistema decimal usado hoje (que tem por base o número 10). Sendo assim, as seis categorias de deuses representam a totalidade das divindades babilônicas e, portanto, a plenitude do sistema religioso babilônico. Curiosamente, a ordem dos materiais segue a ordem dos componentes da estátua do sonho de Nabucodonosor, com exceção da madeira que substitui o barro. Como no sonho, a pedra aparece por último; embora nesse verso designe a composição material dos ídolos, a pedra também evoca o juízo de Deus sobre os impérios do mundo (veja Dn 2:44, 45), simbolizados por Babilônia.

Esse banquete serve como uma representação adequada da Babilônia do tempo do fim, conforme vista no livro do Apocalipse. Como Belsazar, a mulher, na Babilônia do tempo do fim, tem um cálice de ouro e oferece bebida contaminada às nações. Em outras palavras, por meio de falsas doutrinas e de um sistema de adoração distorcido, a Babilônia moderna atrai o mundo para o mal (Ap 17:4-6), alheia ao juízo que logo lhe sobrevirá.

De que maneira nossa sociedade e cultura profanam a verdade da Palavra de Deus? Como podemos ter cuidado para não participar dessa profanação, mesmo sutilmente? Apresente sua resposta para a classe no sábado.

Um visitante indesejado

2. Leia Daniel 5:5-8. O que aconteceu? Por que o rei reagiu de modo tão aflito? Qual é a semelhança entre esse relato e Daniel 2? Por que essa semelhança é importante? (Veja Sl 96:5; Cl 1:15-17)

Como Nabucodonosor havia feito em crises anteriores (Dn 2:2; 4:7), Belsazar chamou os astrólogos, os caldeus e os adivinhadores para esclarecer a misteriosa escritura na parede. E para ter a certeza de que eles dariam o melhor de si, o rei lhes prometeu honras extravagantes: (1) vestimenta de púrpura, uma cor usada pela realeza nos tempos antigos (Et 8:15); (2) uma corrente de ouro, que era um sinal de status social elevado (Gn 41:42); e (3) a posição de terceiro governante no reino. Essa última recompensa reflete com precisão as circunstâncias históricas de Babilônia naquela época. Visto que Belsazar era o segundo governante como co-regente junto ao seu pai, Nabonido, ele ofereceu a posição de terceiro governante. Mas, apesar das recompensas tentadoras, os sábios mais uma vez não apresentaram uma explicação.

Além de todos os seus pecados, o rei então tentou encontrar sabedoria no lugar errado. Os especialistas babilônicos não puderam descobrir o significado da mensagem. Ela estava escrita em sua própria língua, o aramaico, como veremos amanhã, mas eles não conseguiram entender o significado das palavras. Isso nos lembra do que o Senhor falou por meio de Isaías: “A sabedoria dos seus sábios perecerá, e a prudência dos seus prudentes se esconderá” (Is 29:14). Depois de citar esse verso, o apóstolo Paulo declarou: “Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Vis-to como, na sabedoria de Deus, o mundo não O conheceu por sua própria sabedoria, aprovou a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação” (1Co 1:20, 21).

Algumas verdades são importantes demais para que os seres humanos tentem decifrá-las por si mesmos. Por essa razão, o Senhor é quem nos revela essas realidades.

Em vista do que estava para ocorrer em Babilônia, qual seria a importância das recompensas prometidas a Daniel? O que isso revela sobre a transitoriedade das coisas do mundo? Por que precisamos sempre ter em mente a perspectiva da eternidade em tudo o que fazemos?

A chegada da rainha

3. Leia Daniel 5:9-12. O que a rainha disse sobre Daniel que o rei já devia saber? O que a aparente ignorância de Belsazar quanto à existência de Daniel nos revela sobre o rei? Assinale a alternativa correta:

- A. () Revela que o rei desconsiderava o passado de Daniel e seu Deus.
 B. () Mostra que ele amava o Deus de Daniel e queria conhecê-Lo.

Visto que o salão de banquetes havia sido tomado de confusão por causa da mensagem misteriosa na parede, a rainha entrou e deu instruções ao atordoado rei. Ela lembrou o monarca sobre Daniel, cuja habilidade para interpretar sonhos e resolver mistérios tinha sido demonstrada durante a época de Nabucodonosor. Se Belsazar fosse tão inteligente quanto seu antecessor, ele saberia a quem recorrer para descobrir o significado dessa escrita misteriosa. A intervenção da rainha se mostrou necessária para o rei, que naquele momento parecia totalmente perdido quanto ao que fazer. Suas palavras soam como uma repreensão a Belsazar por ele ter negligenciado a única pessoa no reino que poderia interpretar a escrita misteriosa. Além disso, ela apresentou verbalmente ao monarca o currículo de Daniel: o profeta tinha o Espírito do Deus Santo, luz, inteligência e sabedoria divina, espírito excelente, conhecimento; era capaz de compreender, interpretar sonhos, resolver mistérios e explicar enigmas; ele era o chefe dos magos, astrólogos, caldeus e adivinhos na época de Nabucodonosor (Dn 5:11, 12).

A essa altura, novamente nos perguntamos por que Belsazar ignorou Daniel. O texto não oferece uma resposta direta a essa pergunta, mas presumimos que, naquele momento, Daniel, após ter servido ao rei pelo menos até o terceiro ano de seu reinado (Dn 8:1, 27), não mais estava no serviço ativo. Um fator poderia ser a idade do profeta. Ele provavelmente estivesse com cerca de 80 anos, e é possível que o rei tivesse substituído a idosa liderança por uma geração mais jovem. O rei também pode ter decidido ignorar Daniel porque não queria se comprometer com o Deus dele. Mas seja qual for a razão ou a combinação de razões, continua a ser surpreendente que alguém com um registro de trabalho como o de Daniel pudesse ter sido esquecido tão cedo.

Leia Romanos 1:16-32. De que maneira vemos o princípio expresso nesses versos manifestado não apenas nessa história, mas no mundo de hoje?

PRIMEIRO DEUS Lembre-se de que não há felicidade verdadeira no caminho contrário à vontade de Deus.

Pesado e achado em falta

4. Leia Daniel 5:13-28. Qual foi a razão apresentada por Daniel para o iminente fim daquele rei? Assinale “V” para verdadeiro ou “F” para falso:

- A. () Ele havia se levantado contra o Senhor, trazendo os utensílios do templo para um banquete pagão, além de ter adorado deuses falsos.
 B. () Ele havia cobrado muitos impostos dos pobres.

Forçado pelas circunstâncias, o rei recorreu à consultoria de Daniel; porém, parece tê-lo feito com relutância. Isso revela mais sobre a sua atitude em relação ao Deus de Daniel do que em relação ao próprio Daniel.

Por sua vez, a resposta daquele idoso hebreu à oferta de recompensa do rei mostra suas prioridades e seu caráter. Também é provável que Daniel, conhecendo o significado das palavras misteriosas, percebesse a inutilidade da recompensa.

Daniel então fez três acusações ao rei.

Primeiramente, Belsazar havia ignorado completamente a experiência de Nabucodonosor. Caso contrário, ele teria se arrependido e se humilhado como seu antecessor.

Em segundo lugar, Belsazar havia utilizado os utensílios do templo para beber vinho e louvar seus ídolos. Nessa ocasião, Daniel mencionou, na mesma ordem apresentada anteriormente, os seis tipos de materiais usados para fazer ídolos.

Em terceiro lugar, o rei havia negligenciado a glorificação a Deus. Aquele “em cuja mão” estava a vida dele e todos os seus caminhos (Dn 5:23).

Tendo indicado os erros do rei, Daniel apresentou a interpretação. Vemos então que o grafite divino consistia em três verbos aramaicos (sendo que o primeiro foi repetido). O rei e seus sábios deveriam ter conhecido seu significado básico: MENE: “contado”; TEKEL: “pesado” e PERES [PARSIM]: “dividido”.

Com o exército medo-persa às portas de Babilônia, o rei e os sábios devem ter suspeitado de algum significado sinistro naquele escrito, mas os sábios não ousaram dizer nada desagradável ao rei. Somente Daniel provou ser capaz de decodificar a verdadeira mensagem em uma declaração que tivesse sentido, a fim de transmitir seu significado completo a Belsazar: “MENE: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele. TEQUEL: Pesado foste na balança e achado em falta. PERES: Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas” (Dn 5:26-28). Essas não foram palavras de conforto e ânimo.

O juízo chegou rapidamente ao rei. Como podemos confiar em Deus nos casos em que, para o presente, a justiça e o juízo ainda não chegaram? (Veja Ec 3:17; 8:11; Mt 12:36; Rm 14:12).

A queda de Babilônia

5. Leia Daniel 5:29-31 e Apocalipse 14:8; 16:19; 18:2. Como a queda da Babilônia de Belsazar aponta para a queda da Babilônia do fim dos tempos?

Quaisquer que fossem seus defeitos, Belsazar era um homem de palavra. Portanto, apesar das más notícias, ele ficou satisfeito com a interpretação dada por Daniel e, por essa razão, concedeu ao profeta os presentes prometidos. Parece que, admitindo a verdade da mensagem de Daniel, o rei reconhecia implicitamente a realidade do Deus dele. É interessante que o profeta, naquele momento, aceitou os presentes que havia recusado antes, provavelmente porque eles não podiam mais influenciar sua interpretação. Além disso, àquela altura, os presentes não tinham mais sentido já que o império estava prestes a cair. Portanto, talvez por uma questão de cortesia, o profeta aceitou as recompensas, sabendo que ele seria o terceiro governante do reino por apenas algumas horas.

Exatamente como foi anunciado pelo profeta, Babilônia caiu; e isso aconteceu rapidamente. Enquanto o rei e seus cortesãos bebiam, a cidade caiu sem sequer uma batalha. Segundo o historiador Heródoto, os persas cavaram um canal para desviar o rio Eufrates e marcharam para dentro da cidade pelo leito do rio. Naquela mesma noite, Belsazar foi morto. Seu pai, o rei Nabonido, já havia deixado a cidade, entregando-se mais tarde aos novos governantes. Assim chegou ao fim o maior império que a humanidade tinha conhecido até aquele momento. Babilônia, a cabeça de ouro, não mais existia.

“Belsazar havia recebido muitas oportunidades para conhecer e fazer a vontade de Deus. Ele tinha visto seu avô, Nabucodonosor, banido da sociedade dos homens. Ele tinha visto o intelecto, no qual o soberbo monarca se gloriava, ser levado por Aquele que o havia concedido. Ele tinha visto o rei ser expulso de seu reino e ser feito de companhia dos animais do campo. Mas o amor de Belsazar pela diversão e glorificação própria apagou as lições que ele jamais deveria ter esquecido. Além disso, ele havia cometido pecados semelhantes aos que trouxeram notáveis juízos sobre Nabucodonosor. O rei desperdiçou as oportunidades graciosamente concedidas a ele, deixando de usar as circunstâncias ao seu alcance para se familiarizar com a verdade” (Ellen G. White, *Bible Echo*, 25 de abril de 1898).

Quais oportunidades temos para nos tornar “familiarizados com a verdade”? O que isso significa? Quando poderemos dizer que estamos familiarizados com toda a verdade que precisamos saber?

Dez Dias de Oração e Resgate – 1º dia: hoje vamos orar por reavivamento pessoal.

Estudo adicional

Grandes banquetes eram comuns nas cortes do mundo antigo. Os reis gostavam de dar festas extravagantes para mostrar sua grandeza. Embora não conheçamos os detalhes desse banquete em particular, sabemos que ele aconteceu quando o exército medo-persa estava pronto para atacar Babilônia. Mas, humanamente falando, não havia motivo para preocupação. Babilônia tinha muros fortificados, estoque de comida para muitos anos e muita água, pois o rio Eufrates fluía pelo centro da cidade. O rei Belsazar não viu problema em fazer uma festa enquanto o inimigo rodeava a cidade. Ele ordenou uma celebração importante, que logo se degenerou em orgia. Quanta arrogância humana, em contraste com o poder divino! Por meio de Daniel, Deus disse ao rei que, apesar das oportunidades que ele tivera para descobrir a verdade, ele não havia glorificado o Senhor, em cuja mão estava a vida dele e todos os seus caminhos (Dn 5:23).

“A história das nações fala a nós hoje. Deus tem designado um lugar em Seu grande plano para cada nação e cada indivíduo. Homens e nações estão sendo hoje postos à prova pelo prumo na mão Daquele que não erra. Todos estão por sua própria escolha decidindo seu destino, e Deus está superintendendo tudo para a realização dos Seus propósitos” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 536).

6

Perguntas para discussão

1. De quais maneiras a sociedade e a cultura profanam a verdade de Deus? Como deveríamos, como igreja e como indivíduos, reagir a essas profanações?
2. O que é mais importante: o que sabemos ou nossa reação ao que sabemos? (Dn 5:22).
3. Quais princípios espirituais encontramos em Daniel 5:23? Como o texto nos adverte sobre a oposição a Deus? O que o texto revela sobre o Deus criador e mantenedor?
4. Mesmo sem saber o sentido das palavras, Belsazar ficou assustado (Dn 5:6). O que significa viver com uma consciência culpada?

Respostas e atividades da semana: 1. Belsazar mandou trazer ao banquete os utensílios sagrados do templo de Jerusalém para que seus convidados bebessem neles. Há um desvio de finalidade, pois ele tomou algo sagrado e usou de modo profano. Isso revela que ele não fazia distinção entre o santo e o profano. É possível observar paralelos entre as ações da mulher vestida de escarlate (Ap 17:4-6) e as ações de Belsazar. Ambos tinham um cálice de abominações na mão e estavam embriagados. 2. De repente, a mão começou a escrever palavras na parede, e o rei ficou apavorado. Ele mandou chamar os magos e feiticeiros e declarou que a pessoa que lesse e interpretasse as inscrições na parede seria honrada com ouro, púrpura e o terceiro lugar no reino. Assim como havia ocorrido com Nabucodonosor em Daniel 2, Belsazar ficou sem resposta, pois nenhum mago nem feiticeiro conseguiu ler a inscrição. Mais uma vez, o Deus do Céu atuou por meio de Daniel, o único que foi capaz de revelar a interpretação. 3. A. 4. V; F. 5. A Babilônia de Belsazar caiu pela corrupção moral e abominações cometidas diante do Senhor. Da mesma forma a Babilônia do tempo do fim cairá.

Dez Dias de Oração e Resgate – 2º dia: hoje vamos orar por cinco amigos e pelas dez horas de jejum que faremos amanhã.



RESUMO DA LIÇÃO 6

Da arrogância à destruição

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 5*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 5:1-31; Provérbios 29:1; Salmo 75:7; Isaías 45:1, 2; Lucas 12:19, 20*

INTRODUÇÃO: *Há um estreito paralelismo entre os capítulos 4 e 5 de Daniel. Ambos os capítulos retratam de maneira vívida a soberania de Deus sobre os reinos do mundo. Em Daniel 4, o Senhor retirou o poder de Nabucodonosor por determinado período de tempo. No capítulo 5, o Altíssimo remove o poder de Belsazar e encerra o ciclo do reino babilônico.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. Arrogância

Um tema que permeia o livro de Daniel e se encontra vividamente demonstrado no capítulo 5 é a arrogância dos poderes humanos em sua rebelião contra o Criador e tudo que representa Deus no mundo. Quando deveria estar mais concentrado em defender sua cidade contra o iminente ataque dos medos e dos persas, Belsazar estava oferecendo um extravagante banquete para seus oficiais.

2. Juízo

O blasfemo ato de Belsazar em contaminar os utensílios do templo, os quais representavam o próprio templo, constituiu um ataque direto ao próprio Deus. Nessa hora, o rei de Babilônia e o sistema que ele representava encheram o cálice da iniquidade deles. Naquele momento, o tribunal celestial pronunciou a sentença. Uma mão sobrenatural escreveu na parede do palácio a solene mensagem: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Qual foi o mais flagrante pecado de Belsazar na noite da queda de Babilônia? Ainda mais grave do que oferecer uma festa hedonista, seu pior pecado foi a maneira pela qual ele tratou os utensílios do templo de Deus. O manuseio profano dos objetos sagrados simbolizava o desprezo de Belsazar pelo Deus de Israel e, finalmente, encheu o cálice da iniquidade de Babilônia. Contudo, a raiz das suas falhas se encontrava na sua rejeição em andar na luz que o Senhor lhe revelou por meio do Seu modo de tratar Nabucodonosor. A fim de evitar cometer o mesmo erro, devemos prestar muita atenção às experiências dos outros, tanto positivas quanto negativas. E o mais importante, devemos andar na luz que Deus tem derramado sobre nosso caminho mediante a Sua Palavra.*

COMENTÁRIO

1. Arrogância

A derradeira noite de Babilônia foi marcada por uma grande celebração. Os historiadores Xenofonte e Heródoto indicam que os babilônios estavam celebrando um festival habitual. A Bíblia não menciona as razões para a festa, mas estudiosos têm especulado que poderia ter sido o Festival *Akîtu* de Ano Novo (primavera). Independentemente do motivo

para a festa, com os medos e os persas prontos para atacar Babilônia (Dn 5:29-31), perguntamo-nos por que Belsazar estava festejando. O mais provável é que ele se sentisse seguro dentro da cidade, cercada por uma muralha com cerca de 7,5 metros de largura e 12 metros de altura. Dentro da cidade havia água abundante e suprimentos de comida para resistir a muitos anos de cerco. Então, Belsazar não abrigava nenhum temor de uma invasão tão iminente. A festa transmitia uma sensação de normalidade aos habitantes da cidade, apesar dos inimigos que se reuniam em volta dos muros da cidade.

No auge da celebração, Belsazar exaltou “aos deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra” (Dn 5:23), mas não glorificou ao Deus vivo. Aparentemente, ele havia se esquecido do que o Senhor tinha feito por meio de Daniel a fim de ensinar a Nabucodonosor. Contudo, o próprio ato de profanação de Belsazar indica que talvez ele não estivesse completamente inconsciente do Deus vivo. Ao tomar os utensílios sagrados do templo de Jerusalém para ser usados como taças de bebida naquela celebração profana, o rei babilônico demonstrou que não apenas se recusava a honrar o Deus dos hebreus, mas exercia um desprezo intencional contra Ele. Ao profanar os utensílios do templo, o rei expressava o seu mais ultrajante desprezo pela realidade que esses objetos representavam, isto é, a adoração do verdadeiro Deus. Tais objetos, embora no exílio, permaneceram santos, e Belsazar deveria tê-los tratado com o mais absoluto respeito.

Isaías exigiu purificação dos exilados que levariam os utensílios sagrados de volta a Jerusalém (Is 52:11, 12). Nabucodonosor aparentemente entendeu a importância dos objetos do templo do Senhor quando os colocou no templo de seu deus. Ao contrário de seu antecessor, Belsazar não demonstrou nenhum respeito pelos utensílios do templo. Ao profaná-los em sua promíscua celebração, ele desafiou o próprio Deus.

A profanação dos utensílios sagrados por Belsazar se apresenta como outro episódio do longo conflito entre Babilônia e Jerusalém, descrito nas Escrituras. O termo Babilônia aparece pela primeira vez em Gênesis 11 (escrito como Babel na maioria das traduções), no episódio em que um grupo de rebeldes começou a construir uma torre para alcançar o céu. Desde então, um conflito entre Deus e Babilônia como uma representação das forças que se opõem ao Senhor e à Sua verdade aparece com muita frequência nas Escrituras. Quando os exércitos de Nabucodonosor invadiram Judá e destruíram completamente Jerusalém e o templo, parecia que Babilônia tinha vencido. Quando profanou os utensílios do templo de Deus, Belsazar parecia decidido a reafirmar tal aparência. Da mesma forma, ao louvar aos seus deuses e profanar os utensílios do templo, o rei de Babilônia pretendia fazer uma demonstração pública de desprezo contra o Deus dos judeus. Esse ato de profanação aponta para os ataques escatológicos (que aconteceriam no fim dos tempos) do chifre pequeno e do rei do Norte contra o povo de Deus e Seu santuário celestial, como descrito na parte profética do livro de Daniel. Posteriormente, o Apocalipse apresenta uma ilustração mais ampla do conflito entre Babilônia e Jerusalém, que culmina na destruição de Babilônia e no estabelecimento do reino eterno de Deus a partir da Nova Jerusalém.

2. Juízo

Em um momento divinamente escolhido na dissoluta orgia, uma misteriosa escritura aparece de repente na parede da sala do banquete. O rei imediatamente percebe a gravidade da situação. Embora não conseguisse ler a escrita, ele sentiu que fosse um terrível pronunciamento da iminente condenação. Mais uma vez, os magos e sábios do palácio não conseguiram produzir uma interpretação que satisfizesse ao rei. Foi somente por sugestão da rainha-mãe que o rei pediu que Daniel fosse levado à sua presença. Alguns eruditos identificam essa mulher com Nitocris, filha de Nabucodonosor, esposa de Nabonido e mãe de Belsazar.

Alguém pode se perguntar por que Daniel foi ignorado até aquele momento. A esse respeito, devemos ter em mente que o profeta havia servido até o terceiro ano de Belsazar (Dn 8:1, 27). Portanto, o idoso servo do Senhor não era estranho ao rei. Sobretudo, com base na atitude e no comportamento de Belsazar, parece que esse rei pode ter afastado Daniel por motivos políticos (religiosos).

Em sua apresentação perante o rei, o homem de Deus não mais usou a linguagem diferenciada como nas apresentações anteriores diante de Nabucodonosor. Depois de deixar claro que rejeitava as recompensas que o rei prometeu a quem interpretasse a escrita, Daniel falou ao rei nos termos mais severos. Acima de tudo, o profeta declarou a culpa de Belsazar por não aprender com a experiência de Nabucodonosor, particularmente quando esse foi expulso do trono por um período de sete anos (Dn 4). Assim, Belsazar deveria saber melhor: “Tu, Belsazar, que és seu filho, não humilhaste o teu coração, ainda que sabias tudo isto” (Dn 5:22). Portanto, a escritura na parede significava juízo para Belsazar e para Babilônia: MENE, MENE (“contou”), TEKEL (“pesou”), UPHARSIN (“e dividiu”). Ellen G. White diz que esses caracteres “luziam como fogo”, e que o rei e os outros pareciam estar “citados ante o tribunal do eterno Deus, cujo poder eles acabavam de desafiar” (*Profetas e Reis*, p. 524). A sentença foi pronunciada, o rei e o reino babilônico foram condenados. Apesar da interpretação desfavorável, o rei manteve sua palavra, recompensou Daniel e o tornou o terceiro governante do Império Babilônico, mesmo que apenas por algumas horas.

Naquela mesma noite, o inimigo desviou o curso do rio Eufrates – que corria através da cidade – até um pântano, e como o nível da água tinha abaixado, os soldados entraram em Babilônia por debaixo dos muros da cidade através do leito do rio. Belsazar foi morto, e a poderosa Babilônia caiu diante dos medos e dos persas, em outubro de 539 a.C. A queda da Babilônia histórica – como o ouro que deu lugar à prata – simboliza a derrota final da Babilônia espiritual no fim dos tempos, como foi sugerido nos capítulos proféticos de Daniel. Em Apocalipse, a queda da Babilônia no fim dos tempos está ligada à sexta praga, que resulta no secamento do rio Eufrates para preparar o caminho para os reis do Oriente (Ap 16:12). No fim, a cidade vitoriosa (Babilônia) é derrotada, e a cidade derrotada (Jerusalém) é estabelecida para sempre.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

1. De que maneira você pode evitar que o erro de Belsazar (de não aprender com as experiências passadas de seu antecessor Nabucodonosor) se repita em sua vida hoje? Como você pode evitar cair na mesma armadilha de não aprender com a experiência dos outros?

2. Por que é importante saber o que Deus fez na história passada de Seu povo? O que acontece com aqueles que se esquecem do passado? Como você pode aprender sobre os atos de Deus no passado?
3. Em sua opinião, qual foi o pecado mais ofensivo de Belsazar? Justifique sua resposta.
4. Tente se imaginar no lugar de Daniel. Depois de ser desprezado, você é finalmente chamado para resolver o problema que os astrólogos, os caldeus e os adivinhos não conseguiram resolver. Como você se sentiria? Como você teria tratado o rei? Você teria aceitado as recompensas prometidas por ele?
5. Belsazar desprezou o verdadeiro Deus e louvou os deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra. Quais “deuses” hoje representam uma ameaça ao seu relacionamento com o Deus verdadeiro? Dinheiro? Status? Educação? Carreira?
6. Daniel acusou o rei de não glorificar “a Deus, em cuja mão está a tua vida e todos os teus caminhos” (Dn 5:23). Quão significativa é essa representação de Deus para você? Como você se sente sobre esse Deus? Ama? Teme?
7. De que maneira o juízo de Belsazar e a queda da Babilônia lhe asseguram que, finalmente, as forças do mal serão derrotadas? Que quadro do juízo e do caráter de Deus você pode vislumbrar a partir dessa narrativa?

MKT CPBI | Fotolia

COMO CONHECER A VONTADE DE DEUS

MORRIS VENDEN

VOCÊ SE SENTE PERDIDO?

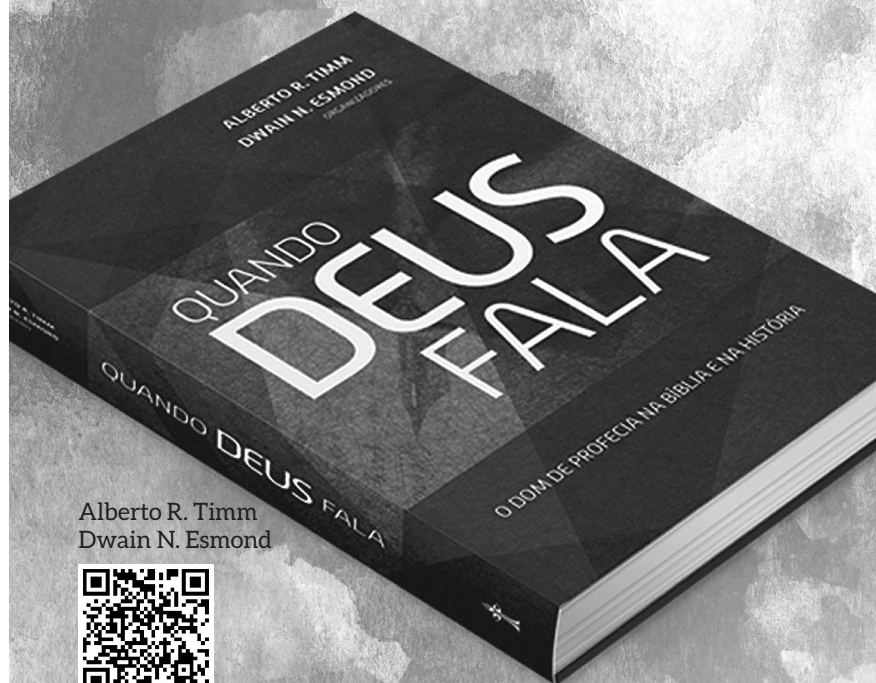
Tem Deus um plano para cada um de nós? É possível descobri-lo? Veja nesta obra oito passos que nos ajudam a saber a direção a seguir.

WhatsApp
cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | 15 98100-5073
 Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br

f i t y
 /cpbeditora

OUÇA A SUA VOZ

Quando Ele fala, Sua voz se faz ouvir em épocas e geografias diversas. Viva também essa experiência.



Alberto R. Timm
Dwain N. Esmond



6

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/cpbeditora

Da cova dos leões à cova do anjo



VERSO PARA MEMORIZAR: “Então, os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa” (Dn 6:4).

Leituras da semana: Dn 6; 1Sm 18:6-9; Mt 6:6; At 5:27-32; Mc 6:14-29; Hb 11:35-38

▣ **Sábado**, 8 de fevereiro

Ano Bíblico: Lv 20-22

Depois que os medo-persas tomaram Babilônia, Dario, o medo, reconheceu a sabedoria de Daniel e o convidou para fazer parte do novo governo. O profeta idoso se destacou tanto em seus deveres públicos que o novo rei o nomeou administrador-chefe de todo o governo medo-persa.

Contudo, Daniel enfrentou o resultado do que poderíamos corretamente chamar de “pecado original supremo” – a inveja. Entretanto, ele foi fiel não apenas aos seus deveres seculares sob o governo dos medo-persas, mas acima de tudo, ao seu Deus. Além disso, podemos ter a certeza de que, em grande medida, sua fidelidade a Deus também influenciou diretamente sua lealdade em outras áreas.

A experiência de Daniel com a perseguição serve como paradigma para o povo de Deus no tempo do fim. A História não sugere que Seu povo será poupado das provações e sofrimentos. O que ela garante é que, no conflito contra o mal, o bem acabará vencendo, e Deus finalmente vindicará Seu povo.

PRIMEIRO DEUS Quando você se sentir fraco e a ponto de cair, vá a Cristo e diga-Lhe: "Senhor, entrego-Te a minha vontade."

Dez Dias de Oração e Resgate – 3º dia: hoje vamos orar pelos líderes da igreja e por cinco amigos.

Pessoas invejosas

Mesmo no Céu, um ambiente perfeito, Lúcifer teve inveja de Cristo. “Lúcifer ficou invejoso e enciumado de Jesus Cristo. Todavia, quando todos os anjos se curvaram diante de Jesus reconhecendo Sua supremacia e alta autoridade e direito de governar, ele curvou-se com eles, mas seu coração estava cheio de inveja e rancor” (Ellen G. White, *História da Redenção*, p. 14). Abrigar o sentimento de inveja é tão perigoso que, nos Dez Mandamentos, juntamente com a proibição do assassinato e do furto, há o mandamento contra a cobiça (veja Êx 20:17).

1. Leia Daniel 6:1-5; Gênesis 37:11 e 1 Samuel 18:6-9. Qual foi a função da inveja em todas essas histórias? Assinale a alternativa correta:

- A. () A inveja colocou homens de Deus no poder.
- B. () A inveja trouxe destruição e inimizade entre pessoas e líderes.

As habilidades administrativas de Daniel impressionaram o rei, mas provocaram inveja em outros oficiais. Portanto, eles conspiraram para se livrarem de Daniel, acusando-o de corrupção. Todavia, por mais que tivessem procurado, não encontraram falhas na administração de Daniel. “Os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa” (Dn 6:4). A palavra aramaica traduzida como “fiel” também pode ser traduzida como “digno de confiança”.

Daniel era irreprensível; não havia nada que os oficiais pudessem fazer para levantar uma acusação contra ele. Porém, eles também perceberam como Daniel era fiel ao seu Deus e obediente à Sua Lei. Portanto, entenderam que, para incriminar Daniel, teriam que produzir uma situação na qual o profeta fosse confrontado com o dilema de obedecer à Lei de Deus ou à lei do império. Em virtude do que os oficiais haviam descoberto sobre o servo de Deus, eles estavam absolutamente convencidos de que, sob condições convenientes, se houvesse um conflito entre a Lei de Deus e a lei do império, Daniel se posicionaria ao lado da Lei de Deus. Que testemunho da fidelidade desse homem!

Você já teve que lidar com a inveja? Como reagiu a ela? Por que esse é um pecado espiritual tão mortal e incapacitante?

Dez Dias de Oração e Resgate – 4º dia: hoje vamos orar pelo reavivamento em nossa família e por cinco amigos.

A trama contra Daniel

2. Leia Daniel 6:6-9. Qual era o pensamento por trás do decreto? Como ele explorava a vaidade do rei?

Dario foi tolo ao promulgar um decreto que ele logo desejou revogar. Ele caiu na armadilha dos oficiais, que foram espertos o suficiente para jogar com as circunstâncias políticas do reino recém-estabelecido. Dario havia descentralizado o governo e estabelecido cento e vinte sátrapas para tornar a administração mais eficiente. Porém, essa ação acarretava riscos em longo prazo. Um governador influente poderia facilmente promover uma rebelião e dividir o reino. Portanto, uma lei forçando todos a fazer petições apenas ao rei durante trinta dias parecia uma boa estratégia para promover a lealdade ao monarca e, assim, impedir qualquer tipo de revolta. Mas os oficiais enganaram Dario, alegando que essa proposta tinha o apoio de “todos” os governadores, administradores, sátrapas e conselheiros – uma evidente imprecisão, uma vez que Daniel não estava incluído. Além disso, a perspectiva de ser tratado como deus pode ter sido atraente para o rei.

Não há evidência de que os reis persas tivessem reivindicado status divino. No entanto, o decreto pode ter sido planejado para tornar o rei o único representante dos deuses durante trinta dias; isto é, as orações aos deuses tinham que ser oferecidas por meio dele. Infelizmente, o rei não investigou as motivações por trás da proposta. Assim, ele não conseguiu perceber que a lei que supostamente impediria uma conspiração foi, em si, uma conspiração para prejudicar Daniel.

Dois aspectos dessa lei merecem atenção. Primeiramente, a punição ao transgressor era ser lançado na cova dos leões. Como esse tipo de castigo não foi atestado em nenhum outro lugar, ele pode ter sido uma sugestão dos inimigos de Daniel para essa situação específica. Antigos monarcas do Oriente Próximo colocavam leões em jaulas a fim de libertá-los em certas ocasiões para caçar. Portanto, não faltariam leões para despedaçar quem ousasse transgredir o decreto do rei. Em segundo lugar, o decreto não podia ser alterado. A natureza imutável da “lei dos persas e medos” também é mencionada em Ester 1:19 e 8:8. Diodorus Siculus, um antigo historiador grego, mencionou uma ocasião em que Dario III (que não deve ser confundido com o Dario mencionado em Daniel) mudou de ideia, mas não conseguiu mais revogar uma sentença de morte que havia decretado contra um inocente.

Dez Dias de Oração e Resgate – 5º dia: hoje vamos pedir que Deus nos dê mais disposição para estudar Sua Palavra.

A oração de Daniel

“Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orará a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará” (Mt 6:6).

3. Leia Daniel 6:10. Por que Daniel simplesmente não orou de uma forma que ninguém o visse? Assinale a alternativa correta:

- A. () Porque queria se exibir para os oficiais.
- B. () Embora fosse discreto, ele não podia negar sua fé e sua confiança em Deus.

Daniel era um estadista experiente, mas, acima de tudo, era servo de Deus. Sendo assim, ele era o único membro do governo que entendia o que estava por trás do decreto do rei. Para Dario, essa ordem representava uma oportunidade para fortalecer a unidade do reino, mas para os conspiradores era uma estratégia para se livrarem de Daniel.

Evidentemente, as verdadeiras causas e os motivos por trás da conspiração residiam na batalha cósmica entre Deus e as forças do mal. Naquela ocasião (539 a.C.), o profeta já havia recebido as visões registradas em Daniel 7 (553 a.C.) e 8 (551 a.C.). Portanto, ele entendia o decreto real não como uma questão de mera política humana, mas como um exemplo dessa guerra cósmica. A visão do Filho do Homem entregando o reino ao povo do Altíssimo e o auxílio animador do anjo intérprete (Dn 7) podem ter lhe dado coragem para enfrentar a crise com determinação. Ele também pode ter refletido sobre a experiência de seus companheiros, que tinham sido corajosos o suficiente para desafiar o decreto de Nabucodonosor (Dn 3).

Portanto, ele não mudou seus hábitos devocionais, mas continuou sua costumeira prática de orar três vezes por dia em direção a Jerusalém. Apesar da proibição de fazer petições a qualquer homem ou deus, exceto ao rei, Daniel também não tomou precauções para esconder nem disfarçar sua vida de oração durante aqueles trinta dias críticos. Ele era uma minoria absoluta, já que era o único, entre dezenas de governadores e outros oficiais, contrariando o decreto real. Contudo, mediante sua aberta vida de oração, ele demonstrou que a lealdade que devia a Deus vinha antes de sua lealdade ao rei e a seu decreto irrevogável.

Leia Atos 5:27-32. Embora a admoestação seja clara nesse texto, quando agimos em oposição à lei humana, por que devemos estar sempre certos de que estamos fazendo verdadeiramente a vontade de Deus?

Dez Dias de Oração e Resgate – 6º dia: hoje vamos orar por decisões importantes que precisamos tomar.

Na cova dos leões

4. Leia Daniel 6:11-23. O que o rei disse a Daniel revelando que o profeta era uma poderosa e fiel testemunha de Deus?

Os conspiradores logo avistaram Daniel orando – isto é, fazendo exatamente o que o decreto proibia. E ao trazerem a acusação perante o rei, eles se referiram a Daniel de maneira humilhante: “Esse Daniel, que é dos exilados de Judá” (Dn 6:13). Aos olhos deles, um dos principais oficiais do império, o favorito do rei, não passava de um “cativo”. Além disso, eles colocaram Daniel contra o rei dizendo que o profeta não demonstrava a devida consideração pelo rei nem pelo decreto que ele tinha assinado. Então, Dario percebeu que havia sido ludibriado ao assinar o decreto. O texto afirma que “até ao pôr-do-sol” o rei “se empenhou por salvá-lo” (Dn 6:14). Mas tudo o que ele fez não pôde salvar o profeta do castigo prescrito. A lei irrevogável dos medos e persas devia ser aplicada à risca. Assim, embora com relutância, o rei deu a ordem para jogar Daniel aos leões. Mas ao fazê-lo, Dario expressou uma vaga esperança, que soou como uma oração: “O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que Ele te livre” (Dn 6:16).

O texto bíblico não declara o que Daniel fez no meio dos leões, mas pode-se supor que ele estivesse orando. E Deus honrou a fé de Daniel enviando Seu anjo para protegê-lo. Pela manhã, Daniel continuava ileso e pronto para retomar suas atividades no governo. Comentando sobre esse episódio, Ellen G. White afirmou: “Deus não impediu que os inimigos de Daniel o lançassem na cova dos leões; Ele permitiu que anjos maus e homens ímpios chegassem a realizar seu propósito; mas isso foi para que pudesse tornar o livramento do Seu servo mais marcante e mais completa a derrota dos inimigos da verdade e da justiça” (*Profetas e Reis*, p. 543, 544).

Embora essa história tenha revelado um final feliz (pelo menos para Daniel), o que dizer dos relatos da Bíblia e de outras fontes que não terminaram em livramento nesta Terra? (Veja, por exemplo, Marcos 6:14-29.) Como devemos compreendê-los?

PRIMEIRO DEUS Dizimar e ofertar é adorar a Deus.

Dez Dias de Oração e Resgate – 7º dia: hoje vamos orar pela vitória sobre as tentações.

Vindicação

5. Leia Daniel 6:24-28. Que testemunho o rei deu sobre Deus?

Um ponto importante da narrativa é o fato de Dario ter louvado a Deus e reconhecido Sua soberania. Isso é uma culminação, até mesmo um clímax, dos louvores ou expressões de reconhecimento oferecidos a Ele nos capítulos anteriores (Dn 2:20-23; 3:28, 29; 4:1-3, 34-37). Como Nabucodonosor, Dario respondeu ao livramento de Daniel louvando o Senhor. Mas ele também fez mais: o rei reverteu seu decreto anterior e ordenou a todos que tremessem e temessem “perante o Deus de Daniel” (Dn 6:26).

O profeta foi miraculosamente salvo, sua fidelidade foi recompensada, o mal foi punido e a honra e o poder de Deus foram vindicados. Vemos aqui um pequeno exemplo do que ocorrerá em escala universal: o povo de Deus terá livramento, o mal será punido, e o Senhor será vindicado perante o Universo.

6. Leia Daniel 6:24. O que é um tanto problemático nesse verso? Por quê?

7

No entanto, há um problema perturbador: as esposas e os filhos que, até onde sabemos, eram inocentes e, contudo, sofreram o mesmo destino dos culpados. Como podemos explicar o que parece ser um mau uso da justiça?

Primeiramente, devemos notar que a ação foi decidida e implementada pelo rei de acordo com a lei persa, que incluía a família na punição do culpado. De acordo com um princípio antigo, toda a família era responsável pela transgressão de um membro da família. Isso não significa que essa prática esteja certa; significa apenas que o relato se encaixa com o que sabemos sobre a lei persa.

Em segundo lugar, devemos observar que a narrativa bíblica relata o evento, mas não endossa a ação do rei. De fato, a Bíblia proíbe claramente que os filhos sejam mortos por causa dos pecados dos pais (Dt 24:16).

Diante de injustiças como essa e tantas outras, como você pode obter conforto de textos como 1 Coríntios 4:5? O que esse texto afirma, e por que o argumento que ele defende é tão importante?

Dez Dias de Oração e Resgate – 8º dia: hoje vamos orar por novas oportunidades para testemunhar da nossa fé.

Estudo adicional

O livramento de Daniel foi registrado em Hebreus 11. O capítulo que pode ser chamado de “Galeria dos Famosos da Fé” afirma que os profetas, entre outras realizações, “fecharam a boca de leões” (Hb 11:33). Isso é maravilhoso, mas devemos ter em mente que os heróis da fé não são apenas aqueles que escaparam da morte como Daniel, mas também aqueles que sofreram e morreram corajosamente, como Hebreus 11 também observa. Deus chama alguns para testemunhar por meio de sua vida, e outros, por meio de sua morte. Portanto, a narrativa do livramento de Daniel não sugere que essa libertação seja concedida a todos, como aprendemos com a multidão de homens e mulheres que foram mártires por causa de sua fé em Jesus. Contudo, o livramento miraculoso de Daniel mostra que Deus governa e, por fim, livrará todos os Seus filhos do poder do pecado e da morte. Isso fica claro nos próximos capítulos de Daniel.

Perguntas para discussão

1. O francês Jean Paul Sartre escreveu: “A melhor maneira de conceber o projeto fundamental da realidade humana é dizer que o homem é o ser cujo projeto é ser Deus” (Jean Paul Sartre, *Being and Nothingness: A Phenomenological Essay on Ontology* [O Ser e o Nada: Um Ensaio Fenomenológico sobre Ontologia]. Washington Square Press, 1956, p. 724). Como isso nos ajuda a entender, pelo menos em certo nível, por que o rei caiu na armadilha? Por que devemos, em qualquer condição na vida, evitar essa inclinação perigosa, por mais sutil que ela seja? De que maneira podemos desejar ser “como Deus”?
2. Que testemunho apresentamos aos outros em relação à nossa fidelidade a Deus e à Sua Lei? As pessoas que nos conhecem pensam que defenderíamos nossa fé, mesmo que isso nos custasse o emprego ou até mesmo a vida?
3. Quais qualidades fizeram de Daniel alguém que Deus pôde usar efetivamente para Seus propósitos? Com a ajuda do Senhor, como você pode desenvolver mais das mesmas características?
4. Daniel estaria justificado se decidisse, à luz do decreto, mudar a maneira de orar? Ou isso teria sido uma transigência perigosa? Por quê?

Respostas e atividades da semana: 1. B. 2. O pensamento era a superioridade do rei Dario em relação a qualquer outro deus, o que inflou o ego do rei e o levou a sancionar o decreto. 3. B. 4. “Que o seu Deus, a quem você serve continuamente, o livre [...] Daniel, servo do Deus vivo, será que o seu Deus, a quem você serve continuamente, pôde livrá-lo dos leões?” (Dn 6:16, 20, NVI). 5. Dario reconheceu o poder absoluto e o domínio do Deus de Daniel, fazendo até, inadvertidamente, uma profecia: o reinado do Senhor não teria fim. 6. A morte das mulheres e dos filhos dos oficiais. Isso fazia parte da lei dos medos e persas e não era endossado por Deus.

Dez Dias de Oração e Resgate – 9º dia: hoje vamos orar pelos jovens da igreja e por pessoas afastadas de Cristo.



RESUMO DA LIÇÃO 7

Da cova dos leões à cova do anjo

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: Daniel 6

FOCO DO ESTUDO: Daniel 6; 1 Samuel 18:6-8; Mateus 6:6; Atos 5:27-32; Marcos 6:14-26; Hebreus 11:35-38

INTRODUÇÃO: Daniel 6 destaca a fidelidade do profeta. Ele estava disposto a ser devorado por leões em vez de comprometer seu relacionamento com Deus. Finalmente, sua fidelidade ao Senhor e lealdade ao rei foram vindicadas.

TEMAS DA LIÇÃO

1. Fidelidade

Apesar do decreto que proibia que alguma petição fosse feita a qualquer homem ou deus, exceto ao rei, Daniel continuou a orar na direção de Jerusalém. Ele poderia ter fechado as janelas e orado em segredo; em vez disso, decidiu não comprometer seu testemunho. Seu compromisso com a verdade estava muito acima da proteção de sua própria vida.

2. Vindicação

Como resultado da lealdade de Daniel a Deus, o anjo do Senhor fechou a boca dos leões famintos. Daniel foi protegido e vindicado perante o rei e os que procuravam tirar sua vida. A experiência do mais notável entre os exilados hebreus serve como demonstração da vindicação final de Deus em favor do Seu povo ao longo dos séculos, quando é combatido e perseguido pelas forças do mal.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Os cristãos que aspiram à carreira política muitas vezes apontam para a experiência de Daniel como uma justificativa para entrar na luta por um cargo no serviço público. Que bênção seria para a igreja e para a sociedade se todo político cristão e todo oficial público imitassem a fidelidade de Daniel!*

COMENTÁRIO

1. Fidelidade

Daniel era um dos três oficiais encarregados de supervisionar os sátrapas (governadores das províncias), verificando suas obrigações e auditando suas contas, a fim de evitar a perda das receitas do rei e assegurar o bom funcionamento do governo (Dn 6:2). Fraude e má administração têm sido um problema desde os primórdios dos tempos. Alguns textos antigos do Oriente Próximo também retratam o clima de competição, rivalidade e intrigas entre os sábios e os conselheiros da corte, que muitas vezes se dirigiam ao rei com acusações contra um adversário real ou imaginário. Assim, nesse sentido, a situação refletida na corte do rei Dario não era exceção, pois os oficiais e os sátrapas queriam se livrar de Daniel. O cúme pode ter desempenhado um papel fundamental, já que o servo de Deus

seria indicado pelo rei como uma espécie de primeiro-ministro. Em relação a essa possibilidade, devemos também ter em mente que a integridade de Daniel pode ter sido um obstáculo aos que buscavam vantagens pessoais e lucro ilícito por meio dos cargos públicos. Finalmente, esses oficiais corruptos podem ter se voltado contra Daniel porque ele era judeu (Dn 6:13, comparar com Dn 3:12) e, como tal, fiel ao seu Deus, e não aos deuses deles.

Apesar do decreto real, Daniel não mudou seus hábitos de oração. Ele continuou a orar três vezes ao dia (comparar com Sl 55:17). A casa de Daniel provavelmente tinha um quarto particular no andar de cima, no telhado plano. De uma janela aberta para o oeste, Daniel orava em direção a Jerusalém, onde o templo estava em ruínas. Na inauguração do templo, Salomão instruiu o povo a orar em direção ao templo (veja 1Rs 8:35, 38, 44, 48). Davi parece ter praticado o mesmo princípio (veja Sl 5:7; Sl 28:2). Jerusalém se tornou o lugar da presença de Deus porque o templo estava ali. Por isso, tal gesto simbolizava compromisso com Yahweh, o Deus que escolheu Jerusalém como o lugar em que colocaria Seu nome. Além disso, Daniel aguardava a restauração de Jerusalém como o cumprimento das promessas da aliança (Jr 31; Ez 36). Ele era um estrangeiro em Babilônia; sua verdadeira cidadania estava em Jerusalém.

Então, a primeira coisa que aprendemos sobre Daniel nessa narrativa é sua integridade profissional como oficial do império. Certamente, Dario convidou Daniel para servir como administrador por causa da sua reputação imaculada como servidor público. Além disso, a integridade de Daniel também foi claramente percebida por seus inimigos. Nesse sentido, duas observações merecem destaque. Primeiro, os inimigos de Daniel reconheceram que não puderam encontrar nada contra ele em seu serviço ao rei: “Então, os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa” (Dn 6:4). Segundo, o aspecto mais impressionante da conspiração dos inimigos de Daniel se encontra no fato de que eles perceberam que sua suprema lealdade era para com o seu Deus. Essa devoção indica que Daniel vivia sua fé e expressava suas convicções abertamente. Todos sabiam o que era mais importante para Daniel. Por esse motivo, seus inimigos decidiram atacá-lo no centro da sua fé. Ao fazer isso, não esperavam que Daniel cedesse, mas que permanecesse fiel ao seu Deus e, assim, pudesse ser condenado à morte. O profeta, no entanto, não percebeu nenhum conflito entre suas responsabilidades como oficial do governo e como servo do Deus verdadeiro. Na verdade, Daniel considerou seu serviço público como uma oportunidade para honrar ao Senhor, que é o supremo Soberano sobre todas as coisas.

2. Vindicação

Provavelmente, a característica mais marcante do relato sobre Daniel na cova dos leões é o fato de que Daniel foi salvo dos leões. Esse final feliz é compatível com outras narrativas bíblicas, como o livramento dos amigos de Daniel da fornalha de fogo ardente, bem como a restauração de Jó. Acima de tudo, está em harmonia com a própria macro-narrativa da Bíblia, que termina com a destruição do mal e o estabelecimento do reino eterno de Deus. A vindicação de Daniel sobre seus inimigos aponta para a vindicação final do povo de Deus, como

é descrito na seção profética do livro de Daniel (Dn 7–12). Isso não significa, no entanto, que todo servo fiel que é perseguido será livrado como foi Daniel. A galeria dos mártires ao longo da História mostra que, às vezes, Deus permite que Seus servos paguem o preço mais alto pela lealdade deles, sem qualquer aparente justificativa nesta vida, antes de chegarmos ao Céu. Mas o livramento de Daniel serve como demonstração da vindicação divina em favor do Seu povo no tempo do fim e mostra que Ele detém o poder supremo sobre as forças do mal. O Deus que impediu que os leões devorassem Daniel finalmente silenciará para sempre Satanás, o leão que rugiu, o maior acusador dos irmãos (1Pe 5:8).

A lealdade do servo do Senhor foi expressa por meio da fidelidade à Sua Lei. Assim, quando a lei humana entrou em conflito com a Lei divina, o servo do Altíssimo não demonstrou nenhuma hesitação sobre qual lei obedecer. O decreto foi sancionado de acordo com a lei dos medos e dos persas, “que se não pode revogar” (Dn 6:8). Aqui, surgiu um conflito entre duas leis, ambas reivindicando imutabilidade, o qual alcançará proporções escatológicas na tentativa do pequeno chifre de mudar os tempos e a lei (Dn 7). Dessa forma, se a lei dos medos e dos persas não pode ser mudada, o que dizer da Lei que reflete o caráter de Deus? O conflito entre a eterna Lei de Jeová e as contrafações humanas é um aspecto crucial do grande conflito presente na experiência de Daniel. Por mais que o profeta fosse leal ao estado, quando as leis do estado conflitaram com a Lei de Deus, ele não demonstrou nenhuma hesitação sobre qual lei obedecer.

A fidelidade de Daniel foi vindicada por Deus. Dario não tinha dúvidas sobre a integridade do profeta, tanto é que fez um grande esforço para encontrar uma brecha na lei imperial. Por fim, o rei foi forçado a ceder, embora com esperança de que Deus livrasse o profeta Daniel. De acordo com a narrativa bíblica, a pedra que fechou a boca da cova “selou-a o rei com o seu próprio anel e com o dos seus grandes” (Dn 6:17). Esse duplo selamento tinha a intenção de garantir que o destino de Daniel permanecesse inalterado. Como foi sugerido de forma plausível por um comentarista: “Os acusadores, que provavelmente estavam presentes e queriam que o selo do anel dos grandes fosse usado desejavam assegurar que não haveria possibilidade de que o próprio rei enviasse homens para resgatar Daniel. Por outro lado, o rei queria garantir que esses acusadores não tentassem tirar a vida de Daniel de outra maneira, se os leões não a tirassem” (Leon J. Wood, *A Commentary on Daniel* [Um Comentário Sobre Daniel], Grand Rapids, MI: Zondervan, 1973, p. 169).

Mas a vindicação de Daniel implicava na condenação daqueles que conspiraram contra ele. Esse resultado é o lado triste, mas necessário, da vindicação. O rei ordenou que os inimigos de Daniel fossem jogados na mesma cova em que ele tinha sido lançado, o que resultou na destruição deles pelos leões. Para a mente moderna e pós-moderna, é difícil aceitar o fato de que o rei tenha incluído as famílias na punição dos conspiradores. No entanto, observe que ele estava simplesmente seguindo uma prática antiga, embora terrível. Deus não ordenou que isso fosse feito. O que o Senhor fez foi salvar Daniel dos leões, o que tornou clara a inocência do profeta em todas as questões relacionadas ao rei. Mas, acima de tudo, devemos ter em mente que não apenas Daniel foi vindicado; o próprio Deus também foi vindicado diante de Dario. O rei finalmente reconheceu que Aquele que livrou Daniel é o Deus vivo e verdadeiro: “O Seu reino não será destruído,

e o Seu domínio não terá fim” (Dn 6:26). Essas palavras concluem a seção narrativa de maneira apropriada e envolvem o núcleo da mensagem teológica transmitida pela seção profética de Daniel.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

“Querida juventude, qual é o alvo e propósito de sua vida? Vocês têm a ambição de educar-se para poder ter nome e posição no mundo? Têm pensamentos que não ousam expressar, de poder um dia alcançar as alturas da grandeza intelectual; de poder assentar-se em conselhos deliberativos e legislativos, cooperando na elaboração de leis para a nação? Nada há de errado nessas aspirações. Vocês podem, cada um de vocês, estabelecer um alvo. Vocês não devem contentar-se com realizações tacanhas. Aspiram à altura, e não se poupem trabalhos para alcançá-la” (Ellen G. White, *Mensagens aos Jovens*, p. 36).

1. Quais são os tipos de cargos públicos, se houver, compatíveis com a vida cristã?
2. Onde você estabelece o limite entre lealdade ao Estado e lealdade a Deus?
3. Se Daniel é um modelo, quais são as quatro coisas que ele fez e que devem ser imitadas pelos que aspiram à carreira política e ao serviço público? (Dn 6:10, 11).

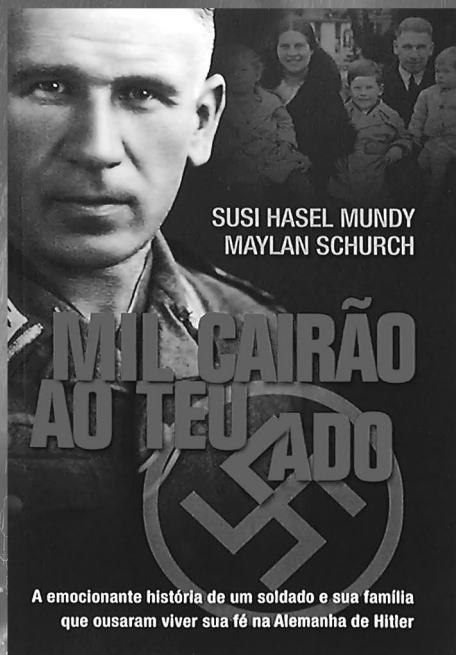


A impossibilidade do homem indica a oportunidade de Deus. Deixe Deus agir em sua vida. Leia e comprove!

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



O PODER DA GRAÇA EM MEIO À GUERRA



MKT CPB | Fotolia

7



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@livrarias@cpb.com.br



/cpbeditora

Do mar tempestuoso às nuvens do Céu

Lição 8

VERSO PARA MEMORIZAR: “O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o Céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o Seu reino será reino eterno, e todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão” (Dn 7:27).

Leituras da semana: Dn 7; 2Ts 2:1-12; Rm 8:1; Mc 13:26; Lc 9:26; 12:8; 1Tm 2:5



Sábado, 15 de fevereiro

Ano Bíblico: Nm 12-14

A visão de Daniel 7, nosso assunto desta semana, é semelhante ao sonho de Daniel 2. Porém, Daniel 7 amplia o que foi revelado em Daniel 2. Primeiramente, a visão ocorreu à noite e retrata o mar agitado pelos quatro ventos. Escuridão e água lembram a criação, mas, nesse episódio, a criação parece estar de alguma forma distorcida ou sob ataque. Em segundo lugar, os animais da visão são impuros e híbridos, o que representa uma violação da ordem criada. Em terceiro lugar, eles são descritos como se estivessem exercendo domínio; portanto, parece que o domínio que Deus havia conferido a Adão no jardim foi usurpado por esses poderes. Em quarto lugar, com a vinda do Filho do Homem, o domínio de Deus é devolvido àqueles a quem ele pertence legitimamente. O que Adão havia perdido no jardim, o Filho do Homem recupera no julgamento celestial.

A descrição acima apresenta um panorama das imagens bíblicas que aparecem no pano de fundo dessa visão altamente simbólica. Felizmente, alguns detalhes essenciais da visão foram explicados pelo anjo, para que pudéssemos compreender os principais desdobramentos dessa incrível profecia.

Dez Dias de Oração e Resgate – 10º dia: hoje vamos orar por líderes da igreja que se afastaram de Cristo.

Os quatro animais

1. Leia Daniel 7. Qual é a essência do que foi mostrado a Daniel e qual é o assunto da visão?

Cada animal revelado a Daniel correspondia a uma parte da estátua mostrada a Nabucodonosor; porém, nessa visão, foram dados mais detalhes sobre cada reino. É interessante que as criaturas, simbolizando nações pagãs, eram animais impuros. Além disso, com exceção do quarto animal, Daniel descreveu os animais como se eles se parecessem com algumas criaturas conhecidas. Portanto, não eram símbolos arbitrários, visto que cada um apresentava algumas características ou apontava para algum aspecto do reino que representava.

Leão: Um leão é a representação mais adequada de Babilônia. Leões alados decoravam as paredes do palácio e outras obras de arte babilônicas. O leão descrito na visão teve suas asas arrancadas, foi levantado e posto em dois pés como homem e recebeu um coração humano. Esse processo simboliza a decadência do Império Babilônico sob seus reis posteriores.

Urso: O urso representa o Império Medo-Persa. O fato de ser levantado sobre um lado indica a superioridade dos persas sobre os medos. As três costelas entre os dentes representam as três principais conquistas do Império Medo-Persa: Lídia, Babilônia e Egito.

Leopardo: O leopardo veloz representa o Império Grego estabelecido por Alexandre, o Grande. As quatro asas tornavam esse animal ainda mais veloz, uma representação adequada de Alexandre, que em poucos anos dominou todo o mundo conhecido então.

O animal terrível e espantoso: Enquanto as entidades anteriores apenas se assemelhavam aos animais mencionados, esta era uma entidade em si mesma. Isto é, os primeiros animais foram descritos como “semelhantes” ao leão ou ao urso, mas esse não foi retratado como semelhante a nada. Esse animal com vários chifres também parecia muito mais cruel e voraz do que os anteriores. Assim, ele é uma representação adequada de Roma pagã, que conquistou, governou e pisoteou o mundo com pés de ferro.

Todos esses milhares de anos da História humana vieram e se foram, exatamente como foi predito. Que consolo temos ao saber que Deus governa acima de todo o tumulto, a agitação e, às vezes, o caos total? O que isso nos ensina sobre a confiabilidade das Escrituras?

O chifre pequeno

2. Leia Daniel 7:7, 8, 19-25. Quem é o poder do chifre pequeno, que surge diretamente do quarto animal e continua sendo parte dele? Assinale “V” para verdadeiro ou “F” para falso:

- A. () O papado como instituição.
 B. () O islamismo.

Ontem descobrimos que o animal feroz com dez chifres governando o mundo com extrema crueldade representa Roma pagã. Agora, devemos considerar o chifre pequeno e o poder que ele representa. Conforme retratado na visão, o quarto animal tinha dez chifres, dos quais três foram arrancados para dar lugar a um chifre pequeno. Esse chifre tinha olhos humanos e “falava com insolência” (Dn 7:8). É evidente que o chifre pequeno emerge da entidade representada pelo animal terrível, que é Roma pagã. De certa maneira, o chifre prolonga ou perpetua algumas características de Roma pagã. Ele é apenas um estágio posterior do mesmo poder.

Daniel viu esse outro chifre guerreando contra os santos. O anjo lhe explicou que esse chifre era um rei que realizaria três ações contrárias à Lei: (1) proferiria palavras contra o Altíssimo; (2) destruiria os santos do Altíssimo (Dn 7:25, ARC); (3) cuidaria em mudar os tempos e a Lei. Como consequência, os santos seriam entregues em suas mãos. Em seguida, o anjo apresentou o período previsto para as atividades do chifre pequeno: *um tempo, dois tempos e metade de um tempo*. Nesse caso de linguagem profética, a palavra “tempo” significa “ano”. Sendo assim, a expressão “tempos” significa “anos”, uma forma dupla: “dois anos”. Portanto, é um período profético de três anos e meio que, de acordo com o princípio do dia/ano, indica um período de 1.260 anos. Durante esse tempo, o chifre pequeno prepararia um ataque contra Deus, perseguiria os santos e tentaria mudar Sua Lei.

3. Leia 2 Tessalonicenses 2:1-12. Quais semelhanças existem entre o homem da iniquidade e o chifre pequeno? Sobre qual poder Paulo e Daniel estavam falando? Por quê? Qual é o único poder que surgiu de Roma pagã, mas continua sendo parte de Roma – um poder que se estende desde a época de Roma pagã até o fim do mundo, existindo ainda hoje?

O tribunal se assentou

Após a visão dos quatro animais e das atividades do chifre pequeno, o profeta viu uma cena de juízo no Céu (Dn 7:9, 10, 13, 14). Enquanto o tribunal se reunia, foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias Se assentou. Como mostra a cena celestial, milhares e milhares de seres celestiais ministravam diante do Ancião de Dias; o tribunal se assentou e os livros foram abertos.

É importante observar que esse juízo ocorre após o período de 1.260 anos da atividade do chifre pequeno (531-1798 d.C.; veja a lição de sexta-feira), mas antes do estabelecimento do reino final de Deus. Na verdade, a seguinte sequência aparece *três vezes* na visão:

O período do chifre pequeno (538-1798)

Juízo celestial

Reino eterno de Deus

4. Leia Daniel 7:13, 14, 21, 22, 26, 27. De que maneiras o juízo beneficia o povo de Deus?

8

O Antigo Testamento descreve diversos atos de juízo no tabernáculo e no templo, mas o juízo mencionado nesse texto é diferente. Esse juízo cósmico afeta não apenas o chifre pequeno, mas também os santos do Altíssimo, que por fim receberão o reino.

Daniel 7 não descreve o juízo nem apresenta detalhes sobre seu início e fim, mas sugere que ele seria realizado logo após o ataque do chifre pequeno contra Deus e Seu povo. A grande questão nesse texto, então, é enfatizar o início de um julgamento de proporções cósmicas. A partir de Daniel 8 e 9 (veja as lições das próximas semanas), estudaremos sobre o tempo do início do juízo e o fato de que ele está relacionado à purificação do santuário celestial no Dia da Expição celestial. A lição aqui é que evidentemente teremos um juízo pré-advento no Céu em favor do povo de Deus (Dn 7:22).

Por que uma compreensão do que Jesus realizou por nós na cruz é tão central à nossa segurança no dia do juízo? Que esperança teríamos sem a cruz? (Veja Rm 8:1).

A vinda do Filho do Homem

5. Quem é o Filho do Homem em Daniel 7:13 e como você O identifica? (Veja também Mc 13:26; Mt 8:20; 9:6; Lc 9:26; 12:8). Assinale a alternativa correta:

- A. () Jesus, pois Ele mesmo Se identificou assim no Novo Testamento.
 B. () O profeta Daniel, que será uma importante testemunha no juízo celestial.

A medida que o juízo ocorre, uma figura importante entra em cena: o Filho do Homem. Quem é Ele? Primeiramente, o Filho do Homem aparece como uma figura celestial individual. Mas, como o título sugere, Ele também exhibe traços humanos. Em outras palavras, Ele é um Ser divino-humano que vem desempenhar uma função ativa no juízo. Em segundo lugar, o Filho do homem vindo com as nuvens do Céu é uma imagem comum da segunda vinda de Cristo no Novo Testamento. Contudo, em Daniel 7:13 especificamente, o Filho do Homem não é descrito como vindo do Céu à Terra, mas como se estivesse Se movendo horizontalmente de um lugar a outro no Céu, a fim de aparecer diante do Ancião de Dias. Em terceiro lugar, a representação do Filho do Homem vindo com as nuvens do Céu sugere a manifestação visível do Senhor. Mas essa imagem lembra também o sumo sacerdote que, rodeado por uma nuvem de incenso, entrava no lugar santíssimo no Dia da Expição para realizar a purificação do santuário.

O Filho do Homem é também uma figura da realeza. Ele recebeu “domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas O servissem” (Dn 7:14). O verbo “servir” também pode ser traduzido como “adorar”. Ele aparece nove vezes nos capítulos 1 a 7 (Dn 3:12, 14, 17, 18, 28; 6:16, 20; 7:14, 27) e transmite a ideia de prestar homenagem a uma divindade. Portanto, como consequência da tentativa de mudar a Lei de Deus, o sistema religioso representado pelo chifre pequeno corrompe a adoração devida ao Senhor. O juízo mostrado nessa passagem significa que a adoração verdadeira finalmente é restaurada. A adoração estabelecida pelo sistema papal, entre outros elementos, coloca um ser humano caído como um mediador entre Deus e a humanidade. O livro de Daniel mostra que o único Mediador capaz de representar a humanidade diante de Deus é o Filho do Homem. Como diz a Bíblia: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, Homem” (1Tm 2:5).

De tudo o que lemos na Bíblia sobre a vida e o caráter de Jesus, por que é tão reconfortante saber que Ele é tão central ao juízo descrito nessa passagem?

Os santos do Altíssimo

6. De acordo com Daniel 7:18, 21, 22, 25 e 27, o que acontecerá com o povo de Deus? Assinale a alternativa correta:

- A. () Será perseguido e oprimido, mas será resgatado e receberá o reino.
 B. () Será afligido e derrotado para todo o sempre.

Os “santos do Altíssimo” são uma designação do povo de Deus. Eles foram atacados pelo poder representado pelo chifre pequeno. Em virtude de insistirem em permanecer fiéis à Palavra de Deus, eles foram perseguidos durante os tempos do governo papal. Os cristãos também foram perseguidos durante a época do Império Romano pagão (o quarto animal), mas o que é mencionado em Daniel 7:25 é uma perseguição aos santos promovida pelo chifre pequeno, que surge somente após o término do período pagão de Roma.

No entanto, o povo de Deus não estará para sempre sujeito à opressão do poder deste mundo. O reino de Deus substituirá os reinos do mundo. É interessante que, na visão, o Filho do Homem recebe “domínio, e glória, e o reino” (Dn 7:14). Mas na interpretação apresentada pelo anjo, os “santos” recebem o reino (Dn 7:18). Não há contradição aqui. Visto que o Filho do Homem Se identifica com Deus e com a humanidade, Sua vitória é a vitória daqueles que Ele representa.

8

Quando o sumo sacerdote perguntou se Jesus era o Messias, o Filho de Deus, Jesus apontou para o Salmo 110:1 e Daniel 7:13, 14 e disse: “Eu Sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do Céu” (Mc 14:62). Portanto, Jesus é Aquele que nos representa no tribunal celestial. Ele já derrotou os poderes das trevas e compartilha Seu triunfo com aqueles que se aproximam Dele. Portanto, não há razão para temer. Como declarou o apóstolo Paulo tão apropriadamente: “Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio Daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8:37-39).

Veja com que precisão a visão de Daniel descreve a História, com milhares de anos de antecedência. Como isso deve nos ajudar a confiar em todas as promessas de Deus para o futuro?

Estudo adicional

Um exame superficial da História revela que, após o colapso do Império Romano, que ocorreu por ataques de bárbaros do norte, o bispo de Roma se aproveitou da derrota das três tribos bárbaras e se estabeleceu como único poder em Roma a partir de 538 d.C. Ele adotou diversas funções institucionais e políticas do imperador romano. Daí surgiu o papado, investido de poder temporal e religioso até ser deposto por Napoleão em 1798. Isso não pôs fim à Roma, porém apenas àquele período específico de perseguição. O papa não apenas afirmou ser o vigário de Cristo, mas também introduziu doutrinas e práticas contrárias à Bíblia. O purgatório, a penitência, a confissão a um sacerdote e a mudança do sábado para o domingo estão entre as muitas mudanças dos tempos e da Lei introduzidas pelo papado.

“O homem não pode, em sua própria força, enfrentar as acusações do inimigo. Com suas vestes manchadas de pecado e em confissão de culpa, ele está perante Deus. Mas Jesus, nosso Advogado, apresenta uma eficaz alegação em favor de todo aquele que, pelo arrependimento e fé, confiou a guarda de seu coração a Ele. Cristo defende sua causa e, mediante os poderosos argumentos do Calvário, derrota seu acusador. Sua perfeita obediência à Lei de Deus deu-Lhe poder no Céu e na Terra, e Ele reclama de Seu Pai misericórdia e reconciliação para com o homem culpado. Ao acusador do Seu povo Ele declara: ‘O Senhor te repreenda, ó Satanás. Estes são os que foram comprados com o Meu sangue, tições tirados do fogo’. E aos que Nele descansam em fé, Ele dá a certeza: ‘Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de vestidos novos’ (Zc 3:4, ARC)” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 586, 587).

8

Perguntas para discussão

Veja novamente as características do chifre pequeno que surge e continua sendo parte do quarto animal, Roma. Qual é o único poder que surgiu de Roma pagã muitos séculos atrás, perseguiu o povo de Deus e existe até hoje? Por que essa identificação deve nos proteger de especulações sobre sua identidade, tais como a ideia de que o chifre pequeno seja um rei grego pagão que desapareceu da história mais de um século e meio antes do primeiro advento de Jesus? Como essas marcas claras de identificação também nos protegem da crença de que o chifre pequeno seja algum poder futuro que ainda está para surgir?

Respostas e atividades da semana: 1. A visão que tratava dos reinos futuros da Terra e da sua destruição. Descreve quatro animais que subiram do mar. Representavam os reinos que dominariam o mundo até a vinda do Filho do Homem. 2. V; F. 3. Ambos querem tomar o lugar de Deus. Buscam enganar os santos e representam o papado, a Igreja Católica Apostólica Romana, pois nasce da própria Roma pagã. 4. Deus dará ao Seu povo o reino e o domínio. 5. A. 6. A.



RESUMO DA LIÇÃO 8

Do mar tempestuoso às nuvens do Céu

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 7:27*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 7; 2 Tessalonicenses 2:1-12; Romanos 8:1; Marcos 13:26; Lucas 9:26; Lucas 12:8; 1 Timóteo 2:5*

INTRODUÇÃO: *Daniel 7 revela que, depois de uma sequência de poderes mundiais, os quais governaram o mundo com extrema crueldade, o tribunal celestial é estabelecido, e o Filho do Homem recebe o poder e o reino para governar eternamente com Seu povo.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. O chifre pequeno

Do quarto animal com dez chifres emerge um chifre pequeno que blasfema contra Deus e persegue o Seu povo.

2. Juízo celestial

O tribunal celestial condena o chifre pequeno e traz livramento e salvação ao povo de Deus.

3. A vinda do Filho do Homem

O Filho do Homem sai do juízo celestial para vindicar Seu povo.

4. Os santos do Altíssimo

Os santos sofrem perseguição mas permanecem fiéis a Deus.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Apesar de tanta injustiça, perseguição e provação, o povo de Deus pode olhar para o futuro com esperança. Um olhar para essa descrição profética da história mostra que a História humana culminará no juízo celestial e no estabelecimento do reino eterno do Filho do Homem. Esperamos que esse reino eterno seja estabelecido em breve.*

8

COMENTÁRIO

1. O chifre pequeno

O chifre pequeno cresce entre os outros dez chifres do animal terrível que representa o Império Romano. Na verdade, ele arranca três dos dez reinos que emergem de Roma pagã. O poder do chifre pequeno é uma extensão de Roma pagã e, portanto, compartilha características essenciais do antigo império. Ele usurpa as prerrogativas de Cristo, persegue o povo de Deus, muda Sua lei, fala contra Ele e age da maneira que lhe agrada por três tempos e metade de um tempo (que são 1.260 anos civis). Essas atividades indicam que essa entidade detém tanto o poder político quanto o religioso, o que se encaixa com a descrição do papado. A história mostra que a conversão do imperador Constantino, o reconhecimento oficial do domingo como dia de adoração, a queda de Roma diante dos bárbaros e a fundação de Constantinopla no Oriente foram fatores importantes que favoreceram a ascensão do papado. Com o desaparecimento do Império Romano pagão do

Ocidente, o bispo de Roma preencheu o vácuo de poder que foi criado em Roma com a transferência da capital do Império Romano para Constantinopla.

Com o decreto do imperador Justiniano em 538 d.C., declarando o papa como o cabeça de todas as igrejas, a porta estava aberta para que o papado implementasse o seu governo. O bispo de Roma não possuía apenas autoridade religiosa, mas também poder político. Os papas logo começaram a se autodenominar pontífices e adotaram outros costumes e leis do Império Romano pagão. Por meio de alianças com poderes seculares, a igreja perseguida tornou-se o poder perseguidor. Por meio das Cruzadas e da Inquisição, a Igreja romana infligiu um enorme sofrimento a muitos que desejavam permanecer fiéis aos ensinamentos bíblicos. Então, já durante a Idade Média, o papa veio a ser identificado como o Anticristo (Mt 24; 2Ts 2:3, 4; Ap 13:1-10). Em 1798, Napoleão lançou o papa na prisão, pondo fim aos 1.260 anos de supremacia papal.

2. Juízo celestial

A cena do tribunal celestial de Daniel 7:9-14 descreve o evento central do capítulo: os livros, o Ancião de Dias assentado no trono e o Filho do Homem rodeado pelas nuvens do Céu enquanto entra na presença do Ancião de Dias (Dn 7:13) são descrições de uma cena de juízo no Céu. Juízo nas Escrituras significa tanto condenação quanto vindicação. Para o chifre pequeno, entretanto, o juízo significa condenação e culminará com sua destruição final. Mas para os santos, que foram perseguidos pelo chifre pequeno, o juízo significa vindicação, salvação e restauração. Quando os nomes deles são examinados no juízo celestial, eles são declarados inocentes. São vindicados e finalmente recebem o reino.

Alguns aspectos desse juízo merecem ser destacados: primeiro, devemos notar que esse juízo começa depois que o chifre pequeno ascende ao poder e termina pouco antes que os santos sejam recompensados, e o chifre pequeno seja punido. Então, esse juízo foi apropriadamente chamado de juízo investigativo. Ellen G. White menciona os seguintes livros relacionados a esse juízo: (1) o livro da vida, contendo os nomes dos que aceitaram o serviço de Deus; (2) o livro memorial, contendo o registro das boas obras dos santos; e (3) um registro dos pecados (*O Grande Conflito*, p. 480, 481). Por uma questão de justiça e transparência para todos os envolvidos e afetados pela decisão final, Deus deve conduzir uma investigação de tal forma que ninguém possa lançar dúvida sobre a retidão da decisão final. Segundo, uma vez que esse juízo tem uma abrangência universal e, de acordo com a cronologia profética, está ocorrendo agora, alguns têm indagado se Deus começaria o juízo dos vivos a qualquer momento. Tal preocupação impede que a vida cristã seja desfrutada em sua plenitude. Devemos ter em mente que o juízo dos vivos só acontecerá quando terminar o tempo da graça, e as sete últimas pragas começarem a ser derramadas sobre Babilônia (Ap 15; 16). Mas o mais importante é que não devemos temer o juízo porque o “Filho do Homem” é nosso representante no tribunal celestial. Assim, em vez de condenação, o juízo celestial nos trará vindicação e livramento.

3. O Filho do Homem

A designação “Filho do Homem” (*bar ‘enash*, em aramaico) liga esse Ser celestial a algumas realidades históricas e teológicas importantes. Primeiro, o Filho do Homem aponta

para Adão, o pai da humanidade. Adão recebeu o domínio sobre a criação e lhe foi ordenado que exercesse essa autoridade. Assim, em contraste com Adão, que exerceu domínio temporário, e os reis do mundo, que governaram por um tempo, o Filho do Homem recebe um reino eterno. Dessa forma, o Filho do Homem reconquista o que Adão perdeu. Em segundo lugar, a designação Filho do Homem sugere que Ele compartilha pontos em comum em relação à humanidade. Essa expressão pode ser usada para designar um ser humano (Ez 2:1). Uma vez que em Daniel 7 essa figura é claramente um ser celestial, o título Filho do Homem aponta para o seu vínculo com a humanidade.

A partir do amplo contexto das Escrituras, podemos perceber que o Filho do Homem não só representa Seu povo no tribunal celestial, mas também pode Se identificar com eles, pois participa da sua natureza humana (Hb 2:14; Hb 4:15). Além disso, devemos destacar que o Filho do Homem de Daniel 7 deve ser identificado com o Príncipe do exército (Dn 8:11), o “homem vestido de linho” (Dn 10:5) e Miguel (Dn 10:13; Dn 12:1). Finalmente, o Filho do Homem de Daniel 7 é claramente o Messias Jesus Cristo, que vem à presença de Deus Pai como representante dos santos (1Jo 2:1) no dia antitípico da expiação. Essa ligação ficará mais clara no estudo de Daniel 8.

4. Os santos do Altíssimo

Esse grupo é o objeto da perseguição do chifre pequeno e, à medida que recebem o reino, é chamado de “santos” (Dn 7:21) “santos do Altíssimo” (Dn 7:18, 22, 25) e “povo dos santos do Altíssimo” (Dn 7:27). Eles também são chamados de “povo santo” em Daniel 8:24, no contexto dos ataques do chifre pequeno contra eles; e em Daniel 12:7, em um contexto de perseguição. Essas referências ao povo de Deus como santos lembram Êxodo 19:6, em que Deus chama Israel para ser “reino de sacerdotes e nação santa”. Assim, os santos do Altíssimo “devem ser identificados com os fiéis seguidores de Deus, que constituem Seu povo remanescente, que são Seus escolhidos, separados do restante das nações, perseguidos pelo poder que se opõe a Deus, mas que guardam a fé da aliança e mantêm a sua confiança e segurança em Deus, de quem finalmente receberão um reino eterno” (Gerhard F. Hasel, *“The Identity of ‘The Saints of the Most High’ in Daniel 7”* [“A Identidade dos ‘Santos do Altíssimo’ em Daniel 7”], *Bíblica* 56, nº 2 [1975], p. 192).

Os capítulos 12 a 14 do Apocalipse retratam os seguidores de Cristo e mostram como estes permanecem fiéis durante a crise final. João diz: “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17). Por causa da estreita relação entre o “testemunho de Jesus” e a profecia (Ap 19:10; Ap 22:9), “os adventistas do sétimo dia interpretam assim esta passagem e creem que o ‘remanescente’ se distingue pela manifestação do dom de profecia. Acreditam que ‘testemunho de Jesus Cristo’ é aquilo que Jesus testemunha a Seu povo por intermédio do dom profético” (*Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 7, p. 899).

APLICAÇÃO PARA A VIDA

“Deus deu uma visão a Daniel que o habilitaria a ver que, apesar do aumento da violência e da perseguição no mundo, Deus está no controle. Ele é o grande Juiz, que fará

com que a verdade triunfe no final. Os poderes mundiais, apresentados no sonho de Nabucodonosor como se deteriorando na manutenção das normas morais, são apresentados a Daniel como estando a aumentar em crueldade e violência. O clímax da arrogância no mundo é visto na ascensão de um chifre pequeno que falava 'com insolência'. Enquanto coisas terríveis estão acontecendo na Terra, é estabelecido no Céu um tribunal que julgará aquilo que sucede na Terra, de acordo com os registros que são mantidos. Os arrogantes poderes da Terra serão condenados e destruídos, ao passo que o Filho do Homem e os santos receberão um domínio eterno, que jamais será destruído” (G. Arthur Keough, *God and Our Destiny* [Deus e o Nosso Destino], Lição da Escola Sabatina de Adultos, primeiro trimestre de 1987, p. 63).

1. Como você se sente com a perspectiva de um juízo universal no qual todos os seus pensamentos e ações serão expostos diante do tribunal celestial?
2. Qual será a norma pela qual todos serão julgados? Reflita: Estou à altura dessa norma? O que sua resposta lhe diz sobre algumas das coisas que você ainda precisa vencer pela graça de Deus?
3. Que diferença faz saber que Jesus será meu advogado no juízo celestial?
4. Sabendo que Jesus é o nosso advogado no juízo celestial, como devemos viver?

8



ALEGRE-SE!
O MAL ESTÁ COM OS DIAS CONTADOS

Prepare-se para o maior de todos os eventos: a volta de Jesus.

WhatsApp
cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | [15 98100-5073](https://api.whatsapp.com/send?phone=15981005073)
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

MKT CPB | Fotolia

[f](https://www.facebook.com/cpbeditora) [i](https://www.instagram.com/cpbeditora) [v](https://www.youtube.com/c/cpbeditora)
/cpbeditora

É O FIM DO MUNDO!



Quanto tempo o mundo ainda irá durar? Quais serão os eventos-chave que darão forma ao fim da história da Terra? Será possível sobreviver? Encontre essas e outras respostas neste livro tão especial.

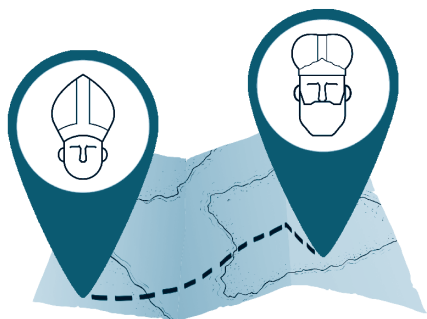
cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/cpbeditora

Da contaminação à purificação



VERSO PARA MEMORIZAR: “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Dn 8:14).

Leituras da semana: Dn 8; 2:38; Gn 11:4; Lv 16; Hb 9:23-28

■ **Sábado, 22 de fevereiro**

Ano Bíblico: Nm 31, 32

A visão relatada em Daniel 8 foi concedida ao profeta em 548-547 a.C. e apresenta alguns esclarecimentos significativos sobre o juízo referido em Daniel 7. Diferentemente das visões de Daniel 2 e 7, a visão de Daniel 8 deixa de fora Babilônia e começa com a Média-Pérsia, pois naquele momento o Império Babilônico estava em declínio, e os persas estavam prestes a substituí-lo como a próxima potência mundial. A visão de Daniel 8 se assemelha à de Daniel 7. A linguagem e os símbolos mudam em Daniel 8 porque essa visão focaliza de maneira precisa a purificação do santuário celestial em conexão com o Dia da Expição celestial. Portanto, a contribuição distintiva de Daniel 8 está em seu foco nos aspectos do santuário celestial. Enquanto Daniel 7 mostra o tribunal celestial e o Filho do Homem recebendo o reino, Daniel 8 apresenta a purificação do santuário celestial. Portanto, como os paralelos entre esses dois capítulos indicam, a purificação do santuário celestial retratada em Daniel 8 corresponde à cena do juízo de Daniel 7.

O carneiro e o bode

1. Leia Daniel 8. Qual é o conteúdo dessa visão e qual é o paralelo entre ela e o que vimos em Daniel 2 e 7?

Assim como em Daniel 2 e 7, o capítulo 8 apresenta outra visão da ascensão e queda dos impérios mundiais, embora com um simbolismo diferente. Esse simbolismo está diretamente relacionado ao santuário de Deus. Nesse caso, os símbolos de um carneiro e um bode foram usados devido à sua relação com o ritual do santuário no Dia da Expição, uma ocasião de juízo para o antigo Israel. Carneiros e bodes eram usados como ofertas sacrificiais no serviço do santuário. Contudo, somente no Dia da Expição os dois são mencionados juntos. Por isso, esses dois animais foram escolhidos intencionalmente para lembrar o Dia da Expição, que é o foco principal da visão.

Enquanto a visão se desenrolava, Daniel viu um carneiro dando maradas em três direções diferentes: para o ocidente, para o norte e para o sul (Dn 8:4). Esse movimento tríplice indica a expansão desse poder: “nenhum dos animais lhe podia resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder; ele, porém, fazia segundo a sua vontade e, assim, se engrandecia” (Dn 8:4). Conforme explicado pelo anjo, o carneiro com dois chifres representa o Império Medo-Persa (Dn 8:20), e as três direções provavelmente apontem literalmente para as três maiores conquistas dessa potência mundial.

Em seguida, surge um bode com um grande chifre, que representa o Império Grego, sob o comando de Alexandre, o Grande (Dn 8:21). O fato de que o bode se movia “sem tocar no chão” (Dn 8:5) significa que ele se movia rapidamente. Esse simbolismo comunica a rapidez das conquistas de Alexandre, que Daniel 7 apresenta como um leopardo alado. Mas, como a profecia indica, quando o bode se engrandeceu sobremaneira, “o seu grande chifre foi quebrado” (Dn 8:8, NVI) e deu lugar a quatro chifres, que se estendiam aos quatro quadrantes da bússola. Isso se cumpriu por ocasião da morte de Alexandre em Babilônia, em junho de 323 a.C., com a idade de trinta e três anos, tendo seu reino sido dividido entre seus quatro generais.

Entre Daniel 2:38 e Daniel 8:20, 21, três dos quatro impérios revelados nas visões foram nomeados. Como esse fato surpreendente confirma a exatidão da nossa interpretação dessas profecias?

PRIMEIRO DEUS Diga todos os dias: “Pertencem ao Senhor, pois a Ele me entreguei.”

A ascensão do chifre pequeno

2. Leia Daniel 8:8-12. Para quais direções o chifre pequeno estava se movendo? Por que é importante entender isso? Assinale a alternativa correta:

- A. () Para o ocidente e para o norte. O chifre pequeno jamais seria destruído.
- B. () Para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa. Isso é importante, pois revela até onde se estenderia o domínio do chifre pequeno.

Depois de descrever quatro chifres se espalhando aos quatro ventos do Céu, o texto bíblico declara que, de um deles, surgiu um chifre pequeno. A questão aqui é se esse chifre/poder veio de um dos quatro chifres, que, como vimos ontem, representam os quatro generais de Alexandre, ou de um dos quatro ventos. A estrutura gramatical do texto na língua original indica que esse chifre vem de um dos quatro ventos do Céu. E visto que esse poder surge após o Império Grego e suas quatro ramificações, um entendimento comum é que esse chifre seja Roma, pagã e depois papal. Conforme o *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, “Este ‘chifre pequeno’ representa Roma em ambas as fases, pagã e papal. Daniel viu Roma, primeiramente em sua fase pagã e imperial, guerreando contra o povo judeu e os cristãos primitivos e, depois, na fase papal, seguindo até o presente e o futuro” (v. 4, p. 926).

De acordo com o texto bíblico, o chifre pequeno primeiramente realizou um movimento horizontal “e se tornou muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa” (Dn 8:9). Essas três direções correspondem às três principais áreas que caíram sob o domínio de Roma pagã.

9

À medida que o chifre pequeno se torna o principal protagonista da visão, sua expansão vertical recebe atenção detalhada. Nesse sentido, o chifre corresponde precisamente ao chifre pequeno de Daniel 7, como mostra a seguinte comparação: (1) ambos os chifres são pequenos no início (Dn 7:8; 8:9); (2) ambos se tornam grandes posteriormente (Dn 7:20; 8:9); (3) ambos são poderes persecutórios (Dn 7:21, 25; 8:10, 24); (4) ambos se engrandecem e são blasfemos (Dn 7:8, 20, 25; 8:10, 11, 25); (5) ambos têm como alvo o povo de Deus (Dn 7:25; 8:24); (6) ambos têm aspectos de sua atividade delineados pelo tempo profético (Dn 7:25; Dn 8:13, 14); (7) ambos se estendem até o tempo do fim (Dn 7:25, 26; 8:17, 19); e (8) ambos enfrentam a destruição sobrenatural (Dn 7:11, 26; 8:25). Por fim, visto que o chifre pequeno de Daniel 7 representa o papado, a expansão vertical do chifre pequeno em Daniel 8 deve representar o mesmo poder. Portanto, como em Daniel 2 e 7, o principal poder final é Roma, tanto pagã quanto papal.

O ataque ao santuário

3. De acordo com Daniel 8:10-12, que tipo de atividade o chifre pequeno realiza? Assinale “V” para verdadeiro ou “F” para falso:

- A. () Atinge o exército dos Céus e tira do Príncipe o sacrifício diário.
 B. () Ele se dobra ao Príncipe dos exércitos e Lhe rende adoração.

Em Daniel 8:10, o chifre pequeno tenta replicar, no nível espiritual, os esforços dos construtores de Babel (Gn 11:4). Os termos “exército” e “estrelas” podem designar o povo de Deus no Antigo Testamento. Israel é chamado de hostes/exércitos do Senhor (Êx 12:41). Daniel descreveu o povo fiel de Deus resplandecendo como as estrelas (Dn 12:3). É claro que isso não é um ataque literal aos corpos celestes, mas uma perseguição ao povo de Deus, cuja “pátria está nos Céus” (Fp 3:20). Embora milhares de cristãos tenham sido mortos por imperadores pagãos, o foco agora está nas ações verticais do chifre pequeno. Portanto, o cumprimento supremo dessa profecia deve estar ligado à Roma papal e à sua perseguição através dos séculos.

Além disso, Daniel 8:11 fala sobre um “Príncipe”, mencionado em outras porções de Daniel como “Messias, o Príncipe” (Dn 9:25; ARC), “Miguel, vosso Príncipe” (Dn 10:21) e “Miguel, o grande Príncipe” (Dn 12:1). Ninguém, a não ser Jesus Cristo, poderia ser o referente dessa expressão. Jesus Cristo é o Príncipe do “exército” mencionado acima e o nosso Sumo Sacerdote no Céu. Portanto, o papado e o sistema religioso que ele representa ofuscam e tentam substituir a função sacerdotal de Jesus.

Em Daniel 8:11, o “sacrifício diário” aparece em conexão com o santuário terrestre a fim de designar os aspectos diversos e contínuos dos serviços rituais – incluindo os sacrifícios e a intercessão. É mediante esses serviços que os pecadores são perdoados, e o problema dos pecados é resolvido no tabernáculo. Esse sistema terrestre representa o ministério de intercessão de Cristo no santuário celestial. Portanto, como a profecia prediz, o papado troca a intercessão de Cristo pela intercessão dos sacerdotes. Por meio dessa adoração falsificada, o chifre pequeno tira o ministério de intercessão de Cristo e simbolicamente derruba o lugar de Seu santuário.

“Deitou por terra a verdade; e o que fez prosperou” (Dn 8:12). Jesus declarou que Ele é a verdade (Jo 14:6) e que a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17:17). Em contrapartida, o papado proibiu a tradução da Bíblia para o idioma do povo, colocou a interpretação das Escrituras sob a autoridade da igreja e a tradição ao lado da Bíblia como regra de fé.

O conhecimento da verdade bíblica é importante em contraste com as tradições humanas?

A purificação do santuário

4. O que ocorre em Daniel 8:14? Assinale “V” para verdadeiro ou “F” para falso:

- A. () O sacerdote oferece um novilho.
 B. () O santuário é purificado.

Após o ataque devastador do chifre, foi feito o anúncio de que o santuário seria purificado. A fim de entender essa mensagem, devemos ter em mente que a purificação do santuário mencionada em Daniel 8:14 corresponde à cena do juízo descrita em Daniel 7:9-14. E visto que esse juízo ocorre no Céu, o santuário também deve estar localizado nesse mesmo lugar. Portanto, enquanto Daniel 7 descreve a intervenção de Deus e Sua relação com os assuntos humanos a partir de uma perspectiva judicial, Daniel 8 descreve o mesmo evento do ponto de vista do santuário.

O santuário terrestre foi moldado de acordo com sua contraparte celestial e servia para ilustrar os amplos desdobramentos do plano de salvação. A cada dia, os pecadores traziam seus sacrifícios para o santuário, onde as pessoas eram perdoadas de seus pecados confessados à medida que estes eram, em certo sentido, transferidos para o santuário, que, como resultado, ficava contaminado. Por isso, um processo periódico de purificação era necessário a fim de limpar o santuário dos pecados registrados nele. Esse processo era chamado de Dia da Expição e ocorria uma vez por ano (veja Lv 16).

Por que o santuário celestial precisa de purificação? Por analogia, podemos dizer que os pecados confessados dos que aceitaram Jesus foram “transferidos” para o santuário celestial, assim como os pecados dos israelitas arrependidos haviam sido transferidos para o santuário terrestre. No Dia da Expição terrestre, muitos animais eram mortos, simbolizando a posterior morte de Jesus – dessa maneira os pecadores podiam sobreviver no Dia da Expição.

E se isso acontecia no Dia da Expição terrestre, quando o santuário era purificado, muito mais deveria ocorrer no santuário celestial, em que somente o sangue de Cristo nos faz sobreviver no juízo! A purificação do santuário, descrita em Daniel 8:14, é a contraparte celestial do serviço terrestre, cuja mensagem fundamental é: como pecadores, precisamos do sangue do Messias para nos perdoar os pecados e nos habilitar a sobreviver no juízo.

O que Hebreus 9:23-28 revela sobre a salvação que temos mediante o sacrifício de Jesus?

O calendário profético

5. Qual foi a pergunta feita em Daniel 8:13? Como isso nos ajuda a entender a resposta no verso seguinte?

Qual é o cronograma das 2.300 tardes e manhãs? Primeiramente, devemos observar que após Daniel ter visto o carneiro e o bode, e em seguida as ações e os danos causados pelo chifre pequeno, a visão passa a uma pergunta, em Daniel 8:13. Essa pergunta diz respeito especialmente ao que ocorrerá no fim desse período profético, não à sua duração. Além disso, esse período não pode ser limitado apenas à duração das ações do chifre pequeno, pois o termo “visão” inclui tudo, desde o carneiro até as ações do chifre pequeno. Portanto, esse deve ser um longo período de tempo histórico real.

À pergunta “até quando durará a visão” (carneiro [Média-Pérsia], bode [Grécia] e o chifre pequeno e suas ações [Roma, pagã e papal]), o outro ser celestial respondeu: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Dn 8:14). Como já foi observado, esse período é muito longo porque começa durante a época do Império Medo-Persa e se estende pelos dias do Império Grego e de Roma pagã e papal, milhares de anos. De acordo com o método historicista de interpretação (veja a lição 1), esse período profético deve ser calculado com base no princípio do dia/ano, o que significa que as 2.300 tardes e manhãs correspondem a um período de 2.300 anos. Caso contrário, os 2.300 dias corresponderiam a um pouco mais do que apenas seis anos, um tempo muitíssimo curto para todos os eventos da visão. Portanto, o princípio do dia/ano deve estar em vigor.

Daniel 8 não apresenta as informações que nos permitem calcular o início desse período de tempo, o que evidentemente poderia estabelecer seu fim. Mas Daniel 9 apresenta essa informação crucial (veja a lição da próxima semana).

Os 2.300 anos dessa profecia constituem a mais longa profecia de tempo da Bíblia. Pense nisto: 2.300 anos! É muito tempo, especialmente se comparado ao nosso tempo de vida atualmente. Como esse contraste nos ajuda a ser pacientes com Deus e em nossa espera pelos eventos finais?

Estudo adicional

A seguinte tabela resume a sequência dos reinos descritos em Daniel 2, 7 e 8. O que ela revela sobre a purificação do santuário?

Daniel 2	Daniel 7	Daniel 8
Babilônia	Babilônia	—
Média-Pérsia	Média-Pérsia	Média-Pérsia
Grécia	Grécia	Grécia
Roma pagã	Roma pagã	Roma pagã
Roma papal	Roma papal	Roma papal
—	Juízo no Céu	Purificação do santuário
Segunda vinda de Cristo [pedra cortada sem auxílio de mãos]	Segunda vinda de Cristo [os santos recebem o reino]	Segunda vinda de Cristo [chifre pequeno é destruído sem auxílio de mãos]

Há paralelos entre os capítulos. Não apenas as nações são descritas de maneira paralela, a cena do juízo em Daniel 7, que surge após os 1.260 anos (538 d.C. – 1798 d.C.) de Roma papal, está em paralelo com a purificação do santuário, que em Daniel 8 também surge depois de Roma. Esse juízo celestial em Daniel 7, que leva ao fim do mundo, é a mesma coisa que a purificação do santuário em Daniel 8. São dadas duas representações diferentes da mesma coisa, e ambas ocorrem após o período de 1.260 anos de perseguição perpetrada pelo chifre pequeno.

9

Perguntas para discussão

1. De acordo com a tabela, a purificação do santuário (ou o juízo em Daniel 7) deve ocorrer antes ou depois dos 1.260 anos do chifre pequeno? Antes ou depois do estabelecimento do reino eterno de Deus?
2. Daniel 8 descreve a violência e a maldade na História. Os dois animais, simbolizando dois impérios mundiais, lutam entre si (Dn 8:1-8). O chifre pequeno que surge após eles é violento e perseguidor (Dn 8:23-25). Portanto, as Escrituras não minimizam o sofrimento. Isso nos ajuda a confiar na bondade de Deus, apesar do mal que vemos ao nosso redor?

Respostas e atividades da semana: 1. Sobre um carneiro com dois chifres à beira do rio Ulai e um bode que, não tocando o chão, chega e destrói o carneiro. Um dos chifres do carneiro sobressai. Além do mais, cresce um chifre pequeno entre os olhos do bode. Esse chifre se fortalece até a terra gloriosa e comete atrocidades contra o santuário e os santos de Deus, o que parece se assemelhar ao chifre pequeno de Daniel 7. **2.** B. **3.** V; F. **4.** F; V. **5.** "Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?". A profecia do verso 14 foi a resposta à pergunta do verso 13.



RESUMO DA LIÇÃO 9

Da contaminação à purificação

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 8:14*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 8; Daniel 2:38; Gênesis 11:4; Levítico 16; Hebreus 9:23-28*

INTRODUÇÃO: *O tema central de Daniel 8 é o Dia da Expição celestial. Por essa razão, os animais simbólicos que representam os impérios mundiais são o carneiro e o bode, dois animais usados como sacrifícios no serviço do santuário hebraico, mas apenas no Dia da Expição.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. O chifre pequeno

O chifre pequeno representa o poder que ataca o santuário de Deus e o Seu povo. Esse poder representa Roma em suas fases pagã e papal.

2. O Dia da Expição

Um foco principal da mensagem profética transmitida por esse capítulo é a purificação do santuário, que segundo o ritual do tabernáculo terrestre era realizada no Dia da Expição.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Em nossas lutas contra o pecado e o sofrimento não estamos sozinhos. Temos um Sumo Sacerdote no santuário celestial ministrando em nosso favor. Podemos desfrutar da graça de Deus e compartilhar nossa confiança com os outros. A mensagem do santuário nos mostra que somos perdoados e também aponta para a erradicação final do pecado.*

COMENTÁRIO

1. O chifre pequeno

9 Enquanto no capítulo 7 o chifre pequeno surge do quarto animal (Roma pagã), o chifre pequeno do capítulo 8 se origina de um dos pontos cardeais. Alguns comentaristas argumentam que esse chifre representa Antíoco IV, um rei selêucida que surgiu de uma das quatro divisões do Império Grego de Alexandre, invadiu Jerusalém, profanou o templo e perseguiu os judeus. Um olhar mais atento ao texto bíblico, no entanto, aponta para outro representante, uma interpretação que possui mais validade por duas razões principais.

Primeiro, notamos que algumas traduções da Bíblia dão a impressão de que o chifre pequeno surge de um dos quatro chifres que sucederam ao grande chifre do bode grego. Se for assim, isso pode se encaixar com Antíoco. No entanto, o texto hebraico indica que o chifre pequeno surge de um dos pontos cardeais. O texto diz: “E o bode se engrandeceu sobremaneira; mas, estando na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado; e no seu lugar subiram outros quatro também insígnies, para os quatro ventos do céu. E de um deles saiu um chifre muito pequeno, o qual cresceu muito para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa” (Dn 8:8, 9, ACF). Há evidências claras na gramática hebraica para sugerir que, na expressão “de um deles”, o que antecede a

palavra “deles” são “os quatro ventos do céu”. Nesse caso, o chifre pequeno deve ter se originado de um dos pontos cardeais. Em segundo lugar, o chifre começa pequeno, mas se torna muito forte. Antíoco jamais foi um rei tão forte. Apesar de seu ataque aos judeus, ele foi posteriormente derrotado pelos romanos e teve que voltar para casa humilhado. Terceiro, por causa do princípio de recapitulação presente nas visões de Daniel, sabemos que a cena descrita em Daniel 8:9-14 corresponde à cena do juízo de Daniel 7:9-14. Portanto, o santuário atacado pelo chifre pequeno deve ser o santuário celestial, não o templo de Jerusalém profanado por Antíoco.

Como Antíoco não se encaixa nas especificações do chifre pequeno, surge a questão: a que entidade se refere o chifre pequeno? Nesse ponto, devemos ter em mente o paralelismo entre as visões proféticas de Daniel. Assim, o chifre pequeno de Daniel 8 corresponde ao chifre pequeno de Daniel 7. Nesse caso, Roma papal surge como o representante mais óbvio para o chifre pequeno de Daniel 8. No entanto, parece haver uma diferença sutil que vale a pena destacar entre os chifres de Daniel 7 e 8. O chifre pequeno de Daniel 7 surge do quarto animal, o que indica que Roma papal é a continuação ou extensão de Roma imperial. Por outro lado, o chifre pequeno de Daniel 8 aparentemente não surge de nenhum animal, o que sugere que ele representa duas fases contínuas da opressão romana: primeiro, a fase de Roma imperial, a expansão horizontal (Dn 8:9); e então, a fase de Roma papal, a expansão vertical (Dn 8:10-13). É interessante notar que em Daniel 7 o chifre pequeno tenta mudar a Lei de Deus; em Daniel 8, ele concentra o seu ataque contra o Príncipe do santuário e contra o fundamento do próprio santuário. Tais símbolos indicam que o sistema papal apresenta uma contrafação do plano da salvação, a qual ataca tanto a Lei de Deus quanto o Seu plano de salvação.

2. O Dia da Expição

Diante das atividades agressivas do chifre pequeno contra o santuário e seu ministério (a imposição de um falso sistema de adoração pelo papado), surge a questão: “Até quando durará a visão do *sacrifício diário e da transgressão assoladora*, visão na qual é entregue o *santuário* e o exército, a fim de serem pisados? (Dn 8:13, *ênfase acrescentada*). Essa questão pressupõe que passará muito tempo até que o santuário seja restaurado, porque a palavra “visão” aqui se refere à visão do carneiro e do bode, que se estende desde a época do Império da Pérsia até o tempo das terríveis ações do chifre pequeno. Antes de pensarmos na resposta a essa questão de “até quando”, consideremos as figuras do santuário de Daniel 8:9-14.

Essa parte de Daniel 8 está repleta de figuras e termos referentes ao santuário. Palavras como “exército”, “príncipe”, “diário” e “santuário” lembram o sistema de rituais hebraicos. “Exército” (*tsaba*) pode se referir aos que ministravam no ritual do santuário; Príncipe (*sar*) pode corresponder ao Sumo Sacerdote; “diário” (*tamid*) é uma palavra usada para designar algumas atividades de adoração do santuário que aconteciam continuamente, como a oferta do incenso queimado, sacrifícios, etc. Observe que a palavra “sacrifício” usada em algumas versões da Bíblia não aparece no original. Foi acrescentada por tradutores que supõem que a profecia se refere à suspensão dos sacrifícios no templo por Antíoco IV. A palavra hebraica *tamid* pode ser mais bem traduzida como “continuidade” ou “regularidade”

e se refere às múltiplas atividades do serviço do santuário, que incluem as ofertas de sacrifício, mas não se restringem a elas. Curiosamente, uma das duas palavras utilizadas aqui para designar o santuário (*qodesh*) ocorre em Levítico 16, no contexto do Dia da Expição (a outra é *miqdash*). Além disso, o paralelo entre essa cena do santuário e o juízo celestial descrito em Daniel 7:9-14 indica que ambas as visões retratam o mesmo evento. Portanto, o santuário mencionado em Daniel 8:14 deve estar situado no Céu.

Agora chegamos à resposta para a pergunta feita em Daniel 8:13: “Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” (Dn 8:13). A resposta é: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Dn 8:14). Essa resposta apresentada por um dos seres celestiais nos informa que o santuário, que é retratado como sendo atacado, será limpo/purificado após 2.300 anos (aplicando o princípio do dia/ano). Um cronograma tão longo como esse se harmoniza com o período de tempo sugerido pela pergunta, que remonta ao tempo do carneiro persa. Embora nenhuma informação seja dada acerca de quando esse período começa ou termina, está claro que deve começar durante o período persa. Mas o ser celestial relata com clareza o que acontecerá quando esse longo período terminar, isto é, a purificação do santuário. No calendário cerimonial israelita, havia um dia especial designado para a purificação do santuário – o Dia da Expição. Em tais ocasiões, o tabernáculo era purificado (*taher*) dos pecados do povo de Deus. Daniel 8 menciona um tempo para a purificação do santuário celestial. Essa ação é expressa pelo verbo *nitsdaq*, que significa ser restaurado, purificado e vindicado. Assim, as principais ideias comunicadas por esse verbo são: (1) o santuário deve ser purificado dos pecados do povo de Deus; (2) o ministério de intercessão divina no santuário celestial deve ser restaurado; (3) Deus deve ser vindicado da profanação de Seu santuário. O sistema papal introduziu distorções no plano da salvação e usurpou a obra intercessória de Cristo por intermédio da consagração da missa, da penitência e da absolvição dos pecados por sacerdotes humanos. A partir da informação apresentada em Daniel 9:23-27, podemos determinar que o ano 457 a.C. marcou o início do período profético de 2.300 anos. Portanto, esse período deve ter terminado em 1844 da nossa era.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

1. Como você se sente sobre a ideia de que o papado distorceu a verdade divina?
2. Nos símbolos e na linguagem de Daniel 8, o que aprendemos sobre o método de ensino de Deus?
3. Reflita sobre esta declaração de Ellen G. White: “Enquanto o juízo investigativo prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento do pecado, entre o povo de Deus na Terra” (*O Grande Conflito*, p. 425).
4. Qual é a relação entre a purificação do santuário e a purificação da sua vida? Você precisa abandonar algum pecado para que se sinta completamente leal a Jesus?
5. Qual é a diferença entre a obra de Jesus na cruz e Seu ministério no santuário celestial? Qual é a relevância de cada um deles em sua vida?
6. Deus precisa realizar um juízo investigativo no Céu? Por que não tomar uma decisão instantânea sobre o destino dos professos cristãos? O que esse juízo revela Deus?

Da confissão à consolação

Lição 10

VERSO PARA MEMORIZAR: “Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age; não Te retardes, por amor de Ti mesmo, ó Deus meu; porque a Tua cidade e o Teu povo são chamados pelo Teu nome” (Dn 9:19).

Leituras da semana: Dn 9; Jr 25:11, 12; 29:10; 2Rs 19:15-19; Mt 5:16; Tg 5:16



Sábado, 29 de fevereiro

Ano Bíblico: Dt 14, 15

O capítulo 9 de Daniel contém uma das grandiosas orações da Bíblia. Em momentos cruciais de sua vida, o profeta recorreu à oração para enfrentar os desafios que estavam diante dele. Quando ele e seus colegas estavam prestes a ser mortos por causa do misterioso sonho de um rei pagão, o profeta se aproximou de Deus em oração (Dn 2). E quando um decreto real proibiu petições a qualquer deus, exceto ao rei, Daniel continuou fazendo suas orações diárias em direção a Jerusalém (Dn 6). Portanto, ao considerarmos a oração em Daniel 9, lembremo-nos de que a visão das 2.300 tardes e manhãs em Daniel 8 havia impactado grandemente o profeta. Embora os contornos gerais dessa profecia tivessem sido explicados, Daniel não conseguiu compreender o período de tempo comunicado no diálogo entre os dois seres celestiais: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Dn 8:14). Somente no capítulo 9 o profeta recebeu mais luz, e dessa vez, também, em resposta à fervorosa oração.

A centralidade da Palavra de Deus

1. Leia Daniel 9:1, 2. Daniel disse que havia entendido “pelos livros” a profecia que ele estava estudando tão cuidadosamente. A qual livro ou livros da Bíblia ele se referiu? Assinale a alternativa correta:

- A. () O livro de Oseias.
 B. () Os livros de Moisés e dos profetas.

Ao examinarmos a oração de Daniel, fica claro que ela surge de um estudo aprofundado da revelação anterior de Deus a Moisés e aos profetas. Tendo descoberto, a partir do livro de Jeremias, que seu período de cativeiro duraria setenta anos (veja Jr 25:11, 12; 29:10), Daniel compreendeu a importância do momento histórico em que vivia.

Tenhamos em mente que Daniel fez essa oração em 539 a.C., o ano em que o Império Persa substituiu Babilônia. Portanto, quase setenta anos haviam se passado desde que Nabucodonosor tinha conquistado Jerusalém e destruído o templo. Sendo assim, de acordo com a profecia de Jeremias, os israelitas logo retornariam à sua terra natal. Confiando na Palavra de Deus, Daniel sabia que algo importante estava prestes a acontecer ao seu povo e que, assim como Deus havia prometido em Sua Palavra, o exílio em Babilônia terminaria em breve, e os judeus voltariam para seu país.

A partir do estudo das Escrituras que lhe eram disponíveis, Daniel também percebeu a gravidade dos pecados de seu povo. Por ter quebrado a aliança, ele havia rompido seu relacionamento com Deus; a consequência inevitável foi, portanto, o exílio (Lv 26:14-45). Assim, o estudo da revelação de Deus fez com que Daniel compreendesse os tempos e lhe deu um senso de urgência para pleitear com o Senhor em favor do povo.

Ao nos aproximarmos dos últimos dias da História da Terra, precisamos mais do que nunca estudar a Palavra de Deus e viver de acordo com ela. Somente as Escrituras podem nos apresentar uma explicação autoritativa do mundo em que vivemos. Afinal, elas narram o grande conflito entre o bem e o mal e, assim, revelam que a História humana se encerrará com a destruição do mal e o estabelecimento do reino eterno de Deus. Quanto mais estudamos a Bíblia, compreendemos melhor a situação contemporânea do mundo, percebemos nosso lugar nele e reafirmamos nossas razões para ter esperança em meio a um mundo que não oferece nenhuma esperança.

10

Como a Bíblia nos ajuda a compreender este mundo, que, por si só, parece não ter sentido?

PRIMEIRO DEUS Peça a Deus que lhe permita sentir-se envolvido em Seus braços de amor.

Um apelo à graça

2. Leia Daniel 9:3-19. Com base em que Daniel fez seu apelo por misericórdia? Assinale “V” para verdadeiro ou “F” para falso:

- A. () Com base no bom procedimento de Israel.
 B. () Com base na justiça do Senhor e em Sua misericórdia.

Devemos observar especialmente alguns pontos na oração de Daniel: Primeiramente, em nenhuma parte da oração o profeta pediu qualquer tipo de explicação para as calamidades que haviam acontecido com o povo judeu. Ele sabia o motivo. De fato, na maior parte da oração o próprio Daniel explicou a razão para essas calamidades: “Não obedecemos à voz do SENHOR, nosso Deus, para andarmos nas Suas leis, que nos deu por intermédio de Seus servos, os profetas” (Dn 9:10). A última vez em que vimos Daniel necessitando compreender alguma coisa foi no fim do capítulo 8, quando ele declarou que não compreendia a visão das 2.300 tardes e manhãs (Dn 8:27).

O segundo ponto é que essa oração é um apelo à graça de Deus, à Sua disposição de perdoar Seu povo, mesmo que tivesse pecado e feito o mal. Em certo sentido, vemos aqui uma poderosa ilustração do evangelho, de pessoas pecadoras que não tinham mérito próprio, mas que buscaram a graça que não merecem e o perdão ao qual não têm direito. Não é esse um exemplo da nossa situação individual diante de Deus?

3. Leia Daniel 9:18, 19. Que outra razão Daniel deu para que o Senhor respondesse à sua oração? Assinale a alternativa correta:

- A. () A honra do nome de Deus.
 B. () A promessa de que não pecariam mais.

Outro aspecto da oração de Daniel merece ser mencionado: o apelo à honra do nome de Deus. Ou seja, a oração não foi motivada pela conveniência pessoal de Daniel nem de seu povo, mas por causa do próprio Deus (Dn 9:17-19). Em outras palavras, uma resposta positiva à oração do profeta traria honra ao nome de Deus.

10

Leia 2 Reis 19:15-19. Em quais aspectos a oração de Ezequias se parece com a de Daniel? De acordo com Mateus 5:16, como podemos também glorificar a Deus?

O valor da intercessão

4. Leia Daniel 9:5-13. O profeta repetiu várias vezes a expressão “temos pecado”, incluindo-se assim nos pecados que, em última análise, trouxeram tamanha calamidade para a nação. Por que isso é significativo?

A oração de Daniel é apenas uma entre outras importantes orações intercessórias contidas na Bíblia. Essas orações tocam o coração de Deus, evitando o juízo e trazendo, em vez disso, o livramento dos inimigos. Quando Deus estava pronto para destruir toda a nação judaica, a intercessão de Moisés reteve Suas mãos (Êx 32:7-14; Nm 14:10-25). Mesmo quando a seca severa estava prestes a consumir a terra, Deus respondeu à oração de Elias e derramou chuva para renovar a terra (1Rs 18).

Ao orarmos por membros da família, amigos e outras pessoas ou situações, Deus ouve nossas orações e pode intervir. Às vezes, pode levar certo tempo para que uma oração seja respondida, mas podemos ter a certeza de que Deus nunca Se esquece das necessidades de Seus filhos (veja Tg 5:16).

Em sua oração, Daniel desempenhou a função de intercessor, ou mediador, entre Deus e o povo. A partir de seu estudo das Escrituras, o profeta percebeu como o povo havia se tornado pecaminoso ao transgredir a Lei de Deus e se recusar a ouvir Suas advertências. Portanto, reconhecendo a condição espiritual desesperada da nação, Daniel orou por cura e perdão. Mas o profeta também se identificou com as pessoas. Em alguns aspectos, Daniel ilustrou o papel de Cristo como nosso Intercessor (Jo 17). No entanto, há uma diferença radical: Cristo é “sem pecado” (Hb 4:15) e, por isso, não precisa confessar pecado pessoal nem oferecer sacrifícios pelo perdão pessoal (Hb 7:26, 27). Mas Ele Se identifica com os pecadores de uma maneira singular: “Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que, Nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5:21).

“Se juntássemos tudo o que é bom e santo, nobre e belo no ser humano, e apresentássemos o resultado aos anjos de Deus, como se desempenhasse uma parte na salvação da humanidade ou na obtenção de mérito, a proposta seria rejeitada como traição” (Ellen G. White, Fé e Obras, p. 24). O que essas palavras ensinam sobre nossa necessidade de um Intercessor em nosso favor?

A obra do Messias

A oração intercessória de Daniel aborda dois assuntos principais: os pecados do povo e a desolação de Jerusalém. Portanto, a resposta de Deus trata das petições a respeito dessas duas questões. Mediante a obra do Messias, o povo seria redimido, e o santuário seria ungido. Contudo, as duas petições específicas foram respondidas de maneiras que transcendem o horizonte histórico imediato de Daniel: a obra do Messias beneficiaria toda a humanidade.

5. Leia Daniel 9:21-27. Que obra deveria ser feita dentro do período de 70 semanas? Por que somente Jesus podia realizá-la?

1. “Fazer cessar a transgressão”. A palavra hebraica para “transgressão” (*pesha'*) sugere a violação proposital da parte de um inferior contra um superior (por exemplo, Pv 28:24). Essa palavra também ocorre na Bíblia a respeito da declarada oposição dos seres humanos a Deus (Ez 2:3). Contudo, mediante o sangue de Jesus, a rebelião contra Deus é aniquilada, e o homem recebe os méritos que fluem do Calvário.

2. “Dar fim aos pecados”. O verbo *ūlahātēm* tem o significado de “selar” e, nesse texto, significa que o pecado é perdoado. Desde a queda, a humanidade tem sido incapaz de viver de acordo com os padrões de Deus, mas o Messias cuidaria de nossos fracassos.

3. “Expiação a iniquidade”. Como Paulo declarou: “Aproveu a Deus que, Nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio Dele, reconciliasse Consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra, quer nos Céus” (Cl 1:19, 20). De igual maneira, nesse texto somente Jesus pode proporcionar essa realidade.

4. “Trazer a justiça eterna”. Cristo tomou o nosso lugar na cruz e, por meio disso, concedeu-nos a bendita condição de “ser justos” diante de Deus. Somente pela fé podemos receber essa justiça que vem do Senhor.

5. “Selar a visão e a profecia”. Quando Cristo Se ofereceu em sacrifício, as profecias do Antigo Testamento que apontavam para Sua obra expiatória foram seladas, no sentido de terem sido cumpridas.

6. “Ungir o Santo dos Santos”. O Santo dos Santos mencionado aqui não é uma pessoa, mas um lugar. Portanto, a declaração se refere à inauguração do ministério de intercessão de Cristo no santuário celestial (Hb 8:1).

O calendário profético

No fim da visão das 2.300 tardes e manhãs, Daniel ficou atônito porque não podia entendê-la (Dn 8:27). Dez anos depois, o anjo Gabriel veio para ajudar o profeta a “entender” a visão (Dn 9:22, 23). Essa última revelação apresenta as informações que faltavam e mostra que a obra do Messias devia ser cumprida no final de um período de setenta semanas. De acordo com o princípio do dia/ano e o decorrer dos eventos preditos, as setenta semanas devem ser entendidas como 490 anos. O ponto de partida para esse período é a ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém (Dn 9:25). Essa ordem foi dada por Artaxerxes em 457 a.C. e permitiu que os judeus, sob a liderança de Esdras, reconstruíssem Jerusalém (Ed 7). O texto bíblico diz que as setenta semanas estavam “determinadas” ou “cortadas”. Isso indica que os 490 anos foram cortados de um período maior, isto é, dos 2.300 anos designados na visão do capítulo 8. Portanto, os 2.300 anos e os 490 anos devem ter o mesmo ponto de partida, ou seja, 457 a.C.

As setenta semanas se dividem em três seções: sete semanas, sessenta e duas semanas e a septuagésima semana.

As sete semanas (49 anos) provavelmente se referiram ao tempo da reconstrução de Jerusalém. Depois das sete semanas, haveria sessenta e duas semanas (434 anos) até ao “Ungido, ao Príncipe” (Dn 9:25). Assim, 483 anos após o decreto de Artaxerxes, no ano 27 d.C., Jesus foi batizado e ungido pelo Espírito Santo para a Sua missão messiânica.

Na septuagésima semana, outros eventos cruciais aconteceriam: (1) seria “morto o Ungido” (Dn 9:26), o que se refere à morte de Cristo; (2) o Messias faria “firme aliança com muitos, por uma semana” (Dn 9:27). Essa era a missão especial de Jesus e dos apóstolos à nação judaica. Ela seria realizada durante a última “semana”, de 27 a 34 d.C.; (3) porém, “na metade da semana”, faria “cessar o sacrifício e a oferta de manjares” (Dn 9:27). Três anos e meio depois do Seu batismo (isto é, no meio da semana), Jesus encerrou o sistema sacrificial, no sentido de que este já não tinha mais significado profético, oferecendo-Se como o sacrifício final e perfeito da nova aliança, anulando assim a necessidade de sacrifícios de animais. A última semana da profecia das 70 semanas terminou em 34 d.C., quando Estêvão foi martirizado, e a mensagem do evangelho começou a alcançar não apenas os judeus, mas também os gentios.

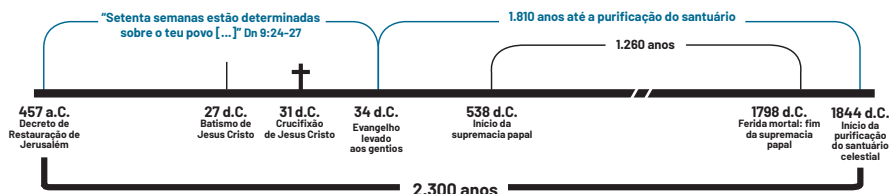
6. Leia Daniel 9:24-27. Mesmo em meio à grande esperança e à promessa do Messias, lemos sobre violência, guerra, desolação. Como isso nos dá a certeza de que, em meio às calamidades da vida, ainda existe esperança?

Estudo adicional

O quadro abaixo revela como a profecia das 70 semanas de Daniel 9:24-27 se liga com a profecia dos 2.300 anos de Daniel 8:14 e constitui seu ponto de partida. Se contarmos 2.300 anos a partir de 457 a.C. (lembrando de apagar o ano zero inexistente), obtemos 1844; ou, se contarmos os 1810 anos restantes de 34 d.C. (2.300 menos os primeiros 490 anos), também chegaremos a 1844. Portanto, fica demonstrado que a purificação do santuário, mencionada em Daniel 8:14, começou em 1844.

Note igualmente como a data de 1844 se encaixa com o que vimos em Daniel 7 e 8. Isto é, o juízo em Daniel 7, que é igual à purificação do santuário em Daniel 8 (veja as lições das últimas duas semanas), ocorre *após* os 1.260 anos de perseguição (Dn 7:25) e, todavia, *antes* da segunda vinda de Jesus e do estabelecimento de Seu reino eterno.

Neste gráfico, considere os principais pontos da profecia dos 2.300 anos:



Perguntas para discussão

1. Os estudiosos têm dito, e com razão, que a profecia das 70 semanas faz parte da profecia dos 2.300 dias. Até certo ponto, as duas são realmente apenas uma profecia. Por que eles dizem isso? Quais evidências respaldam essa afirmação?
2. Como a oração de Daniel nos ajuda em nossa vida de oração intercessória?
3. O sacrifício de Cristo em nosso favor é a nossa esperança. Como isso deve nos manter humildes e, ainda mais importante, tornar-nos amorosos e perdoadores em relação aos outros? O que Lucas 7:40-47 nos ensina?
4. As Escrituras foram centrais à oração de Daniel e à sua esperança. Afinal, a nação havia sido barbaramente derrotada, devastada e exilada. Todavia, ele acreditava que o povo voltaria para o lar. Onde ele poderia ter obtido essa esperança a não ser na Bíblia e nas suas promessas? O que isso revela sobre a esperança que também podemos ter nas promessas da Palavra?

Respostas e atividades da semana: 1. B. 2. F; V. 3. A. 4. Isso revela o amor de Daniel por seu povo e como o profeta se sentia parte daquela nação. Isso mostra generosidade da parte do servo do Senhor, pois ele havia sido fiel a Deus e buscado o Senhor sempre, ao contrário de seus compatriotas. 5. Fazer cessar a transgressão; dar fim aos pecados; expiar a iniquidade; trazer justiça eterna; selar a visão e a profecia; ungi o Santo dos Santos. Somente Cristo poderia realizar essa obra, pois Ele é o único com as credenciais eternas para fazê-la. 6. O Senhor tem toda a História em Suas mãos. Embora coisas ruins aconteçam, podemos ter a certeza da Sua direção.



RESUMO DA LIÇÃO 10

Da confissão à consolação

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 9:19*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 9; Jeremias 25:11, 12; Jeremias 29:10; 2 Reis 19:15-19; Mateus 5:16; Tiago 5:16*

INTRODUÇÃO: *Os principais temas que convidam à reflexão em Daniel 9 são: A oração intercessória de Daniel em favor do seu povo e a profecia sobre o Messias.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. A oração

A oração intercessória de Daniel por seu povo serve de modelo para nossas orações hoje.

2. A profecia

Como resposta à oração de Daniel, Deus revelou Seu plano de salvação de longo alcance. A cidade seria reconstruída, o Messias viria e o santuário seria ungido.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Quando refletimos sobre a oração de Daniel e como Deus a respondeu, aprendemos que o Senhor não está longe de nenhum de nós. Embora o pecado tenha nos separado do Criador, mediante o sacrifício de Jesus, o Messias, somos perdoados e reunidos com Ele. A oração de Daniel estava firmada na confiabilidade do caráter de Deus e no que Ele havia feito por Seu povo no passado quando os tirou do Egito. Temos motivos ainda maiores para orar com firme confiança. O Messias já veio e está intercedendo em nosso favor no santuário celestial. De certa forma, o que era para Daniel uma esperança futura é, para nós, uma realidade presente. “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16).*

COMENTÁRIO

1. A oração

Essa é a mais longa e importante oração de Daniel. Duas motivações principais servem como pano de fundo dessa prece. Primeiro vemos que, depois da visão de Daniel 8, o profeta ficou física e emocionalmente exausto (Dn 8:27). Ao servo de Deus foi mostrado um chifre pequeno que crescia e atacava o povo de Deus, estabelecendo um falso sistema de adoração. Ele também ouviu a intrigante mensagem de que depois de 2.300 tardes e manhãs (anos) o santuário seria purificado/restaurado/vindicado. Todos esses elementos misteriosos ainda permaneciam obscuros para ele dez anos depois. Especialmente a informação cronológica sobre as 2.300 tardes e manhãs, comunicadas mediante a manifestação/visão (*mar'eh*) de dois seres celestiais, permaneceu sem explicação. Portanto, Daniel concluiu seu relatório da visão dizendo: “Espantava-me com a [manifestação/] visão” (Dn 8:27).

Segundo, a destruição de Jerusalém e do templo, além do exílio de sua nação, pesava

grandemente sobre o coração de Daniel. Ele ansiava pela restauração de Jerusalém e pelo retorno do seu povo à sua terra natal. Assim, ele se aprofundou no estudo de Jeremias e entendeu que as assolações de Jerusalém durariam setenta anos (Jr 25 e 29). Portanto, o tempo estava maduro para Deus trazer de volta Seu povo à terra dele e reconstruir a cidade. A partir das Escrituras, Daniel sabia que o verdadeiro motivo do exílio foi a obstinada rebelião de Israel contra Deus. Eles transgrediram a lei, rejeitaram os profetas e romperam com a aliança. Assim, movido pela Palavra de Deus, o profeta orou pela restauração de Jerusalém e do templo e para que seu povo fosse perdoado. Ao que tudo indica, a oração foi feita em direção a Jerusalém, à semelhança das preces que desafiaram o decreto real de Dario (Dn 6).

Essa súplica ensina algumas lições importantes que podem nos ajudar na nossa vida de oração e no nosso relacionamento com o Senhor. Uma análise mais minuciosa do texto das Escrituras revela que a prece de Daniel é profundamente bíblica. Uma busca em uma Bíblia com referências cruzadas mostra que a oração do profeta reflete várias passagens das Escrituras. Devemos destacar, por exemplo, as semelhanças entre essa oração e os textos de Levítico 26:40-45 e Deuteronômio 30:1-10. Posteriormente, Esdras e Neemias seguiram o exemplo de Daniel, misturando suas orações com alusões a outras passagens bíblicas e ecos de outros textos.

Além disso, a petição de Daniel é uma oração intercessória. Sua posição privilegiada como oficial do império não o impediu de se identificar com seu povo. Algumas pessoas se esquecem de seu próprio povo uma vez que ascendem na escada social. Mas Daniel se identificou integralmente com seus compatriotas. Intercedeu por eles como um deles. Várias vezes ele usou o pronome “nós”, compartilhando assim a responsabilidade pelos pecados da nação e clamando a Deus por graça e perdão (veja Dn 9:5, 18, 19). A oração intercessória pode ser uma oportunidade para imitar Jesus. Deixamos de ser o centro da atenção para nos concentrarmos nas necessidades das outras pessoas. Quando oramos pelos outros, somos os mais abençoados. “Mudou o Senhor a sorte de Jó, quando este orava pelos seus amigos” (Jó 42:10). Além disso, a oração de Daniel foi franca e sincera. Ele admitiu e confessou o pecado de seu povo e de seus líderes. Não ignorou o fato de que eles haviam transgredido a Lei de Deus e rejeitado os profetas. Portanto, Daniel reconheceu que eles mereciam totalmente a punição do exílio. Finalmente, a oração do profeta foi motivada pelo desejo de defender o caráter do Senhor. Dessa forma, com a restauração do povo e da cidade, a honra e o caráter de Deus seriam vindicados entre as nações.

10

2. A profecia

Como resposta à oração, Gabriel, o mesmo anjo que havia se encontrado com Daniel, conforme o relato do capítulo 8, veio revelar os planos de longo alcance de Deus para o povo. Vamos examinar Daniel 9:24-27 para entender alguns aspectos significativos da mais importante profecia messiânica.

Primeiro, Gabriel tocou Daniel “à hora do sacrifício da tarde” (Dn 9:21). Esse horário sugere que o anjo tinha uma mensagem relacionada ao santuário e seus serviços. O anjo veio anunciar a reconstrução de Jerusalém, a obra expiatória do Messias e o início do Seu ministério no santuário celestial.

Em segundo lugar, essa profecia é apresentada em um quadro cronológico de setenta semanas ($70 \times 7 = 490$), que corresponde a dez jubileus (10×49). A ênfase no número sete pode indicar a perfeita salvação a ser alcançada por intermédio do Messias. Além disso, esse cronograma profético indica que Deus conhece o futuro e age dentro do tempo e do espaço para cumprir Seu plano de salvação.

Em terceiro lugar, Gabriel se apresentou a Daniel para fazê-lo “entender a visão” (Dn 9:23, NVI). O verbo “entender” aponta para Daniel 8, que foi concluído sem que o profeta tivesse entendido a visão (Dn 8:27). A palavra “visão” (*mar'eh*) é a mesma palavra hebraica usada para descrever a aparência dos dois seres angelicais e a purificação do santuário após 2.300 tardes e manhãs (Dn 8:13, 14).

Em quarto lugar, a profecia de Daniel 9 apresenta um detalhe essencial para entender o ponto de partida das 2.300 tardes e manhãs e, portanto, determinar quando ela termina. De acordo com Gabriel, setenta semanas estão “determinadas”; no hebraico, o verbo traduzido como “determinadas” significa “cortar”, o que implica que as setenta semanas estão cortadas ou separadas de um período maior. Assim, ambas as profecias têm o mesmo ponto de partida, que é “a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém” (Dn 9:25). Essa ordem se refere ao decreto de Artaxerxes em 457 a.C. autorizando os judeus a retornarem à sua terra natal e reconstruírem Jerusalém (Ed 7).

Em quinto lugar, as setenta semanas (490 anos) começaram em 457 a.C. e terminaram em 34 d.C. Os eventos que aconteceriam durante a última semana se cumpriram conforme as previsões. No começo da semana, Jesus, o Messias, manifestou-Se publicamente, sendo batizado por João Batista (27 d.C.). No meio da semana, Jesus foi crucificado (31 d.C.). E no final da semana (e dos 490 anos), o martírio de Estevão impulsionou a pregação do evangelho aos gentios.

Em sexto lugar, outro evento crucial que ocorreria durante a sétima semana seria a unção do “Santíssimo” (*qodesh qodashim*), que se refere à inauguração do santuário celestial. Esse santuário deve ser o celestial porque o templo de Jerusalém havia deixado de ter relevância salvífica em 31 d.C., quando a morte de Jesus tornou ineficaz o sistema sacrificial.

Em sétimo lugar, uma vez que 457 a.C. é também o ponto de partida das 2.300 tardes e manhãs, a purificação do santuário celestial anunciada em Daniel 8:13, 14 teve seu início em 1844. Nesse ano, Cristo entrou no lugar santíssimo para realizar o juízo investigativo.

Em oitavo lugar, em meio à complexidade das figuras proféticas e outros detalhes, não percamos Jesus de vista. Os eventos descritos pela profecia culminam na obra expiatória do Messias, que não beneficiariam somente Israel, mas o mundo inteiro. Dessa forma, Daniel recebeu muito mais do que pediu. Quantas vezes Deus faz o mesmo por nós! Ele pode responder às nossas orações de maneiras que vão além das nossas expectativas.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

1. Quais são as principais características da oração de Daniel e o que elas ensinam sobre sua vida pessoal de oração?

2. Observe que Daniel dedicou cuidadosa atenção à confissão do pecado em sua oração. Como essa abordagem pode influenciar suas próprias orações intercessórias? Como esse estudo o ajudará a mudar seus hábitos de oração?
3. Você está fazendo oração intercessória em favor de alguém hoje? Quanto você sabe sobre a situação dessa pessoa?
4. Quais são algumas atitudes inapropriadas que podem atrapalhar a oração intercessória?
5. Dados proféticos como as 70 semanas e as 2.300 tardes e manhãs ainda são relevantes nos dias atuais? O que esse tipo de simbolismo nos ensina sobre Deus? De que maneira esses cronogramas proféticos podem fortalecer nosso compromisso com Jesus?
6. Coloque-se no lugar de Daniel e reflita sobre as seguintes questões:
 - a. Deus levou cerca de dez anos para esclarecer ao profeta certos aspectos da visão do capítulo 8. Você tem sido paciente enquanto aguarda as respostas de Deus às suas próprias questões existenciais e espirituais? De que maneira esse tempo de espera tem levado você a pesquisar as Escrituras em busca de esclarecimento e compreensão?
 - b. Enquanto Daniel estava orando, Gabriel foi enviado em resposta às suas orações. Você já recebeu uma resposta tão imediata a uma oração? De modo geral, Deus responde às suas orações dessa maneira?
 - c. Como você equilibra a oração e a leitura/estudo da Bíblia em sua vida devocional?
7. Entre os eventos preditos pela profecia de Daniel 9, qual deles, se houver, é o mais importante para sua vida espiritual? Por quê?

ESTA OBRA O AJUDARÁ A
ENTENDER QUE, APESAR
DE NÓS, PODEMOS SER
UM EM CRISTO!

MKT CPB | Fovolia



COMO
MANTER
A IGREJA
UNIDA
apesar de nós



Denis Fortin

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/cpbeditora

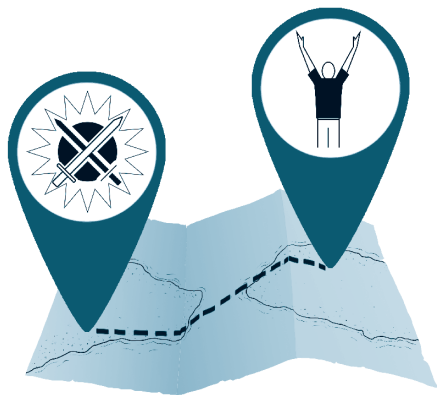
Da batalha à vitória

Lição

11

VERSO PARA MEMORIZAR: “Não temas, homem muito amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte” (Dn 10:19).

Leituras da semana: Ef 6:12; Dn 10; Ed 4:1-5; Js 5:13-15; Ap 1:12-18, Cl 2:15; Rm 8:37-39



Sábado, 7 de março

Ano Bíblico: Dt 32-34

Daniel 10 introduz a visão final do livro, que continua nos capítulos 11 e 12. Somos informados desde o início de que essa visão diz respeito a um “grande conflito” (Dn 10:1). Enquanto Daniel 11 esclarece alguns detalhes desse conflito, Daniel 10 mostra suas dimensões espirituais e revela que, nos bastidores das batalhas terrestres, há um conflito espiritual de proporções cósmicas.

Ao estudarmos esse capítulo, veremos que, quando oramos, envolvemo-nos nesse conflito cósmico de tal maneira que as repercussões são profundas. Mas não estamos sozinhos em nossas lutas; Jesus Se envolve na batalha contra Satanás em nosso favor. Descobriremos que a luta principal em que estamos envolvidos não é contra as forças humanas terrestres, mas contra os poderes das trevas.

Como o apóstolo Paulo declarou séculos depois de Daniel: “A nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6:12). Em última análise, nosso sucesso no conflito está em Jesus Cristo. Somente Ele derrotou Satanás na cruz.

Novamente, jejum e oração

1. Leia Daniel 10:1-3. O que o profeta estava fazendo novamente?

Daniel não explicou as razões de seu prolongado período de luto. Mas uma intercessão tão fervorosa provavelmente tenha sido motivada pela situação dos judeus, que tinham acabado de retornar de Babilônia à Palestina.

2. Leia Esdras 4:1-5. Quais desafios os judeus estavam enfrentando em seu retorno? Assinale “V” para verdadeiro ou “F” para falso:

- A. () Oposição na reconstrução do templo, da parte dos povos ao redor.
 B. () Estavam sem condições financeiras para concluir a reconstrução.

Em Esdras 4:1-5, vemos que, naquele momento, os judeus estavam enfrentando forte oposição ao tentarem reconstruir o templo. Os samaritanos tinham enviado relatórios falsos à corte persa, incitando o rei a interromper a obra. Diante dessa crise, Daniel implorou a Deus por três semanas para que Ele influenciasse Ciro a permitir que a obra continuasse.

Naquele momento, Daniel estava provavelmente perto de noventa anos de idade. Ele não estava pensando em si, mas em seu povo e nos desafios que enfrentava. Ele persistiu em oração por três semanas inteiras antes de receber uma resposta de Deus. Durante esse tempo, o profeta seguiu uma dieta muito modesta, abstendo-se de comida de sua escolha e até mesmo de unguento. Ele estava completamente indiferente ao seu conforto e aparência, mas estava profundamente preocupado com o bem-estar de seus companheiros judeus em Jerusalém a milhares de quilômetros de distância.

Ao observarmos a vida de oração de Daniel, aprendemos algumas lições valiosas. Primeiramente, devemos persistir em oração, mesmo quando nossas petições não são respondidas imediatamente. Em segundo lugar, devemos dedicar tempo para orar por outras pessoas. Há algo especial na oração intercessória. Lembre-se de que “mudou o SENHOR a sorte de Jó, quando este orava pelos seus amigos” (Jó 42:10). Em terceiro lugar, a oração leva Deus a fazer algo concreto e real. Portanto, oremos sempre, todos os tipos de prece. Diante de provações insuportáveis, grandes problemas e desafios esmagadores, levemos nossos fardos a Deus em oração (Ef 6:18).

Leia Daniel 10:12. O que esse texto revela sobre a oração como uma experiência objetiva que leva Deus a fazer alguma coisa, em vez de ser apenas uma experiência subjetiva que faz com que nos sintamos bem a respeito de Deus?

PRIMEIRO DEUS Peça ao Senhor, cada dia, o batismo do Espírito Santo.

Uma visão do Príncipe

3. Leia Daniel 10:4-9. O que aconteceu com o profeta?

Ao descrever sua experiência, dificilmente podemos imaginar o esplendor irresistível do que Daniel viu. Aquela figura humana (Dn 10:5, 6) remete ao “Filho do Homem” retratado na visão do juízo celestial (Dn 7:13). Sua roupa de linho lembra as vestes sacerdotais (Lv 16:4), um aspecto que torna esse personagem semelhante ao “Príncipe do exército” representado em conexão com o santuário celestial (Dn 8). O ouro também é associado aos enfeites sacerdotais como sinal de dignidade real. Por último, a semelhança dessa figura com relâmpago, fogo, bronze e uma voz poderosa a retrata como um ser sobrenatural. Esse ser é alguém investido de atributos sacerdotais, reais e militares. Essa figura também apresenta semelhanças interessantes com o ser celestial que apareceu a Josué pouco antes da batalha contra Jericó (Js 5:13, 14). Na visão, Josué viu o “comandante do exército do SENHOR” (NVI). Curiosamente, a palavra hebraica traduzida como “comandante” (*sar*) aqui é a mesma palavra traduzida como “príncipe”, em referência a Miguel em Daniel 10:21. Porém, um paralelo mais próximo ocorre entre as visões de Daniel e João.

4. Quais semelhanças encontramos entre a visão que Daniel teve de Deus no capítulo 10 e as visões de Josué 5:13-15 e Apocalipse 1:12-18?

O texto relata que aqueles que estavam com Daniel ficaram atemorizados; o próprio Daniel caiu enfraquecido no chão. A manifestação da presença de Deus simplesmente o deixou arrasado. No entanto, quaisquer que fossem seus medos imediatos, a visão do profeta mostra que Deus está no controle da História. De fato, à medida que a visão se desenrola, vemos que o Senhor apresentou a Daniel um esboço da História humana desde os tempos do profeta até o estabelecimento do reino de Deus (Dn 11 e 12).

Se, como vimos repetidamente em Daniel, o Senhor pode manter a História humana sob controle, o que Ele pode fazer por nós individualmente?

Tocado por um anjo

5. Leia Daniel 10:10-19. O que aconteceu cada vez que o anjo tocou Daniel?

Profundamente afetado pelo esplendor da luz divina, o profeta caiu. Então um anjo apareceu para tocá-lo e consolá-lo. Ao lermos a narrativa, observamos que o anjo tocou Daniel três vezes.

O primeiro toque habilitou o profeta a ficar de pé e ouvir as palavras de conforto vindas do Céu: “Não temas, Daniel, porque, desde o primeiro dia em que aplicaste o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e, por causa das tuas palavras, é que eu vim” (Dn 10:12). A oração do servo de Deus moveu o Céu. Para nós, isso é uma garantia de que o Senhor ouve nossas orações, o que é um grande conforto em tempos difíceis.

O segundo toque habilitou Daniel a falar. O profeta derramou suas palavras diante do Senhor, expressando seus sentimentos de temor e emoção: “Meu Senhor, por causa da visão me sobrevieram dores, e não me ficou força alguma. Como, pois, pode o servo do meu Senhor falar com o meu Senhor? Porque, quanto a mim, não me resta já força alguma, nem fôlego ficou em mim” (Dn 10:16, 17). Portanto, Deus não apenas fala a nós; Ele deseja que abramos nossa boca para contar a Ele nossos sentimentos, necessidades e aspirações.

O terceiro toque lhe trouxe força. Ao reconhecer sua inadequação, o anjo o tocou e o consolou com a paz de Deus: “Não temas, homem muito amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte” (Dn 10:19). Lembre-se de que o anjo foi enviado a Daniel em resposta às suas orações, a fim de dar-lhe discernimento e compreensão. Em outras palavras, a visão que se segue no capítulo 11 tem a intenção de encorajar Daniel em resposta ao seu luto e meditação acerca da situação em Jerusalém. Com Deus ao nosso lado, podemos ter paz mesmo quando enfrentamos aflições. Seu toque amoroso nos habilita a olhar para o futuro com esperança.

“Enquanto nos movemos em nossos afazeres comuns, podemos ter bem perto o Céu” (Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, p. 48). O Céu e a Terra estão intimamente ligados. Como você pode viver de maneira diferente se mantiver essa verdade viva em seu coração?

Um grande conflito

6. O que foi revelado em Daniel 10:20, 21?

O mensageiro celestial revelou a Daniel a guerra cósmica que ocorre nos bastidores da História humana. Assim que Daniel começou a orar, teve início uma batalha espiritual entre o Céu e a Terra. Seres celestiais começaram uma luta contra o rei da Pérsia para deixar que os judeus continuassem a reconstrução do templo. Sabemos desde o início de Daniel 10 que o rei da Pérsia era Ciro. No entanto, um rei humano sozinho não pode oferecer oposição significativa a um ser celestial. Isso indica que, por trás do rei humano, existia um agente espiritual maligno que instigava Ciro a impedir que os judeus reconstruíssem o templo.

Uma situação semelhante ocorre em Ezequiel 28, em que o rei de Tiro representa Satanás, o poder espiritual por trás do rei humano daquela cidade. Assim, não é de admirar que os reis da Pérsia contra quem Miguel lutou incluíssem Satanás e seus anjos. Isso mostra que a oposição humana à reconstrução do templo tinha um equivalente no reino espiritual.

7. Que tipo de batalha foi descrita em Daniel 10:13? Assinale a alternativa correta:

- A. () Uma batalha espiritual.
- B. () Uma batalha literal.

“Enquanto Satanás estava procurando influenciar as mais altas autoridades no reino da Média-Pérsia para que não mostrassem favor ao povo de Deus, anjos trabalhavam no interesse dos exilados. Era uma controvérsia na qual todo o Céu estava interessado. Por intermédio do profeta Daniel, temos um vislumbre dessa poderosa luta entre as forças do bem e os poderes do mal. Durante três semanas, Gabriel se empenhou em luta com os poderes das trevas, procurando conter as influências em ação na mente de Ciro; e antes que a contenda terminasse, o próprio Cristo veio em auxílio de Gabriel. ‘O príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte de mim vinte e um dias’, Gabriel declara; ‘e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia’ (Dn 10:13, ARC). Tudo que o Céu podia fazer em favor do povo de Deus foi feito. A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram contidas todos os dias de Ciro, e todos os dias de seu filho Cambises II, que reinou cerca de sete anos e meio” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 571, 572).

Um príncipe vitorioso

O personagem mais ilustre no livro de Daniel é a figura inicialmente chamada de “Filho do Homem” (Dn 7:13) ou “Príncipe do exército” (Dn 8:11). Por fim, descobrimos que Seu nome é Miguel (Dn 10:13), que significa “Quem é semelhante a Deus?”. Ele veio para ajudar Gabriel no conflito com o rei da Pérsia (Dn 10:13). O anjo se referiu a esse Ser celestial como “Miguel, vosso Príncipe” (Dn 10:21), a saber, o Príncipe do povo de Deus. Miguel aparece posteriormente no livro de Daniel como Aquele que defende o povo de Deus (Dn 12:1). Em Judas 9, descobrimos que Miguel, também chamado de Arcanjo, luta contra Satanás e ressuscita Moisés. Apocalipse 12:7 revela que Miguel permanece como Líder do exército celestial, que derrota Satanás e seus anjos caídos. Portanto, Miguel não é outro senão Jesus Cristo. Assim como o Império Persa possuía um comandante supremo, uma força espiritual por trás de seu líder humano, o povo de Deus tem em Miguel seu Comandante-chefe, que intervém para lutar e vencer a guerra cósmica em seu favor.

8. Leia Colossenses 2:15. Como Jesus conseguiu a vitória no conflito cósmico?

Ao enfrentarmos as forças do mal, podemos ter fé em Jesus, nosso Campeão. No começo de Seu ministério público, Ele triunfou sobre Satanás. Durante Sua vida terrestre, Cristo o derrotou no deserto quando foi atacado com tentações; lutou contra hostes demoníacas e libertou as pessoas do poder das trevas. Jesus venceu o mal mesmo quando este estava disfarçado por trás da tentativa de Pedro de dissuadi-Lo do sacrifício no Calvário. Em Suas últimas palavras aos discípulos, Jesus falou de Sua morte iminente como uma batalha, que culminaria em uma vitória decisiva sobre Satanás: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo” (Jo 12:31, 32).

Às vezes olhamos ao redor e só vemos coisas muito ruins. Violência, imoralidade, corrupção e doenças surgem em todos os lugares. Um inimigo, não feito de carne e sangue, ataca-nos brutalmente de todas as formas. Mas não importa a dificuldade das batalhas que temos que travar, Jesus luta por nós e permanece como nosso Príncipe e Sumo Sacerdote no santuário celestial.

Leia Romanos 8:37-39. Como podemos tornar a promessa da vitória uma experiência real em nossa vida cristã?

PRIMEIRO DEUS Onde está o seu tesouro? Lembre-se de que aí também estará o seu coração.

Estudo adicional

“Durante três semanas Gabriel se empenhou em luta com os poderes das trevas, procurando conter as influências em ação na mente de Ciro [...]. Tudo que o Céu podia fazer em favor do povo de Deus foi feito. A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram contidas em todos os dias de Ciro, e em todos os dias de seu filho Cambises II” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 572).

“Que grande honra é outorgada a Daniel pela Majestade do Céu! Ele conforta Seu servo trememente e lhe assegura que sua oração foi ouvida no Céu. Em resposta àquela fervorosa petição, o anjo Gabriel foi enviado para influenciar o coração do rei persa. O monarca havia resistido às impressões do Espírito de Deus durante as três semanas em que Daniel estivera jejuando e orando, mas o Príncipe dos Céus, o Arcanjo Miguel, foi enviado para convencer o coração do obstinado rei, a fim de que tomasse alguma decisão para atender à prece de Daniel” (Ellen G. White, *Santificação*, p. 51).

Perguntas para discussão

1. Embora não sejamos os primeiros na história cristã a enxergar essa verdade, como adventistas do sétimo dia, somos fortes defensores do tema do grande conflito, ou a ideia de que o Universo inteiro é parte de uma luta épica entre Cristo e Satanás. E cremos que todo ser humano está, de fato, envolvido nesse conflito. Outros, até mesmo pessoas seculares, falam sobre a realidade de algum tipo de batalha na qual estamos todos imersos. Qual tem sido sua experiência no grande conflito? Como você o vê manifestado em sua vida? Como sua experiência pode ajudar os outros a lutar também?
2. Leia Efésios 6:10-18. Observe as imagens militares que Paulo utilizou. Quais “instruções para a batalha” nos foram dadas nesse texto a respeito do grande conflito?
3. Em Daniel 10:11, pela segunda vez (veja Dn 9:23) Daniel foi chamado de *hamudot*, ou “amado”. O que isso revela sobre a ligação íntima, até mesmo um elo emocional, entre o Céu e a Terra? Pense na diferença radical dessa realidade quando comparada à visão ateísta comum de grande parte do mundo moderno. Que esperança essa visão bíblica nos oferece, como pode ser visto nessa referência a Daniel?

Respostas e atividades da semana: 1. Comente com a classe. 2. V; F. 3. Daniel teve uma visão à beira do rio Tigre. Nela, ele viu um ser maravilhoso, cheio de esplendor, com os olhos de fogo. Ao contemplá-lo, perdeu suas forças e sentidos. 4. Há muitas semelhanças entre os seres descritos nas visões: os olhos são de fogo; os pés são de bronze; o cabelo e as vestes são brancos como a neve. 5. No primeiro toque do anjo, Daniel pôde se colocar em pé e ouvi-lo; no segundo toque, ele conseguiu abrir a boca e falar; no terceiro, ele se fortaleceu. 6. Um panorama da guerra cósmica entre o príncipe da Pérsia (Satanás estava por trás dele) e Miguel (Jesus). 7. A. 8. Ele venceu na cruz, expondo ao desprezo os principados e as potestades.



RESUMO DA LIÇÃO 11

Da batalha à vitória

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 10:19*

FOCO DO ESTUDO: *Efésios 6:12; Daniel 10; Esdras 4:1-5; Josué 5:13-15; Apocalipse 1:12-18; Colossenses 2:15; Romanos 8:37-39*

INTRODUÇÃO: *Dois temas da lição desta semana merecem ser estudados de modo mais profundo. O primeiro é a guerra invisível que se desenrola nos bastidores do grande conflito. O segundo é a certeza de que nessa guerra não estamos sozinhos. Um Príncipe vitorioso Se levanta para lutar em nosso favor.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. Uma guerra invisível

Um dos aspectos mais sombrios do grande conflito entre o bem e o mal é a guerra invisível que acontece no âmbito espiritual. Vemos um retrato dessa realidade no episódio em que as forças do mal estavam influenciando o rei da Pérsia a frustrar o plano divino de reconstruir Jerusalém.

2. Um Príncipe vitorioso

Enquanto o conflito se intensifica, o povo de Deus não está sozinho. Um poderoso e vitorioso Príncipe celestial Se levanta para lutar contra as forças do mal e em favor do povo de Deus, a fim de tornar Seus planos uma realidade.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *A maior batalha de nossa vida não é contra inimigos visíveis de carne e sangue, mas “sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6:12). Embora, de uma perspectiva humana, essa batalha possa ser um conflito desigual, em que as probabilidades muitas vezes parecem estar contra nós, não temos nada a temer. Jesus luta essa batalha por nós e ao nosso lado, e nos dá a certeza da vitória!*

COMENTÁRIO

1. Uma guerra invisível

Daniel 10 introduz a última visão do livro, que compreende os capítulos 10–12. O ano é 536 a.C., o terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia. Cerca de cinquenta mil judeus retornaram à sua terra natal (Ed 2), e, quando começaram a reconstruir o templo, surgiu uma forte oposição. Quando foi rejeitada a participação dos samaritanos no projeto de reconstrução, eles se tornaram inimigos implacáveis dos judeus. E escreveram cartas a Ciro descrevendo os judeus como um povo rebelde, na tentativa de persuadir o rei a interromper o trabalho de reconstrução (Ed 4:6-16, 23, 24). Informado da situação de seus compatriotas, Daniel mais uma vez recorreu ao jejum e à oração. Durante vinte e um dias, ele

orou e jejuou em favor dos repatriados. Deus lhe respondeu com a visão de um “grande conflito” em que é levantada a cortina que encobre as realidades invisíveis das visíveis. Foi permitido que o profeta tivesse um vislumbre do conflito celestial que acontece nos bastidores das batalhas terrestres.

À medida que a visão se desenvolvia, Daniel descobriu que a oposição à reconstrução do templo não se restringia às particularidades dos governantes humanos. Os acontecimentos políticos envolvendo os judeus, os samaritanos e os persas refletiam um conflito invisível entre os anjos do Senhor e as forças do mal. Essa íntima relação entre o que acontece no Céu e o que ocorre na Terra é uma das características distintivas da profecia apocalíptica. Em seguida, o anjo revelou a Daniel que tinha havido uma batalha entre Miguel e o príncipe da Pérsia, uma batalha que prosseguiria com a Grécia e, posteriormente, continuaria fazendo parte dos conflitos militares entre os reis do Norte e do Sul (Dn 11).

Ao avançarmos com este estudo, analisemos alguns dos elementos envolvidos nesse conflito. Um dos seres celestiais, muito provavelmente Gabriel, contou ao profeta Daniel que o príncipe da Pérsia lhe havia resistido por vinte e um dias até que Miguel veio para ajudá-lo (Dn 10:13). Neste ponto, precisamos determinar se o príncipe da Pérsia, que teve a ousadia de enfrentar um anjo de Deus, era um governante humano ou um agente espiritual. Alguns estudiosos argumentam que o príncipe da Pérsia era Cambises, o filho de Ciro, o qual era rei da Babilônia e reinava com seu pai durante esse tempo. Cambises, conhecido por ser hostil às religiões estrangeiras, é apontado como o governante que interrompeu a reconstrução do templo. No entanto, é difícil imaginar que um rei humano pudesse se opor a um anjo de Deus a ponto de Miguel ter que intervir. Contudo, um argumento mais forte no sentido de que se tratava de um príncipe sobrenatural se encontra no uso da mesma palavra para designar o “príncipe” (*sar*) da Pérsia e Miguel, o “Príncipe” (*sar*) que representa o povo de Deus. Assim, por causa desse contraste e oposição, o príncipe da Pérsia deve ter sido um agente maligno agindo em oposição a Miguel, o Príncipe celestial.

Portanto, o “grande conflito” aqui descrito é uma guerra entre Satanás, o príncipe das trevas, que representa os interesses dos inimigos do povo de Deus na Terra, e Cristo, o poderoso Príncipe que representa o povo do Senhor. Essa guerra está no centro do grande conflito entre o bem e o mal e se torna visível nos males políticos, sociais e religiosos que assolam o mundo. No entanto, à medida que as forças demoníacas aumentam sua oposição aos anjos de Deus e movimentam poderes terrestres para atacar Seu povo, Miguel, o “grande Príncipe”, entra em cena para proteger e salvar o povo de Deus (Dn 12:1). É sobre Ele que estudaremos a seguir.

2. Um Príncipe vitorioso

Na Bíblia, Miguel sempre aparece em contextos de conflito. Em Daniel 10, Ele é destacado lutando contra o maligno príncipe da Pérsia; em Daniel 12, lemos que Ele Se levanta para livrar o povo de Deus nas cenas finais do grande conflito; em Judas, encontramos o relato da contenda com o diabo pelo corpo de Moisés; e em Apocalipse 12, vemos Miguel

lutando contra o dragão. Desse modo, fica claro que Miguel é o guerreiro celestial que representa as forças do bem contra os poderes do mal.

Para entender melhor a natureza e a identidade de Miguel, devemos ter em mente que uma das mais marcantes descrições de Deus na Bíblia é a de um guerreiro. Ele é chamado de “SENHOR, poderoso nas batalhas” (Sl 24:8) e “homem de guerra” (Êx 15:3). Muitos salmos exaltam o Senhor como um Guerreiro vitorioso (Sl 68). Assim, o Senhor luta contra os inimigos do Seu povo, como os egípcios, cananeus, assírios e babilônios. Ele pode até ser visto lutando contra Seu próprio povo, entregando-o nas mãos dos adversários quando ele rompeu com Sua aliança. No entanto, a figura de Deus como Guerreiro também traz esperança no fim dos tempos, pois, no futuro, Ele pelejará contra as nações que oprimiram Seu povo (Zc 14:3).

É instrutivo observar que, nos contextos em que Deus é descrito como Guerreiro, aparece uma forma da interjeição “Quem é como Deus?” (Êx 15:11; Jr 50:44; Sl 35:10; Sl 71:19; Sl 77:13; Sl 89:6, 8; Mq 7:18). Por isso, não é por acaso que Miguel significa “Quem é como Deus?” Isso sugere uma identificação próxima com Deus, que se harmoniza com a função de Miguel como um Guerreiro divino. Como tal, Ele Se parece tanto com Deus que nenhum outro ser celestial ou anjo criado jamais poderia se parecer. Por essa razão, Miguel em Daniel deve ser identificado com o Cristo pré-encarnado, o eterno Filho de Deus.

De maneira significativa, João Batista, desde a primeira vez em que O viu, entendeu que Jesus era um Guerreiro com uma pá na mão, que queimaria a palha com um fogo que nunca se apaga (Mt 3:12). Posteriormente, João pensou que estivesse errado, uma vez que Jesus estava expulsando demônios e curando os doentes em vez de lutar contra os inimigos de Seu povo. Mas João ouviu um relato de seus discípulos que confirmou sua impressão inicial. Jesus era o Guerreiro celestial que estava lutando contra as forças espirituais do mal. Por fim, a batalha mais feroz de Jesus aconteceu na cruz, onde Ele alcançou a maior vitória sobre o mal, não matando, mas morrendo. Na cruz, tendo Ele despojado “os principados e as potestades”, triunfou sobre eles (Cl 2:15). Depois da Sua ressurreição, Jesus subiu ao Céu como um Guerreiro vitorioso mostrando os despojos de guerra em um desfile cósmico (Ef 4:7, 8; Sl 68; Sl 24).

Temos o sagrado dever de continuar batalhando ao lado do nosso supremo Comandante. Como Jesus, devemos lutar nessa batalha espiritual não matando, mas morrendo. Nossas armas não são armas de fogo nem bombas, mas a fé e a Palavra de Deus (Ef 6:10-18). Não lutamos apenas contra forças exteriores, mas contra o pecado que se encontra em nosso coração. “Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8:37). Prossigamos lutando até o dia em que Miguel virá e destruirá o mal em todas as suas formas.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

Imagine esta cena: enquanto visita uma galeria de fotos, você vê uma imagem constrangedora de um homem de meia idade. Sua face está contorcida. Seus lábios estão contraídos. Seus punhos estão cerrados. Seu rosto está cheio de rugas, não por causa da idade, mas por

causa da ira. Ao olhar para essa foto, você se torna absolutamente convencido de que não importa quem esteja sendo retratado, você jamais desejaria ser amigo dele. Você até se sente feliz porque esse homem não passa de uma imagem sem vida em exibição.

Em seguida, um guia se aproxima de você, identifica essa pessoa e explica o contexto da imagem. A foto mostra uma visão próxima e detalhada de um advogado. Ele estava em uma sessão de júri defendendo uma idosa viúva. A mulher estava prestes a perder seu único pedaço de terra para uma grande empresa. Por meio de manobras legais, os advogados daquela companhia estavam tentando tomar posse da sua terra. E a foto foi tirada no exato momento em que o advogado estava usando argumentos verbais e não verbais para convencer o juiz a decidir em favor daquela senhora.

1. Como as informações sobre o contexto modificam sua visão do homem na foto? Você se sentiria confortável em tê-lo como amigo?
2. De que maneira a informação sobre o grande conflito entre o bem e o mal ajuda você a avaliar melhor a imagem do Guerreiro que Deus apresenta nas Escrituras?
3. Se o Senhor não fosse um “Deus Guerreiro” poderíamos ter alguma garantia de que o mal seria eliminado para sempre?
4. Que diferença faz ter Jesus Cristo como um Guerreiro que luta em seu favor contra os exércitos de Satanás?



VOCÊ ACREDITA EM

ANJOS?

MKT CPB | Fotolia

Saiba mais sobre eles lendo este livro!



A VERDADE SOBRE OS

Anjos

Afastando o véu que separa o mundo real do invisível

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@livrarias@cpb.com.br

WhatsApp

f t u y

/cpbeditora

Do Norte e Sul à terra gloriosa

Lição 12

VERSO PARA MEMORIZAR: “Alguns dos sábios cairão para serem provados, purificados e embranquecidos, até ao tempo do fim, porque se dará ainda no tempo determinado” (Dn 11:35).

Leituras da semana: Dn 11; Dn 8:3-8, 20-22; Is 46:9, 10; Dn 8:9, 23; Mt 27:33-50



Sábado, 14 de março

Ano Bíblico: Jz 1-3

Ao estudarmos o capítulo 11 de Daniel, veremos que se trata de um texto desafiador. Alguns pontos devem ser apresentados no início. Primeiramente, esse capítulo está, em geral, em paralelo com os esboços proféticos anteriores do livro. Como nos capítulos 2, 7, 8 e 9, a mensagem profética se estende dos dias do profeta até o fim dos tempos. Em segundo lugar, uma sucessão de potências mundiais emerge; são poderes que muitas vezes oprimem o povo de Deus. Terceiro, cada esboço profético atinge o clímax com um final feliz. Em Daniel 2, a pedra destrói a estátua; em Daniel 7, o Filho do Homem recebe o reino; e em Daniel 8 e 9, o santuário celestial é purificado mediante a obra do Messias.

Em seguida, o capítulo 11 apresenta três pontos fundamentais. Primeiramente, ele apresenta os reis persas e discute o destino deles e o tempo do fim, quando o rei do Norte ataca o monte santo de Deus. Em segundo lugar, há a descrição de uma sucessão de batalhas entre o rei do Norte e o rei do Sul e como essas lutas afetam o povo de Deus. Em terceiro lugar, o capítulo conclui com um final feliz, quando o rei do Norte encara a sua ruína por meio do “glorioso monte santo” (Dn 11:45). Essa conclusão positiva sinaliza o fim do mal e o estabelecimento do reino eterno de Deus.

Profecias sobre a Pérsia e a Grécia

1. Leia Daniel 11:1-4. Qual é a semelhança desses versos com algumas profecias anteriores apresentadas em Daniel?

Gabriel disse a Daniel que três reis ainda se levantariam da Pérsia. Eles seriam seguidos pelo quarto rei, que seria o mais rico de todos e provocaria os gregos. Depois de Ciro, três sucessivos reis exerceram domínio sobre a Pérsia: Cambises II (530-522 a.C.), o falso Esmérdis (522 a.C.) e Dario I (522-486 a.C.). O quarto rei é Xerxes, mencionado no livro de Ester como Assuero. Ele era muito rico (Et 1:1-7) e comandou um vasto exército para invadir a Grécia, como previsto na profecia. Mas, apesar de seu poder, ele foi repellido por uma força menor de valentes soldados gregos.

Não é difícil reconhecer Alexandre, o Grande, como o poderoso rei que surge em Daniel 11:3 e que se torna o governante absoluto do mundo antigo. Aos 32 anos, ele morreu sem deixar um herdeiro para governar o império. Por isso, o reino foi dividido entre seus quatro generais: Seleuco ficou com a Síria e a Mesopotâmia; Ptolomeu, com o Egito; Lisímaco, com a Trácia e partes da Ásia Menor; e Cassandro, com a Macedônia e a Grécia.

2. Compare Daniel 11:2-4 com Daniel 8:3-8, 20-22. Como esses textos juntos ajudam-nos a identificar Alexandre como o poder representado nessas passagens?

O que podemos aprender com essa variedade de nomes, datas, lugares e eventos históricos? Primeiramente, aprendemos que a profecia foi cumprida como previsto pelo mensageiro divino. A Palavra de Deus nunca falha. Em segundo lugar, Deus é o Senhor da História. Podemos ter a impressão de que a sucessão de poderes políticos, líderes e reinos é impulsionada pela ambição de imperadores, ditadores e políticos de todos os tipos. No entanto, a Bíblia revela que Deus está no controle supremo e moverá a roda da História de acordo com Seu propósito divino, o que, em última análise, levará à erradicação do mal e ao estabelecimento do reino eterno de Deus.

Profecias sobre a Síria e o Egito

3. Leia Daniel 11:5-14. O que foi descrito nesses versos e qual é o significado dessa narrativa?

Após a morte de Alexandre, o Grande (323 a.C.), o vasto império grego foi dividido entre seus quatro generais. Dois deles, Seleuco, na Síria (Norte), e Ptolomeu, no Egito (Sul), conseguiram estabelecer dinastias que lutariam entre si pelo controle da terra.

A maioria dos estudantes da Bíblia compreende as guerras entre o rei do Norte e o rei do Sul profetizadas em Daniel 11:5-14 como se referindo às muitas batalhas envolvendo essas duas dinastias. Segundo a profecia, seria feita uma tentativa de unir essas duas dinastias pelo casamento, mas essa aliança duraria pouco (Dn 11:6). Fontes históricas nos informam que Antíoco II Teos (261-246 a.C.), neto de Seleuco I, casou-se com Berenice, filha do rei egípcio Ptolomeu II Filadelfo. No entanto, esse acordo não durou, e o conflito que envolvia diretamente o povo de Deus logo foi retomado. Portanto, Daniel 11 trata de alguns eventos importantes que afetariam a vida do povo de Deus durante séculos após a morte do profeta Daniel.

Novamente, podemos perguntar por que o Senhor revelou antecipadamente todos esses detalhes sobre as guerras envolvendo reinos que lutariam entre si pela supremacia naquela parte do mundo. *A razão é simples: essas guerras afetariam o povo de Deus.* Então, o Senhor anunciou de antemão os muitos desafios que Seu povo enfrentaria nos anos futuros. Além disso, Deus é o Senhor da História e, ao compararmos o registro profético com os eventos históricos, podemos ver novamente que a palavra profética foi cumprida. O Deus que predisse as vicissitudes daqueles reinos helenísticos que lutaram entre si é o Senhor que conhece o futuro. Ele é digno de nossa confiança e fé. É um Deus grande, não um ídolo fabricado pela imaginação humana. Ele não apenas dirige o curso dos eventos históricos, mas também pode dirigir nossa vida se permitirmos que Ele assim o faça.

Leia Isaías 46:9, 10. Quanta teologia cristã fundamental encontramos nesses dois versos, e que grande esperança podemos tirar deles, sabendo que o Senhor é bondoso e amoroso? O verso dez não seria assustador se Deus fosse vingativo e mau?

Roma e o Príncipe da aliança

4. Leia Daniel 11:16-28. Embora o texto seja difícil, quais imagens encontramos nessa passagem que aparecem em outras partes de Daniel?

Uma transição no poder dos reis helenistas para Roma pagã parece ser descrita em Daniel 11:16: “O que, pois, vier contra ele fará o que bem quiser, e ninguém poderá resistir a ele; estará na terra gloriosa, e tudo estará em suas mãos”. A “terra gloriosa” é Jerusalém, região em que existiu o antigo Israel, e o novo poder que ocupou essa região foi Roma pagã. O mesmo evento também é representado na expansão horizontal do chifre pequeno, que atinge a “terra gloriosa” (Dn 8:9). Portanto, parece claro que o poder no comando do mundo naquele momento era Roma pagã.

Algumas pistas adicionais no texto bíblico reforçam essa percepção. Por exemplo, a expressão “um cobrador de impostos” (Dn 11:20, NVI) deve ser uma referência a César Augusto. Foi durante o seu reinado que Jesus nasceu, visto que Maria e José viajaram para Belém para a realização do censo (Dn 11:20). Além disso, de acordo com a profecia, esse governante seria sucedido por um “homem vil” (Dn 11:21). Como mostra a história, Augusto foi sucedido por Tibério, seu filho adotivo. Tibério é conhecido por ter sido um homem excêntrico e vil.

Um fato ainda mais importante é que, de acordo com o texto bíblico, durante o reinado de Tibério, o “príncipe da aliança” seria quebrado (Dn 11:22). Isso claramente se refere à crucificação de Cristo, também chamado de “Ungido” e “Príncipe” (Dn 9:25; veja também Mt 27:33-50), visto que Ele foi morto durante o reinado de Tibério. A referência a Jesus nessa passagem como “o Príncipe da aliança” é um indicador impressionante que mostra o fluxo de eventos históricos, dando novamente aos leitores uma evidência poderosa da surpreendente presciência de Deus. Se Ele teve razão a respeito de tudo o que ocorreu antes em cumprimento dessas profecias, podemos certamente confiar em Suas declarações quanto ao que ocorrerá no futuro.

Mesmo em meio a todos os eventos políticos e históricos, Jesus de Nazaré, “o Príncipe da aliança”, é revelado no texto. Isso não nos mostra que, apesar de toda a agitação e intriga política, Jesus permanece no centro das Escrituras?

O próximo poder

5. Leia Daniel 11:29-39. O que é esse poder que surge depois de Roma pagã?

Assinale a alternativa correta:

- A. () Roma papal.
B. () Islamismo.

Daniel 11:29-39 se refere a um novo sistema de poder. Embora esse sistema esteja em continuidade com o Império Romano pagão e tenha herdado algumas características de seu antecessor, parece ser diferente em alguns aspectos. O texto bíblico afirma: “Não será nesta última vez como foi na primeira” (Dn 11:29). Ao examinarmos com mais profundidade, descobrimos que ele atua como um poder religioso, mirando seu ataque principalmente em Deus e em Seu povo. Vejamos algumas ações perpetradas por esse rei.

Primeiro, ele se indignaria “contra a santa aliança” (Dn 11:30). Essa deve ser uma referência à aliança divina de salvação, à qual esse rei se opõe.

Em segundo lugar, esse rei produziria forças que profanariam o santuário [...] e tirariam “o sacrifício diário” (Dn 11:31). Observamos em Daniel 8 que o chifre pequeno derrubou o fundamento do “santuário” de Deus e “tirou o sacrifício diário” (Dn 8:11). Isso deve ser entendido como um ataque espiritual contra o ministério de Cristo no santuário celestial.

Em terceiro lugar, como consequência de seu ataque ao santuário, esse poder estabelece a “abominação desoladora” no templo de Deus (Dn 11:31). A expressão paralela, “transgressão assoladora”, aponta para os atos de apostasia e rebelião cometidos pelo chifre pequeno (Dn 8:13).

Em quarto lugar, esse poder persegue o povo de Deus: “Alguns dos sábios cairão para serem provados, purificados e embranquecidos, até ao tempo do fim” (Dn 11:35). Isso nos lembra do chifre pequeno, que lançou por terra uma parte do exército e das estrelas e os pisou (Dn 8:10; compare com Dn 7:25).

Em quinto lugar, esse rei se levantaria e se engrandeceria “sobre todo deus; contra o Deus dos deuses [falaria] coisas incríveis” (Dn 11:36). Foi previsto também que o chifre pequeno falaria “com insolência” (Dn 7:8), até mesmo contra Deus (Dn 7:25).

Outras semelhanças poderiam ser mencionadas, mas, considerando o que lemos em Daniel 7 e 8, quem é esse poder? Por que é tão importante que, apesar das pressões sociais, permaneçamos firmes em nossa identificação dele?

Eventos finais

6. O que ocorre em Daniel 11:40-45? Assinale a alternativa correta:

- A. () No fim, o rei do Norte é derrotado e não há quem o socorra.
 B. () Os reis do Norte e do Sul declaram paz e vivem em harmonia para sempre.

As expressões a seguir nos ajudam a compreender o texto de hoje: *Tempo do fim*: a expressão “tempo do fim” aparece apenas em Daniel (Dn 8:17; 11:35, 40; 12:4, 9). O exame das profecias de Daniel indica que o tempo do fim se estende da queda do papado, em 1798, até a ressurreição dos mortos (Dn 12:2).

Rei do Norte: esse nome primeiramente designa geograficamente a dinastia selêucida, mas depois se refere a Roma pagã e finalmente a Roma papal. Sendo assim, ele não descreve uma localização geográfica, mas o inimigo espiritual do povo de Deus. Além disso, devemos também observar que o rei do Norte representa uma contrafação do verdadeiro Deus, que na Bíblia está simbolicamente associada ao Norte (Is 14:13).

Rei do Sul: esse nome primeiramente designa a dinastia ptolomaica no Egito, ao sul da terra santa. Mas, à medida que a profecia se desenvolve, ele adquire uma dimensão teológica e é associado por alguns estudiosos ao ateísmo. Ellen G. White, comentando a referência ao Egito em Apocalipse 11:8, declarou: “Isto é ateísmo” (*O Grande Conflito*, p. 269).

O glorioso monte santo: nos tempos do Antigo Testamento, essa expressão se referia a Sião, capital e centro de Israel, geograficamente localizada na terra prometida. Depois da cruz, o povo de Deus não é mais definido segundo linhas étnicas e geográficas. Portanto, o monte santo deve ser uma designação simbólica do povo de Deus espalhado pelo mundo.

Assim, talvez possamos interpretar os acontecimentos dessa maneira:

(1) O rei do Sul ataca o rei do Norte: a Revolução Francesa tentou erradicar a religião e derrotar o papado, mas falhou. (2) O rei do Norte ataca e derrota o rei do Sul: as forças da religião lideradas pelo papado e seus aliados acabarão vencendo as forças do ateísmo e formarão uma coalizão com o inimigo derrotado. (3) Edom, Moabe e o notável povo de Amom escaparão: alguns dos que não são contados entre o povo verdadeiro de Deus se juntarão ao prisco na última hora. (4) O rei do Norte se prepara para atacar o monte santo, mas chega ao fim: as forças do mal são destruídas, e o reino de Deus é estabelecido.

Como podemos nos consolar ao saber que, no final, Deus e Seu povo serão vitoriosos?

Estudo adicional

É interessante que, pelo menos em relação a Daniel 11:29-39, Martinho Lutero tenha identificado a abominação desoladora em Daniel 11:31 com o papado e suas doutrinas e práticas. Portanto, a correlação de Daniel 11 com Daniel 7 e 8 reforça a visão de Lutero e de muitos outros comentaristas protestantes de que a instituição do papado e seus ensinamentos constituem o cumprimento dessas profecias na História. Nesse sentido, Ellen G. White declarou: “Nenhuma igreja dentro dos limites da jurisdição romana ficou muito tempo sem ser perturbada na experiência da liberdade de consciência. Mal o papado obteve poder, estendeu os braços para esmagar todos os que se recusassem a reconhecer-lhe o domínio; e, uma após outra, as igrejas se submeteram ao seu governo” (*O Grande Conflito*, p. 62).

Perguntas para discussão

1. Como podemos ser sensíveis aos sentimentos dos outros, sem comprometer o que a Bíblia ensina sobre a função de Roma nos últimos dias?
2. Daniel 11:33 afirma: “Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia, cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativo e pelo roubo, por algum tempo.” O que esse texto revela sobre o destino de alguns fiéis de Deus? O que alguns deles estarão fazendo antes de ser martirizados? Qual é a mensagem desse texto para nós hoje?
3. Daniel 11:36 afirma: “Este rei fará segundo a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis e será próspero, até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito.” A quem se refere o texto? O que isso faz lembrar? (Veja Is 14:12-17; veja também 2Ts 2:1-4).
4. Em Daniel 11:27, 29 e 35, é usada a expressão *lammo'ed* ou “o tempo determinado”. O que isso nos revela, novamente, sobre o controle divino da História?

Respostas e atividades da semana: 1. O rei muito forte que se levantaria e faria tudo o que lhe aproovesse, mas não completaria seu reinado, já que este lhe seria arrancado no auge do seu poder e repartido para os quatro ventos. Esses detalhes são uma repetição da profecia a respeito de Alexandre, o Grande, e seus quatro generais. 2. Em ambos os textos vemos a velocidade das conquistas do rei da Grécia (um bode vindo sem tocar o chão e sendo morto em seguida e quatro chifres que se levantam para os quatro ventos do Céu). Isso também pode ser visto em Daniel 11:2-4, já que o reino é tirado e dado àqueles que não eram seus descendentes. 3. É descrita uma guerra constante entre os reis do Sul e do Norte, embora, no início esses reinos tivessem tentado um acordo de paz por meio de casamento. 4. A “terra gloriosa” e o “príncipe da aliança”. 5. A. 6. A.



RESUMO DA LIÇÃO 12

Do Norte e Sul à terra gloriosa

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 11:35*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 11; Daniel 8:3-8, 20-22; Isaías 46:9, 10; Daniel 8:9, 23-25; Mateus 27:33-50*

INTRODUÇÃO: *O capítulo 11 do livro de Daniel é, sem dúvida, o mais difícil de ser interpretado. Apesar disso, os contornos gerais da profecia se destacam de maneira clara. O povo de Deus será perseguido e atacado, mas no fim Deus vencerá. Neste estudo, destacaremos o grande conflito entre os poderes do Norte e do Sul e a descrição dos eventos finais que encerram o capítulo.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. O grande conflito

O “grande conflito” mencionado pelo ser angelical em Daniel 10:1 se desenrola ao longo do capítulo 11 como uma sucessão de reis do Norte e do Sul que lutam entre si até o tempo do fim.

2. Os eventos finais

A parte final do capítulo tem seu ponto alto na aniquilação das forças do mal quando estas lançam o último ataque contra Sião, o “glorioso monte santo” de Deus.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Nos bastidores das batalhas entre os reis do Norte e do Sul, há apenas um grande conflito. É a grande controvérsia entre Deus e Satanás, que tem repercussões políticas e sociais na Terra. Primeiramente, o conflito não diz respeito a conquistas territoriais ou materiais. É uma batalha universal com o objetivo de conquistar o coração e a mente dos seres humanos. Nessa batalha, a neutralidade é impossível; devemos escolher um lado.*

COMENTÁRIO

1. O grande conflito

A guerra entre o Norte e o Sul lembra as batalhas entre os poderes que disputavam o controle da terra prometida. Localizada na confluência dos grandes impérios daquele tempo, a terra de Israel foi muitas vezes envolvida nos conflitos internacionais da época. As potências do Norte (assírios, babilônios e selêucidas) lutavam contra as potências do Sul (egípcios e ptolomeus) pelo controle estratégico da Palestina. Evidentemente, uma guerra pelo controle da terra santa resultava em sofrimento ao povo de Deus. Como Gabriel deixou claro, a profecia tinha o objetivo de fazer Daniel “entender o que” haveria “de suceder ao [seu] povo nos últimos dias; porque a visão se [referia] a dias ainda distantes” (Dn 10:14). Assim, a longa sucessão de reinos e as guerras que travaram são relevantes na medida em que fizeram o povo de Deus passar por tremendo sofrimento. Conforme os eventos proféticos se desenrolam, as guerras entre o Norte e o Sul culminam em um ataque contra o

povo de Deus no monte Sião. Essa batalha final, juntamente com a intervenção salvífica de Deus em favor do Seu povo, é o clímax da mensagem de Daniel.

Ao aplicarmos a abordagem historicista na interpretação desse capítulo, devemos também considerar que, à medida que o cronograma profético passa pelo Calvário, os símbolos proféticos e os eventos que eles representam devem ser interpretados de acordo com os termos da nova aliança. Em Cristo, a aliança com Israel é estendida aos gentios, e a terra prometida é ampliada a fim de abranger o mundo inteiro. Nesse contexto, ao interpretarmos os acontecimentos proféticos descritos em Daniel 11, devemos levar em conta as novas realidades que o Messias ocasionou.

Assim, a maioria dos intérpretes historicistas entende que o rei do Norte, a princípio, seja uma referência ao poder selêucida localizado na Síria, e o rei do Sul representa os ptolomeus, que dominavam o Egito. Posteriormente, a função do rei do Norte foi assumida por Roma pagã e depois por Roma papal. Do mesmo modo, posteriormente no cronograma profético, o Sul passa a representar o ateísmo, que foi fortemente promovido pelos poderes que provocaram a Revolução Francesa e que continuam atuando até hoje.

O tempo em que aconteceram as transições de poder em Daniel 11 ainda são assunto de debate. Portanto, devemos nos concentrar nos temas transparentes e bem estabelecidos, pois estão em paralelo com outros tópicos de Daniel. A tabela seguinte mostra as relações do capítulo 11 com as outras profecias de Daniel, especialmente as do capítulo 8:

Poder	Daniel 2	Daniel 7	Daniel 8 e 9	Daniel 11
Babilônia	Ouro	Leão		
Média-Pérsia	Prata	Urso	Carneiro	Pérsia (Dn 11:3)
Grécia	Bronze	Leopardo	Bode	Grécia (Dn 11:2-4)
Roma pagã	Ferro	Animal terrível	Chifre pequeno Morte do Messias (<i>nagid</i> ; Dn 9:25, 26)	Rei do Norte Morte do Messias (<i>nagid</i> ; Dn 11:22)
Roma papal	Ferro	Chifre pequeno Juízo celestial (Ancião de Dias/Filho do Homem; Dn 7:9-14)	Chifre pequeno O sacrifício diário é tirado (<i>tamid</i> ; Dn 8:13) Purificação do santuário celestial/ "Tempo do fim" (<i>et qets</i> , Dn 8:17)	Rei do Norte O sacrifício diário é tirado (<i>tamid</i> ; Dn 11:31) Tempo do fim (<i>et qets</i> ; Dn 11:40)
Reino de Deus	Pedra	Reino entregue aos santos do Altíssimo (Dn 7:27)	Queda do chifre pequeno (Dn 8:25)	O rei do Norte é derrotado no glorioso monte santo (Dn 11:45)

2. Os eventos finais

A parte final (Dn 11:40-45) mostra que o longo conflito entre o rei do Norte e o rei do Sul atinge seu clímax no tempo do fim. A essa altura, o rei do Norte vence o rei do Sul e lança o ataque final contra o monte Sião. Como a maioria dos eventos aqui descritos se encontra no futuro, a sua interpretação permanece incerta; assim, devemos evitar o dogmatismo. No entanto, é possível delinear os amplos contornos da profecia aplicando dois princípios básicos de interpretação. Primeiro, devemos entender que os eventos preditos na profecia são retratados com a linguagem e figuras derivadas da realidade do Israel do Antigo Testamento e de suas instituições. Em segundo lugar, essas figuras e a linguagem devem ser interpretadas como símbolos de realidades eclesiológicas (da igreja) universais e presentes nos ensinamentos de Jesus.

De acordo com esses princípios apresentados, o rei do Sul representa o Egito, conforme indicado de maneira sistemática ao longo da profecia. O rei do Norte, por sua vez, deve ser identificado com Babilônia, que aparece no Antigo Testamento como as forças do Norte (Jr 1:14; Jr 4:5-7; Jr 6:1; Jr 10:22; Jr 13:20; Jr 16:15; Jr 20:4; Jr 23:8; Jr 25:9, 12). Fundada por Ninrode, Babilônia se tornou um centro de religião pagã e o pior inimigo de Jerusalém. No simbolismo apocalíptico, Babilônia passou a representar tanto Roma pagã quanto Roma papal. Assim, a essa altura do cronograma profético, que é o tempo do fim, Babilônia/o rei do Norte simboliza o papado e suas forças de apoio. O Egito, por sua vez, representa as forças que fazem oposição ao papado, mas que finalmente são dominadas por ele. Desse modo, entre outras possibilidades, como o antigo Império Otomano, o Egito muito provavelmente representa o ateísmo e o secularismo.

Quando o rei do Norte invade a “terra gloriosa”, está escrito que “Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom” (Dn 11:41) conseguem escapar de seu grande poder. Como essas três nações há muito deixaram de existir, elas devem ser interpretadas como símbolos de entidades escatológicas mais amplas. Para melhor compreendermos o simbolismo relacionado a essas nações, devemos observar que a “terra gloriosa” não é um espaço geográfico no Oriente Médio, mas um símbolo do povo remanescente de Deus. De igual forma, “Edom, e Moabe, e [...] Amom” não significam grupos étnicos ou povos, mas representam aqueles que resistirão à sedução de Babilônia e virão de diferentes religiões e tradições filosóficas para se juntarem ao remanescente nos últimos dias.

A batalha final desse longo conflito acontecerá quando o rei do Norte armar “as suas tendas palacianas entre os mares contra o glorioso monte santo” (Dn 11:45). Esse cenário lembra os reis estrangeiros que, vindos do Norte, atacaram Jerusalém. Senaqueribe, por exemplo, armou suas tendas militares em Laquis, que ficava entre o mar Mediterrâneo e Jerusalém. Essas imagens simbolizam o confronto final das forças da Babilônia espiritual (o papado e seus aliados) contra o povo de Deus. “O glorioso monte santo” representa o povo do Senhor sob o comando de Cristo. Assim, com uma linguagem que lembra a experiência do antigo Israel e Judá, a profecia retrata o ataque de Babilônia no tempo do fim contra o povo de Deus. Mas o inimigo fracassará; “chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra” (Dn 11:45).

APLICAÇÃO PARA A VIDA

“Nos registros da História humana, o desenvolvimento das nações, o nascimento e a queda dos impérios aparecem como que dependendo da vontade e do poder do homem. O decorrer dos acontecimentos parece determinado, em grande medida, por seu poder, ambição ou capricho. Mas na Palavra de Deus a cortina é afastada, e podemos ver acima, por detrás e pelos lados, as partidas e contrapartidas de interesse, poder e desejo humanos – os agentes do Todo-Misericordioso – executando paciente e silenciosamente os conselhos de Sua própria vontade” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 499, 500).

1. Daniel 11 apresenta o detalhado conhecimento divino sobre a história futura. De que maneira a presciência de Deus fortalece a sua fé?
2. O capítulo 11 de Daniel (especialmente Dn 11:40-45) tem sido objeto de algumas interpretações especulativas. Como a noção de recapitulação na profecia apocalíptica (veja a lição 1) nos ajuda a permanecer dentro dos limites interpretativos corretos para o entendimento desse capítulo?
3. Tendo aprendido sobre o grande conflito refletido nas profecias de Daniel, o que devemos fazer com tal conhecimento? (Dn 11:33).



Acontecimentos que mudarão seu futuro

O Grande Conflito
Ellen G. White



Acabamento brochura
Formato: 14,0 x 21
Número de páginas: 296

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@livrarias@cpb.com.br

Facebook, Instagram, Twitter, YouTube icons and @cpbeditora

Do pó às estrelas

Lição 13

VERSO PARA MEMORIZAR: “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (Dn 12:3).

Leituras da semana: Dn 12; Rm 8:34; Lc 10:20; Rm 8:18; Hb 2:14,15; Jo 14:29; Ap 11:3



Sábado, 21 de março

Ano Bíblico: Jz 20, 21

O livro de Daniel começa com Nabucodonosor invadindo a Judeia e levando cativos para Babilônia; em contraste com isso, a narrativa é concluída com Miguel se levantando para libertar o povo de Deus da Babilônia do tempo do fim. Isto é, como foi mostrado em todo o livro de Daniel, no fim, o Senhor resolve todos os problemas do Seu povo.

Como vimos também, Daniel e seus companheiros permaneceram fiéis a Deus e demonstraram sabedoria incomparável em meio às provações e desafios do exílio. Da mesma forma, ao enfrentar a tribulação, o povo de Deus do tempo do fim também permanecerá fiel, especialmente durante o “tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação” (Dn 12:1). Como Daniel e seus amigos em Babilônia, os fiéis demonstrarão sabedoria e compreensão. Eles não apenas experimentarão a sabedoria como uma virtude pessoal, mas estarão comprometidos, como consequência dessa sabedoria, a levar os outros à justiça. Alguns morrerão ou serão assassinados e, portanto, retornarão ao pó, mas serão ressuscitados para a eternidade. Como declara o texto bíblico: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna” (Dn 12:2).

Miguel, nosso Príncipe

1. Leia Daniel 12:1. Quem muda o curso da História no tempo do fim? Como Romanos 8:34 e Hebreus 7:25 nos ajudam a entender o significado desse texto?

Cada capítulo de Daniel que estudamos até agora inicia-se mencionando o governante de uma nação pagã. Daniel 12 também começa com um governante, mas ao contrário de todos os outros capítulos, o governante é um Príncipe divino, que Se levanta para libertar o povo de Deus das mãos de seus inimigos.

Como vimos no estudo de Daniel 10, Miguel é o mesmo ser celestial poderoso que aparece a Daniel no rio Tigre. Ele surge ali como o representante celestial do povo de Deus. Ele também aparece em outras partes do livro de Daniel como o Filho do Homem (Dn 7), o Príncipe do exército (Dn 8) e o Ungido, o Príncipe (Dn 9). Portanto, Miguel, cujo nome significa “quem é como Deus?”, não deve ser outro senão o próprio Jesus Cristo.

É importante observar o momento da intervenção de Miguel. De acordo com Daniel 12:1, ela ocorre “nesse tempo” (Dn 12:1). Essa expressão se refere à época mencionada em Daniel 11:40-45. Esse é o período que se estende desde a queda do papado, em 1798, até a ressurreição no tempo do fim (Dn 12:2).

Dois aspectos importantes da obra de Miguel podem ser inferidos a partir do verbo “levantar” utilizado em Daniel 12:1 para descrever Sua ação. Primeiramente, esse verbo evoca o surgimento de reis para conquistar e governar. O verbo também tem primariamente uma conotação militar. Isso mostra que Miguel atua como um líder militar que protege o Seu povo e o conduz de maneira especial durante os últimos estágios do grande conflito.

Em segundo lugar, o verbo “levantar” também indica um cenário de juízo. Miguel “Se levanta” para agir como advogado no tribunal celestial. Como o Filho do Homem, Ele vem perante o Ancião de Dias para representar o povo de Deus durante o juízo investigativo (Dn 7:9-14). Portanto, o ato de Miguel Se levantar ou ascender nos lembra dos aspectos militares e judiciais de Sua obra. Em outras palavras, Ele está investido com o poder para derrotar os inimigos de Deus e com a autoridade para representar o Seu povo no tribunal celestial.

Pense no que significa saber que Miguel Se levanta em nosso favor, mesmo agora. Que esperança isso deveria nos dar como pecadores?

Inscrito no livro

2. Daniel 12:1 fala sobre “todo aquele que for achado inscrito no livro”. O que isso significa?

O momento da intervenção de Miguel também é descrito como um tempo de angústia sem paralelo. Isso corresponde ao tempo em que o Espírito de Deus será retirado da humanidade rebelde. Então as sete últimas pragas, como expressões da ira de Deus sobre as nações, serão derramadas sobre a Babilônia do tempo do fim (Ap 16; 18:20-24), e os poderes das trevas serão soltos sobre o mundo. A respeito desse tempo, Ellen G. White escreveu que “Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às soltas todos os elementos de contenda. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na Antiguidade” (*O Grande Conflito*, p. 614).

Mas o povo de Deus será libertado durante esse período terrível porque, no juízo investigativo conduzido no tribunal celestial, eles terão sido vindicados por Jesus, o Sumo Sacerdote celestial, e seus nomes estarão escritos no livro.

Para compreender o significado desse livro, devemos ter em mente que a Bíblia menciona dois tipos de livros celestiais. Um contém os nomes daqueles que pertencem ao Senhor e, às vezes, é chamado de “livro da vida” (Êx 32:32; Lc 10:20; Sl 69:28; Fp 4:3; Ap 17:8).

Além do livro da vida, as Escrituras mencionam livros contendo os registros das ações humanas (Sl 56:8; Ml 3:16; Is 65:6). Esses são os livros usados no tribunal celestial para determinar o compromisso de cada pessoa com o Senhor. São registros celestiais, “bancos de dados” que contêm os nomes e as ações de todo ser humano. Algumas pessoas desaprovam a ideia de ter seus nomes, e especialmente seus feitos, escritos no Céu. Mas, uma vez que entregamos nossa vida a Cristo, nossos nomes são inscritos no livro da vida, e nossas más ações são apagadas no juízo. Esse registro celestial apresenta evidência judicial para todo o Universo de que pertencemos a Jesus e, portanto, temos o direito de ser protegidos durante o tempo de angústia.

Por que somente a justiça de Cristo, creditada a nós, é a nossa única esperança de sermos achados inscritos “no livro”? Comente com a classe.

A ressurreição

3. Leia Daniel 12:2, 3. De qual evento ele falou nessa passagem? Considerando o que entendemos sobre a morte, por que esse evento é tão importante para nós? Assinale a alternativa correta:

- A. Da ressurreição. É importante porque justos e injustos serão salvos.
- B. Da ressurreição. Os justos terão a vida, e os ímpios, a vergonha eterna.

Daniel fez provavelmente a referência mais explícita do Antigo Testamento à ressurreição vindoura. E, à medida que refletimos sobre essa passagem, descobrimos algumas verdades muito importantes. Primeiramente, como a metáfora do “sono” indica, nenhuma alma imortal habita corpos humanos. O ser humano é uma unidade indivisível de corpo, mente e espírito. Na morte, a pessoa deixa de existir e permanece inconsciente até a ressurreição. Em segundo lugar, esse texto aponta para a ressurreição futura como uma reversão do que acontece como consequência do pecado. De fato, a expressão traduzida como “pó da terra”, na linguagem original de Daniel 12:2 é “terra do pó”. Essa sequência incomum de palavras remonta a Gênesis 3:19, que, ao lado desse verso de Daniel, é uma das duas únicas passagens bíblicas em que a palavra “terra” precede a palavra “pó”. Isso implica que o pronunciamento da morte feito na queda do ser humano será revertido, e a morte não mais prevalecerá. Como Paulo declarou: “Tragada foi a morte pela vitória” (1Co 15:54).

4. Leia Romanos 8:18 e Hebreus 2:14, 15. Por quais razões não precisamos temer a morte? Assinale a alternativa correta:

- A. Porque Cristo já a venceu. Ela não terá domínio sobre nós.
- B. Porque quando morremos continuamos existindo em outro plano.

A morte traz ruína e é o fim de tudo por aqui. Porém, recebemos a promessa de que ela não terá a última palavra para os fiéis. A morte é um inimigo derrotado. Quando Cristo quebrou as cadeias da morte e ressurgiu do túmulo, Ele lhe desferiu o golpe fatal. Agora podemos contemplar além da realidade temporária da morte à realidade suprema da vida que recebemos de Deus em Cristo. Visto que Miguel Se levantará (veja Dn 12:1), aqueles que pertencem a Ele também se levantarão da “terra do pó” para brilhar como as estrelas para todo o sempre.

O livro selado

5. Leia Daniel 12:4 e João 14:29. Por que o livro de Daniel deveria ser selado até o tempo do fim?

Na conclusão da última seção principal do livro (Dn 10:1–12:4), o profeta recebeu a ordem para o selar até o tempo do fim. Porém, imediatamente depois disso, o anjo predisse que muitos correriam de uma parte para outra (Dn 12:4, ARC), e o saber se multiplicaria (Dn 12:4, ARA). Embora alguns estudiosos de Daniel tenham tomado essas palavras como uma previsão do progresso científico, que também poderia ser incluído no significado, o contexto parece indicar que correr “de uma parte para outra” (ARC) se refira à busca do próprio livro de Daniel. De fato, quando lembramos a História, observamos que o livro de Daniel permaneceu, por séculos, uma obscura composição da literatura. Ele pode ter sido conhecido e estudado em certos lugares, mas alguns de seus principais ensinamentos e profecias permaneceram misteriosos. Por exemplo, as mensagens proféticas relacionadas à purificação do santuário celestial, ao juízo, à identidade e obra do chifre pequeno, juntamente com o cronograma de tempo relacionado a essas profecias, estavam longe de ser esclarecidas.

Contudo, a partir da Reforma Protestante, mais e mais pessoas começaram a estudar o livro de Daniel. No entanto, apenas no tempo do fim o livro foi finalmente aberto, e seu conteúdo mais completamente revelado. Como observou Ellen G. White, “desde 1798, porém, o livro de Daniel foi descerrado, aumentou-se o conhecimento das profecias, e muitos têm proclamado a mensagem solene do juízo próximo” (*O Grande Conflito*, p. 356). “No final do século 18 e início do século 19, despertou-se um novo interesse pelas profecias de Daniel e Apocalipse em diferentes lugares do mundo. O estudo dessas profecias difundiu a crença de que o segundo advento de Cristo estava próximo. Vários estudiosos na Inglaterra, Joseph Wolff no Oriente Médio, Manuel Lacunza na América do Sul e Guilherme Miller nos Estados Unidos, junto com outros estudiosos das profecias, declararam, com base no estudo das profecias de Daniel, que o segundo advento estava prestes a ocorrer. Essa convicção se tornou a força motivadora de um movimento mundial” (*Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 4, p. 970).

Pense na grande vantagem que temos hoje de poder lembrar a História e ver como as profecias históricas de Daniel se cumpriram. Isso nos ajuda a confiar nas promessas de Deus?

O tempo de espera

6. Leia Daniel 12:5-13. Como o livro foi concluído?

Curiosamente, a cena final ocorre no rio Tigre, o lugar da última importante visão de Daniel (Dn 10:4). No entanto, a palavra usada aqui não é a palavra hebraica comum para rio, mas o termo *ye'or*, que geralmente designa o rio Nilo. Isso nos lembra do Êxodo e mostra que, assim como o Senhor libertou Israel do Egito, Ele libertará o Seu povo no tempo do fim.

Três cronogramas proféticos foram apresentados. O primeiro deles (“um tempo, dois tempos e metade de um tempo”) responde à pergunta: “Quando se cumprirão estas maravilhas?” (Dn 12:6). As “maravilhas” se referem às coisas descritas na visão de Daniel 11, que são uma elaboração de Daniel 7 e 8. Mais especificamente, esse período de tempo foi mencionado em Daniel 7:25 e depois em Apocalipse 11:3; 12:6, 14 e 13:5. Ele também corresponde aos 1.260 anos de supremacia papal, que se estenderam de 538 d.C. a 1798 d.C. E Daniel 11:32-35 se refere à mesma perseguição sem mencionar sua duração.

Os outros dois períodos de tempo, 1.290 e 1.335 dias, respondem a uma pergunta feita pelo próprio Daniel ao homem vestido de linho: “Qual será o fim destas coisas?” (Dn 12:8). E ambos começam com a remoção do “sacrifício diário” e o estabelecimento da “abominação desoladora”. Na lição sobre Daniel 8, descobrimos que o sacrifício “diário” se refere à intercessão contínua de Cristo, que foi substituída por um sistema falsificado de adoração. Portanto, esse período profético deve começar em 508 d.C., quando Clovis, rei dos francos, converteu-se à fé católica. Esse importante evento preparou o caminho para a união entre Igreja e Estado, que prevaleceu ao longo da Idade Média. Assim, os 1.290 dias terminaram em 1798, quando o papa foi preso sob a autoridade do imperador francês Napoleão. E os 1.335 dias, o último período profético mencionado em Daniel, terminaram em 1843. Essa foi a época do movimento Milerita e do estudo renovado das profecias bíblicas. Foi um tempo de espera e esperança no retorno iminente de Jesus.

Ao longo de todo o livro de Daniel, vemos duas coisas: o povo de Deus sendo perseguido e, por fim, sendo justificado e salvo. Como essa realidade pode nos ajudar a permanecer fiéis, independentemente de nossas provações imediatas?

Estudo adicional

“As profecias apresentam uma sucessão de acontecimentos que nos levam ao início do juízo. Isto se observa especialmente no livro de Daniel. Entretanto, a parte de sua profecia que se refere aos últimos dias, Daniel teve ordem de fechar e selar até ‘o tempo do fim’. Não poderia, antes que alcançássemos o tempo do juízo, ser proclamada uma mensagem relativa ao mesmo juízo e baseada no cumprimento daquelas profecias. Mas, no tempo do fim, diz o profeta, ‘muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará’ (Dn 12:4, ARC).

“O apóstolo Paulo advertiu a igreja a não esperar a vinda de Cristo em seu tempo. ‘Porque não será assim’, diz ele, ‘sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado’ (2Ts 2:3, ARC). Não poderemos esperar pelo advento de nosso Senhor senão depois da grande apostasia e do longo período do domínio do ‘homem do pecado’. Esse ‘homem do pecado’, que também é denominado ‘mistério da injustiça’, ‘filho da perdição’ e ‘iníquo’, representa o papado, que, conforme foi anunciado pelos profetas, deveria manter sua supremacia durante 1.260 anos. Esse período terminou em 1798. A vinda de Cristo não poderia ocorrer antes daquele tempo. Paulo, com a sua advertência, abrange toda a dispensação cristã até ao ano de 1798. É depois dessa data que a mensagem da segunda vinda de Cristo deve ser proclamada” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 356).

Perguntas para discussão

1. Quais perigos enfrentamos ao estabelecermos datas para acontecimentos futuros do tempo do fim? O que ocorre com a fé de muitos quando esses eventos previstos não acontecem? Qual princípio profético essencial encontramos nas palavras de Cristo em João 14:29 que nos ajuda a entender como usar a profecia para nosso benefício espiritual e evitar a armadilha de fazer ou acreditar em falsas predições?
2. Hoje temos comunicação instantânea e incríveis avanços científicos que nem sempre são para o bem. Isso torna a ideia de um “tempo de angústia, qual nunca houve” (Dn 12:1) algo que não é tão difícil de imaginar? Por quê?
3. Somente pelo evangelho podemos ser inscritos no livro. Sem ele, que esperança temos?

Respostas e atividades da semana: **1.** Miguel, que vive para interceder por nós (Hb 7:25; Rm 8:34). **2.** Que Deus mantém um registro de todas as nossas ações (boas e más) para serem usadas na hora do juízo. Porém, com Seu sangue, Ele apaga as nossas más ações e escreve nosso nome no livro da vida. **3. B. 4. A. 5.** Porque aqueles acontecimentos não envolviam o tempo de Daniel. Foram revelados a fim de que, quando ocorressem, as pessoas cressem. **6.** O livro foi concluído com o Ser divino dizendo que Daniel não devia se preocupar com o tempo em que as coisas ocorreriam, pois ele descansaria e, um dia, seria levantado para receber a sua herança.



RESUMO DA LIÇÃO 13

Do pó às estrelas

ESBOÇO

TEXTO-CHAVE: *Daniel 12:3*

FOCO DO ESTUDO: *Daniel 12; Romanos 8:34; Lucas 10:20; Romanos 8:18; Hebreus 2:14, 15; João 14:29; Apocalipse 11:3*

INTRODUÇÃO: *Três tópicos na lição desta semana merecem atenção especial porque, nessas áreas, os Adventistas do Sétimo Dia têm visões distintas: o papel e a natureza de Miguel, a natureza específica da ressurreição e as profecias de tempo em Daniel 12.*

TEMAS DA LIÇÃO

1. Miguel, nosso Príncipe

Comentaristas cristãos, em geral, entendem que Miguel é um preeminente anjo. No entanto, há evidências bíblicas significativas que apontam para Miguel como o pré-encarnado Filho de Deus.

2. A ressurreição

A ressurreição descrita em Daniel não é a ressurreição geral, mas uma ressurreição especial, que acontecerá imediatamente antes da segunda vinda de Jesus.

3. Profecias de tempo

Várias tentativas foram feitas para interpretar as profecias de tempo mencionadas em Daniel 12 como períodos de tempo literais que se cumprirão no futuro. No entanto, as melhores evidências indicam que essas profecias de tempo coincidem com as profecias de longo alcance de Daniel 7, 8 e 9 e se sobrepõem a elas.

APLICAÇÃO PARA A VIDA: *Considerando que o Deus de Daniel é o nosso Senhor e nós somos o Seu povo, as promessas para o profeta também são nossas. Miguel, a saber, Jesus Cristo, é nosso representante no santuário celestial. Ele é o Deus vivo, que dirige a História e cuida de nós. Assim, podemos viver no presente e olhar para o futuro com alegria e confiança.*

COMENTÁRIO

1. Miguel, nosso Príncipe

Entre todos os personagens retratados no livro de Daniel, um deles merece atenção especial. Esse personagem aparece pela primeira vez para proteger os três hebreus na fornalha de fogo ardente. Seu nome não é mencionado, mas Nabucodonosor, mesmo partindo de uma perspectiva pagã, reconheceu imediatamente que Ele devia ser um “Filho dos deuses” (Dn 3:25). Então, na visão do juízo celestial, vemos o que aparenta ser o mesmo personagem, que Se manifesta como o Filho do Homem (Dn 7:13). Ele desempenha Suas funções como o representante dos santos. E “foi-Lhe dado domínio, e glória, e o reino” (Dn 7:14). Em seguida, Ele aparece como o “Príncipe do exército” (Dn 8:11), cujo ministério

sacerdotal foi usurpado pelo chifre pequeno. Finalmente, esse personagem surge como “Miguel” (Dn 10:13). Ele é chamado de “vosso Príncipe” (Dn 10:21) e “o grande Príncipe” (Dn 12:1). Ele é uma figura tanto sacerdotal quanto militar/real.

Em seu papel militar, esse guerreiro real luta contra as forças do mal simbolizadas pelo chifre pequeno, o rei do Norte e o príncipe da Pérsia. Por exemplo, o chifre pequeno, por usurpação, pretendia ser *grande (gdl)* para engrandecer-se até ao “Príncipe do exército” (Dn 8:11) e atacar o povo de Deus; Miguel, o *grande (gdl)* Príncipe, grande por direito, levanta-Se para defender Seu povo. A extrema oposição entre Miguel e os poderes contrários a Deus faz Dele o representante e a expressão do próprio Deus.

Note que a designação de Miguel como “um dos primeiros príncipes” (Dn 10:13) não contradiz as considerações anteriores. O mais provável é que essa expressão aponte para o chamado plural de plenitude, como quando Deus Se dirige a Si mesmo na primeira pessoa do plural – “Façamos” (Gn 1:26; Gn 11:7), “um de nós” (Gn 3:22), “por nós” (Is 6:8) – que indica uma pluralidade de “pessoas” dentro da Divindade. Miguel é um dos principais príncipes, porque, como Filho eterno, Ele é uma Pessoa distinta dentro da Divindade e um com o Pai.

Essa distinção é ainda mais enfatizada no Novo Testamento. Miguel liderou o exército celestial, que expulsou o dragão e seus anjos do Céu (Ap 12:7-9). Miguel, também chamado de “arcanjo”, disputou com o diabo o corpo de Moisés (Jd 9). De maneira surpreendente, a voz do “arcanjo” realizará a ressurreição dos santos na vinda de Jesus (1Ts 4:16). Não é de admirar que Cristo tenha associado a ressurreição com a voz do Filho do Homem (Jo 5:28, 29). Assim, a conclusão inevitável é que Miguel é Jesus.

2. A ressurreição

A primeira referência à ressurreição em Daniel 12:2 declara que tanto os justos como os ímpios ressuscitarão dos mortos ao mesmo tempo. Essa ressurreição acontece dentro da estrutura do tempo do fim, quando Miguel Se levanta para salvar Seu povo (Dn 12:1). Portanto, esse despertar deve ser uma ressurreição especial, porque, como é ensinado em outras partes das Escrituras, a ressurreição dos justos em geral acontecerá na segunda vinda de Jesus e a dos ímpios ocorrerá no fim do milênio. No entanto, a Bíblia apresenta evidências de uma ressurreição especial daqueles que crucificaram Jesus (Dn 12:2; Mt 26:63, 64; Ap 1:7) e dos que morreram na fé das três mensagens angélicas (Ap 14:13). Como o *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* resume de maneira apropriada: “Uma ressurreição especial precede o segundo advento de Cristo. ‘Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo’ se levantarão nessa hora. Além disso, os que contemplaram com zombaria a crucifixão de Cristo e os que mais violentamente se opuseram ao povo de Deus serão levantados de seus túmulos para ver o cumprimento da promessa divina e o triunfo da verdade (v. 4, p. 969; ver *O Grande Conflito*, p. 637; Ap 1:7).

Uma segunda referência à ressurreição ocorre em Daniel 12:13, que diferentemente da anterior, acontece no “fim dos dias”. Esse evento é a ressurreição geral dos justos, mencionada em outras partes das Escrituras. Daniel recebeu a promessa de que no “fim dos dias” ele se levantará para receber a sua herança. O termo “herança” (*goral*) evoca a herança (*goral*) atribuída a cada tribo depois que o povo de Deus entrou na terra prometida.

Esse termo lembra o Êxodo e a promessa da aliança de que Deus daria a terra ao povo. Daniel recebeu a mesma promessa. No fim, ele receberá a sua “parte” na nova criação, no novo Céu e na nova Terra. A ressurreição não é a transição de um estado material para um estado imaterial. Na verdade, é a transição de uma condição pecaminosa e degradada para um estado de perfeição. Desfrutaremos a vida em sua plenitude, na realidade concreta dos novos Céus e da nova Terra que Deus trará à existência (Is 65:17; Ap 21:1-5).

3. Profecias de tempo

Ao examinarmos os cronogramas proféticos mencionados em Daniel 12, devemos ter em mente que esse capítulo é uma conclusão e resumo de todo o livro. Três profecias específicas de tempo aparecem em Daniel 12. A primeira previu que “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” duraria até que “o poder [*yad*, “mão”] do povo santo [fosse] finalmente quebrado” (Dn 12:7, NVI). Essa profecia se refere ao tempo durante o qual os santos estavam na “mão” (*yad*) da entidade simbolizada pelo chifre pequeno (Dn 7:25), de acordo com Daniel 7. Esse período de três tempos e meio vai de 538 d.C., com o estabelecimento do papado, até 1798, quando o imperador francês Napoleão pôs fim ao governo secular do papado e assim “destruiu” o “poder” (*yad*) que oprimiu o povo de Deus.

O segundo tempo profético mencionado é o de “1.290 dias”. Essa profecia de tempo devia começar com a remoção do “diário” (*tamid*) e o estabelecimento da “abominação desoladora” (Dn 12:11). Esses eventos estão relacionados com a obra do chifre pequeno, que removeu o sacrifício diário e estabeleceu a abominação desoladora (Dn 8:9-12). Portanto, esse período profético deve coincidir com os “três tempos e meio” mencionados anteriormente. Seguramente esse tempo se estende até 1798. Nesse caso, remonta a 508 d.C. O principal evento que ocorreu em torno dessa data foi a conversão do rei francês Clóvis à fé católica. Esse importante acontecimento, comparável à conversão de Constantino ao cristianismo, preparou o caminho para a consolidação do poder papal. É interessante que tanto o início como o fim desse período profético são marcados pela ação de um líder francês.

Finalmente, o período profético de “1.335 dias” (Dn 12:12) vem com uma bênção aos que estiverem vivos até o fim desse tempo (veja também Ap 14:13). Nenhum ponto de partida ou de término é apresentado. Mas parece que esse período de tempo é uma continuação do período anterior dos “1.290 dias”. Assim, a partir da conversão de Clóvis em torno de 508 d.C. os 1.335 dias chegam a 1843/1844, quando a mensagem do primeiro anjo estava sendo pregada, e as 2.300 tardes e manhãs estavam chegando ao fim.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

“Um grupo de universitários ficou frustrado com a dificuldade de entender o livro de Daniel. Então, foram ao ginásio jogar basquete. Depois do jogo, eles notaram que um idoso zelador estava sentado no canto lendo. ‘O que você está lendo, João?’, perguntaram. ‘O livro de Daniel’, ele respondeu. ‘Oh, você não consegue entender isso’. ‘Sim, eu posso’, respondeu ele. ‘É bem simples. Deus vence’” (Adaptado de Bob Fyall, *Daniel: A Tale of Two Cities* [Daniel: Uma História de Duas Cidades], Great Britain: Christian Focus Publications, 1998, p. 151).

1. Como você lida com o fato de não entender tudo o que lê no livro de Daniel? Quais partes você ainda acha que são confusas e misteriosas? Qual é a mensagem de Daniel que você entende claramente?
2. Que diferença faz para sua vida saber que Miguel é o Filho de Deus? O que mudaria se Miguel fosse apenas um ser criado?
3. Como você relaciona as profecias de tempo de Daniel com a ação de Deus na História humana e em sua vida pessoal?
4. Se você não estiver vivo para suportar os eventos finais que assolarão a terra antes da vinda de Jesus, e se não passar pela sacudidura, a sua experiência seria de segunda categoria? E se o Senhor lhe disser: “Você descansará e, então, no final dos dias, você se levantará para receber a herança que lhe cabe” (Dn 12:13, NVI), você precisaria de mais alguma coisa, além dessa preciosa promessa? Justifique sua resposta.

Algumas das primeiras visões de Ellen White continham lâmpadas gloriosas do Céu e de como será a Nova Terra. Após estas visões, este mundo lhe parecia tão triste e desolador, comparado com o brilho e a beleza que ela tinha visto de forma tão real. Este livro reúne os principais pensamentos e descrições do Céu, o futuro lar dos remidos. Fala também das atividades a serem desenvolvidas pelos salvos, da certeza da volta de Jesus, do fim do sofrimento, e de como o Céu pode ser experimentalmente em nossa vida de agora. Este livro vai fazer você esquecer de um lar que nem esteve lá.

Como é o Céu?

Esta obra apresenta o depoimento de uma pessoa que esteve no Céu e voltou para contar. Seu relato anima os leitores a desejar estar onde Deus está e aguardar com esperança a Sua volta.

WhatsApp
 cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | ☎ 15 98100-5073
 Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

MKT/CPB | Focélia

f t w y /cpbeditora

Lição do próximo trimestre: Como interpretar as Escrituras
Autores: Frank e Michael Hasel

Lição 1

28 de março a 4 de abril

A singularidade da Bíblia

VERSO PARA MEMORIZAR: “Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra e, luz para os meus caminhos” (Sl 119:105).

Leituras da semana: Dt 32:45-47; Gn 49:8-12; Is 53:3-7; 1Co 15:3-5, 51-55; Rm 12:2

1. Leia Deuteronômio 32:45-47. Como Moisés descreveu a Palavra de Deus e seu poder na vida dos hebreus prestes a entrar na Terra Prometida?
2. Leia João 1:1-5, 14; João 14:6. O que esses textos nos ensinam sobre Jesus e a vida eterna? Como o Verbo encarnado Se relaciona com a revelação e a inspiração das Escrituras?
3. O que os seguintes textos revelam sobre os escritores bíblicos e suas origens? (Êx 2:10; Am 7:14; Jr 1:1-6; Dn 6:1-5; Mt 9:9; Fp 3:3-6; Ap 1:9).
4. Como os textos a seguir revelam detalhes do Messias vindouro?
Gn 49:8-12 _____
Sl 22:12-18 _____
Is 53:3-7 _____
Dn 9:2-27 _____
Mq 5:2 _____
Ml 3:1 _____
Zc 9:9 _____
5. Leia 1 Coríntios 15:3-5, 51-55; Romanos 8:11; e 1 Tessalonicenses 4:14. O que essas passagens ensinam não apenas sobre a verdade histórica da ressurreição de Cristo, mas sobre seu significado pessoal para nós?
6. Leia 2 Reis 22:3-20. O que fez com que o rei Josias rasgasse suas vestes? Como a sua descoberta mudou não somente ele, mas toda a nação de Judá?
7. Como a Bíblia nos assegura que tem o poder para mudar nossa vida e nos mostrar o caminho para a salvação? Leia João 16:13, João 17:17, Hebreus 4:12 e Romanos 12:2.

Estudo adicional

Textos de Ellen G. White: *O Grande Conflito*, p. 593-602 (“Nossa Única Salvação”); *O Desejado de Todas as Nações*, p. 662-680 (“Não se Turbe o Vosso Coração”).

“Em Sua Palavra, Deus conferiu aos seres humanos o conhecimento necessário à salvação. As Santas Escrituras devem ser aceitas como autoritativa e infalível revelação de Sua vontade. Elas são a norma do caráter, o revelador das doutrinas, a pedra de toque da experiência religiosa” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 9).

Muitos morreram por defender a Palavra de Deus. O Dr. Rowland Taylor, ministro inglês, resistiu à imposição da missa católica durante o reinado de Maria Sanguinária (1553-1558 d.C.) em sua paróquia de Hadley, Inglaterra. Foi expulso da igreja e ridicularizado por sua adesão às Escrituras. Então, apelou ao bispo de Winchester, o Lorde Chanceler da Inglaterra, mas este o mandou para a prisão e, por fim, o enviou para a fogueira. Pouco antes de sua morte em 1555, ele falou estas palavras:

“Bom povo! Eu lhes ensinei apenas a santa Palavra de Deus e as lições que tirei de Seu livro abençoado, a Bíblia Sagrada. Eu vim aqui neste dia para selá-la com meu sangue” (John Foxe, *The New Foxe’s Book of Martyrs* [O novo Livro dos Mártires de Foxe], reescrito e atualizado por Harold J. Chadwick. North Brunswick, Nova Jersey: Bridge-Logos Publishers, 1997, p. 193). O Dr. Taylor foi ouvido repetindo o Salmo 51 pouco antes que o fogo fosse aceso e ele entregasse sua vida.

Perguntas para discussão

1. As profecias confirmam a origem divina da Bíblia e fortalecem nossa fé?
2. Por que a evidência de Jesus como o Messias é tão poderosa?
3. Jesus e os apóstolos demonstraram fé inabalável na fidedignidade e autoridade divina das Sagradas Escrituras. Por exemplo, quantas vezes Jesus Se referiu às Escrituras e disse que elas deviam ser cumpridas, geralmente em referência a Si mesmo? (Veja, por exemplo, Mt 26:54, 56; Mc 14:49; Lc 4:21; Jo 13:18; Jo 17:12). Assim, se o próprio Jesus levou as Escrituras (no Seu caso, o Antigo Testamento) tão a sério, especialmente em termos de profecias que estavam se cumprindo, qual deveria ser nossa atitude diante da Bíblia?

Respostas e atividades da semana: 1. A. 2. Jesus Cristo é a vida eterna. Ele é o Verbo encarnado e criou todas as coisas. A Palavra escrita é a manifestação do Verbo. 3. Os escritores da Bíblia tiveram origens diferentes. As circunstâncias de seu chamado foram diferentes. 4. Gênesis 49:8-12: o Messias viria como leão, e o cetro não se apartaria de Judá; Salmo 22:12-18 e Isaías 53:3-7: o Messias sofreria ao ser cercado por malfeitores, ter Seus pés e mãos traspassados e ao lançarem sorte sobre Ele; Daniel 9:2-27: no tempo previsto, o Ungido viria e seria morto, e o sacrifício diário cessaria; Miqueias 5:2: o Messias viria de Belém-Efrata; Malaquias 3:1: o Messias viria como o Anjo da Aliança; Zacarias 9:9: o Salvador, como rei, montaria em um jumentinho. 5. B. 6. F; 7. O Espírito da verdade está na Bíblia. Ela testifica da verdade e tem o poder para transformar nosso interior.

Tabela do pôr do sol

1º Trimestre de 2020

	Manaus	Porto Velho	Belém	Santarém	Fortaleza	Recife	Salvador	Vitória
3 jan	18h13	18h33	18h21	17h47	17h44	17h37	18h01	18h23
10 jan	18h16	18h36	18h25	17h50	17h47	17h40	18h02	18h25
17 jan	18h18	18h38	18h27	17h52	17h50	17h41	18h04	18h26
24 jan	18h20	18h39	18h29	17h54	17h52	17h43	18h05	18h25
31 jan	18h20	18h39	18h30	17h55	17h53	17h43	18h04	18h24
7 fev	18h21	18h39	18h31	17h56	17h53	17h43	18h04	18h22
14 fev	18h20	18h38	18h31	17h56	17h53	17h41	18h02	18h18
21 fev	18h20	18h35	18h30	17h55	17h52	17h40	17h59	18h14
28 fev	18h18	18h33	18h29	17h53	17h50	17h37	17h56	18h09
6 mar	18h16	18h29	18h27	17h52	17h48	17h34	17h51	18h03
13 mar	18h13	18h26	18h25	17h49	17h46	17h31	17h47	17h57
20 mar	18h11	18h23	18h23	17h47	17h43	17h27	17h43	17h51
27 mar	18h08	18h19	18h20	17h44	17h40	17h23	17h38	17h45

	Cuiabá	Brasília	Campo Grande	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Curitiba	Porto Alegre
3 jan	18h22	18h42	18h19	18h34	18h40	18h56	19h10	19h29
10 jan	18h23	18h44	18h21	18h35	18h41	18h57	19h11	19h29
17 jan	18h25	18h45	18h22	18h36	18h41	18h57	19h11	19h29
24 jan	18h25	18h45	18h21	18h35	18h41	18h56	19h10	19h27
31 jan	18h23	18h44	18h20	18h34	18h39	18h54	19h07	19h24
7 fev	18h22	18h43	18h17	18h32	18h36	18h51	19h04	19h20
14 fev	18h19	18h41	18h14	18h29	18h32	18h46	19h00	19h14
21 fev	18h16	18h38	18h10	18h25	18h28	18h41	18h55	19h08
28 fev	18h11	18h34	18h05	18h20	18h23	18h36	18h49	19h01
6 mar	18h05	18h29	17h59	18h14	18h16	18h28	18h41	18h52
13 mar	18h00	18h24	17h53	18h08	18h10	18h22	18h34	18h43
20 mar	17h55	18h19	17h47	18h03	18h03	18h15	18h27	18h35
27 mar	17h49	18h14	17h41	17h57	17h56	18h08	18h20	18h26

Reflexão: Mais importante do que saber a hora exata do início do sábado é ter a consciência de que a verdadeira santificação desse dia deve começar no princípio de cada semana. Viva cada momento preparando o coração para o dia do Senhor.

Você pode obter o horário do pôr do sol específico de sua cidade nos seguintes sites: www.cptec.inpe.br/; www.accuweather.com/default.aspx; www.timeanddate.fasterreader.eu/pages/pt/sunrise-calc-pt.html; www.floridaconference.com/info/sunset.



AMAZONAS
MANAUS
SÃO GERALDO
 (92) 3304-8288 / (92) 98113-0576
 Av. Constantino Nery, 1212
 69050-000
 manaus@cpb.com.br

BAHIA
CACHOEIRA
FADBA
 (75) 3425-8300 / (75) 99239-8765
 Rod. BR 101, km 197
 44300-000
 factba@cpb.com.br

SALVADOR
NAZARE
 (71) 3322-0543 / (71) 99407-0017
 Av. Joana Angélica, 1039
 40050-001
 salvador@cpb.com.br

CEARÁ
FORTALEZA
CENTRO
 (85) 3252-5779 / (85) 99911-0304
 R. Barão do Rio Branco, 1564
 60025-060
 fortaleza@cpb.com.br

DISTRITO FEDERAL
BRASILIA
ASA NORTE
 (61) 3321-2021 / (61) 98235-0008
 SBN | Bl. A | Qd. 1 | Lj. 17/23 | Ed. Number One
 70711-900
 brasilia@cpb.com.br

GOIÁS
GOIÂNIA
SETOR CENTRAL
 (62) 3229-3830
 Av. Goiás, 786 | Quadra 12 | Lote 82
 74020-200
 goiania@cpb.com.br

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE
CENTRO
 (67) 3321-9463
 R. Quinze de Novembro, 589
 79002-140
 campo.grande@cpb.com.br

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE
CENTRO
 (31) 3309-0044 / (31) 99127-1392
 Rua dos Guajajaras, 860
 30180-100
 belo.horizonte@cpb.com.br

PARÁ
BELÉM
MARCO
 (91) 3353-6130
 Tv. Barão do Triunfo, 3588
 66095-055
 belem@cpb.com.br

PARANÁ
CURITIBA
CENTRO
 (41) 3323-9023 / (41) 99706-0009
 R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Loja 1
 80420-210
 curitiba@cpb.com.br

PERNAMBUCO
RECIFE
SANTO AMARO
 (81) 3031-9941 / (81) 99623-0043
 R. Genésio Pires, 631
 50050-070
 recife@cpb.com.br

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO
TUJUCA
 (21) 3872-7375
 R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A
 20520-053
 rio@cpb.com.br

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE
CENTRO
 (51) 3026-3538
 R. Coronel Vicente, 561
 90030-041
 porto.alegre@cpb.com.br

SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO
UNASP/EC
 (19) 3858-1398 / (19) 98165-0008
 Rod. SP 332, km 160 | Faz. Lagoa Bonita
 13445-970 – Cx. Postal 11
 unasp@cpb.com.br

HORTOLÂNDIA
PARQUE ORTOLÂNDIA
 (19) 3503-1070
 R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
 13184-010
 hortolandia@cpb.com.br

SANTO ANDRÉ
CENTRO
 (11) 4438-1818
 Tv. Lourenço Rondinelli, 111
 09020-120
 santo.andre@cpb.com.br

SÃO PAULO
MOEMA
 (11) 5051-1544
 Av. Jurtli, 563
 04520-001
 moema@cpb.com.br

PRAÇA DA SÉ
 (11) 3106-2659 / (11) 95975-0223
 Praça da Sé, 28 | 5º Andar
 01001-000
 se@cpb.com.br

VILA MATILDE
 (11) 2289-2021
 R. Gil de Oliveira, 153
 03509-020
 vila.matilde@cpb.com.br

TATUÍ
LOJA DA FÁBRICA
 (15) 3205-8905
 Rod. SP 127, km 106
 18279-900
 loja.fabrica@cpb.com.br



CONHEÇA NOSSAS
LIVRARIAS EM TODO O BRASIL
LITERATURA PARA SEU BEM-ESTAR TOTAL